



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**TÍTULO**

**“CAMPINA GRANDE SE VESTE COM AS CORES DA EMOÇÃO E SE MOSTRA  
COM A CARA DA ALEGRIA”: PRÁTICAS DO ESPAÇO E DAS ARTES DE AMAR  
NA FESTA DA MICARANDE.**

**FRANCISCA KELLY GOMES CRISTOVAM**

Campina Grande – PB  
Março de 2012

FRANCISCA KELLY GOMES CRISTOVAM

“CAMPINA GRANDE SE VESTE COM AS CORES DA EMOÇÃO E SE MOSTRA  
COM A CARA DA ALEGRIA”: PRÁTICAS DO ESPAÇO E DAS ARTES DE AMAR  
NA FESTA DA MICARANDE.

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em  
História da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito  
para obtenção do título de Mestra em  
História, Área de concentração  
em Cultura, Poder e Identidades.  
Campina Grande, 2012.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Coelli Gomes do Nascimento

Campina Grande-PB  
Março de 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

C933c Cristovam, Francisca Kelly Gomes.

“Campina Grande se veste com as cores da emoção e se mostra com a cara da alegria”: práticas do espaço e das artes de amar na festa da Micarande / Francisca Kelly Gomes Cristovam. - Campina Grande, 2012.

145f.: il., color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Coelli Gomes do Nascimento.  
Referências.

1. Campina Grande - História. 2. Micarande. 3. Relações Afetivas. 4. Contemporaneidade. I. Título.

CDU 94(813.3)(043)

FRANCISCA KELLY GOMES CRISTOVAM

“CAMPINA GRANDE SE VESTE COM AS CORES DA EMOÇÃO E SE MOSTRA  
COM A CARA DA ALEGRIA”: PRÁTICAS DO ESPAÇO E DAS ARTES DE AMAR  
NA FESTA DA MICARANDE.

Aprovada em 30 de Março de 2012.

COMISSÃO EXAMINADORA:

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Regina Coelli Gomes do Nascimento  
(Orientadora)

---

Examinadora Interna: Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Christina de Andrade Lima

---

Examinadora Externa: Dr<sup>a</sup>. Eronides Câmara de Araújo

---

Suplente interno: Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

---

Suplente Externa: Dr<sup>a</sup>. Patricia Cristina de Araujo Aragão (UEPB)

## DEDICATÓRIA

*Ao poder divino, DEUS por ter me permitido uma vida de saúde, paz e sabedoria, embora nem sempre tenha a sabedoria suficiente para saber agradecer. Louvo-te senhor por essa e tantas outras conquistas, pois sei que sem ti nada sou.*

*Aos meus queridos pais, José Cristovam da Silva (in memoriam) e Ambrozina Gomes da Silva por todo amor recebido e ensinamentos.*

*A todos(as) entrevistados(as).*

## AGRADECIMENTOS

*Anjo Bem*

*Banda Eva*

*[...] Sim, um vento até soprou  
Que a luz ia me acompanhar  
E quando a chuva vem  
Não tenho medo e sei que você vai cuidar de mim [...]*<sup>1</sup>

O momento de agradecer é ter a sabedoria que na vida não somos nada sozinhos e que carecemos do olhar divino para nos guiar, como também do outro que nos afeta, transforma em nossa construção e nos ajuda a mudar nosso pensar e caminhar cotidiano. Esse outro que encontramos foi “Anjo Bem”, que ao vento soprar favorável ou não, contribuíram para sentir a vida mais leve e feliz, no pular e correr atrás dos diversos blocos carnavalescos e trios elétricos da minha vida. Assim, nos socializamos e aproximamos ao som de diferentes ritmos com diversos atores sociais que nos proporcionaram transformações, seja no falar ou no silêncio, que muitas vezes falava mais que palavras proferidas.

Assim, fomos/somos recepcionados por diversos anjos do bem que caminha(ra)m conosco, munindo-nos de carinho, ouvir e orientar, quando nos deparamos em momentos delicados de dor, saudade e angústia, mas também nas conquistas, alegrias e festas. Os conselhos, sorrisos e afetos nos possibilitou crescer no pessoal e profissional. E agora festejamos a oportunidade de dizer obrigada aos que foram significantes para nós.

Agradeço de coração aos meus pais – José (In Memoriam) e Ambrozina, e aos irmãos - Marcina, José Filho, Socorro, Neto, Odete e Renê, vocês, os meus sustentáculos, que nos amamos e até discordamos em alguns momentos, mais nossos sentimentos afáveis conseguem ser superior a qualquer discordância. E mesmo, às vezes vocês não compreendendo minhas escolhas e ausência, foram meus pilares e a certeza do amor verdadeiro presente em minha vida.

Agradeço a minha orientadora Regina Coelli por ter aceitado dividir esse momento de alegrias e angústias comigo. Obrigado pelos ensinamentos, paciência, amizade e por ter entrado nessa festa de muitas danças e músicas. Você muitas vezes

---

<sup>1</sup> Fonte: <http://www.vagalume.com.br/banda-eva/anjo-bem.html#ixzz1m580VB2b> visitado em 26 de fevereiro de 2012. Composição: Leonardo Reis e Saulo Fernandes. Esta e outras músicas utilizadas nesta dissertação estão sem a data da composição porque não foi encontrada durante a pesquisa.

mostrou os melhores espaços a percorrer e dialogar, ou optou pelo seu silêncio e me permitiu fazer escolhas para seguir festejando, na árdua tarefa que é ser mestranda.

Agradeço aos demais professores da Unidade Acadêmica de História e Geografia e do Programa de Pós-Graduação em História da UFCG, pelas lições aprendidas e debatidas durante a vida acadêmica. In memória a Fábio Gutemberg, um dos incentivadores a produzir e pesquisar no curso, durante as disciplinas Paraíba I e II. Em especial, a Silêde Leila, professora e amiga, que foi a primeira a me ajudar a pensar trabalho relacionado a essa temática; a Iranilson Buriti pelas várias leituras, dicas e incentivo para construção desse e outros textos; a Eronildes Araújo, que na universidade encontrei em projeto, disciplinas, estágio docência, suas dicas, carinho, apoio e leituras foram valiosas, me ajudaram a colocar no papel parte dessa pesquisa. Aos que foram somente professores e aos que foram professores amigos, obrigada pelo incentivo e amizade de vocês. E por extensão agradeço aos funcionários da Unidade e Programa acima referido, e da coordenação do curso de História, pelos trabalhos e orientações prestados.

Aos professores da banca examinadora da qualificação – Martha Lúcia, Durval Muniz e Iranilson Buriti pelas contribuições para a construção desta dissertação. E aos professores da banca de defesa da dissertação obrigada por dividirem esse momento comigo, pela atenção dispensada à leitura e argüições para produção deste trabalho.

Aos colegas e amigos de mestrado da turma do ano de 2010, que apesar do pouco tempo de convívio, muitos aprendizados me ensinaram através das discussões nas aulas, no café nos intervalos das mesmas e diversas conversas. Como foram significantes os momentos compartilhados na academia e fora dos muros da UFCG com vocês, as risadas, conversas, festas e o compartilhar angústias, as palavras de incentivo e o acalantar as lágrimas um dos outros. Em especial, agradeço a Sâmala Sonaly, , um dos maiores ganhos desse mestrado foio sua amizade; Lauriceia, que juntamente com Sâmala, no momento mais difícil (quando meu pai foi para outra vida) se preocuparam tanto comigo nessa cidade, me ligavam e davam tantas palavras de carinho e apoio, a atenção de vocês ajudou a abrandar minha dor e perceber o quanto é importante um abraço amigo. Sandreylza pela amizade, por lembrar na sua correria de reserva um tempinho para entrar em contato e saber como estar à vida, obrigada por dividir os momentos acadêmicos e pela amizade. Ivone pelas conversas, diversões, leituras textuais e empréstimos financeiros. A Neide pelo carinho e preocupação comigo, sua dedicação e o ombro amigo fez a diferença nos encontros e desencontros desse período acadêmico.

Aparecida com sua sabedoria, humor e carinho nas nossas conversas. A Karina, Auriane, Cibele, Rosineide, Rômulo, Bruno, Emerson e Liélia pelo carinho, diversões e contribuições. Enfim, com todos dessa turma de mestrado foram encontros e discussões marcantes, a cada um de vocês da turma desejo sucesso e felicidades. Irei procurar guardar as melhores lembranças e carinho dos nossos encontros, desencontros e de aprendizado significantes.

A Verônica, Nayara e Franciele pela amizade de vocês, pelo tempo para leitura e sugestões para esse texto. A Joelma com sua contribuição da pesquisa do Pibic Junior sobre o meu objeto de estudo. A Kalyna pelas inúmeras conversas, desabafos e risadas.

Aos funcionários do Jornal da Paraíba, em especial a Fabiana responsável pelo arquivo do jornal; do Diário da Borborema, principalmente o senhor Severino, seu Biu; do Museu Histórico de Campina Grande, particularmente a Fátima; e aos funcionários das Secretarias de Turismo e de Eventos da Prefeitura Municipal de Campina Grande. A todos vocês obrigada pelo trabalho prestado, pela gentileza do atendimento e as dicas durante a pesquisa.

Aos entrevistados e as entrevistadas desse trabalho muito obrigada pelos depoimentos e histórias de vida de vocês. As narrativas e experiências compartilhadas comigo, com suas histórias, olhares de vida e saber colaboraram não apenas para elaboração desse trabalho, mas também no meu pessoal. Desejo que vocês tenham muitos anos de festas e boas relações afetivas a comemorar.

Por fim agradeço aos demais familiares e todos os amigos, que foram/são importantes para minha construção, que estiverem/estão ao meu lado, e ajudaram a transformar minhas experiências, por compartilhar pedaços de si e contribuíram para a elaboração de meus textos acadêmicos e da pessoa que sou hoje. Nessa festa carnavalesca da vida em que afetamos e somos afetados, dançamos, cantamos, pulamos com tantos “Anjo Bem” importantes, coloco neste momento meus sinceros agradecimentos e votos que vocês, com os nomes citados ou guardados nas minhas lembranças, tenham festas e amores revigorantes e intensos.

*O historiador não é profeta, mas um leitor obcecado pelas diversidades de símbolos da vida e das inscrições que marcam cada objeto da cultura. Essa leitura cuidadosa faz com que assinale que as maldades sobrevivem sem demônios visíveis, há espaço incomensurável para a invenção e a descoberta.*

*Antonio Paulo Rezende*

## RESUMO

Neste trabalho de dissertação discutimos sobre as práticas do espaço e das artes de amar dos foliões da Micarande que participaram de blocos festivos de axé, entre os anos de 1990 a 2008, na cidade de Campina Grande. Para tal, tivemos como base para a análise a pesquisa realizada no Jornal da Paraíba e Diário da Borborema, depoimentos orais com vários sujeitos envolvidos na festividade, material de publicidade disponível nas secretarias de Evento e Turismo da Prefeitura Municipal e no Museu Histórico de Campina Grande. Problematicamos como a Micarande pratica o espaço e as relações afetivas produzindo significados do efêmero, da multiplicidade, do contingencial, do momentâneo como um fenômeno da contemporaneidade. Desse modo, elaboramos três capítulos que denominamos de Blocos, assim no primeiro Bloco apresentamos a construção histórica da festa, o espaço da Micarande e os diversos estilos de blocos festivos. No segundo Bloco discutimos sobre as novas configurações das indumentárias carnavalescas e nas relações afetivas amorosas – ficar e paquerar dos foliões da Micarande. E no terceiro Bloco, propomos a discussão como as relações afetivo-amorosas são vividas e subjetivadas entre os gêneros e nas identidades dos sujeitos micarandiantes dentro dos blocos festivos de axé na cidade de Campina Grande. Na elaboração e análise dos referidos Blocos foram estabelecidas discussões teórico-metodológicas fundamentados em conceitos dos seguintes autores: Certeau (1994), referente às discussões sobre o conceito de espaço praticado; Ferreira (2004) e Santos (2005) que tratam sobre Carnaval; Justo (2005), Rieth (1998), Bauman (2004), Costa (1999) que discutem sobre as sensibilidades afetivo-amorosas na contemporaneidade; Louro (1996) e Araújo (2008) que discutem sobre corpo; Hall (2006) que discorre sobre o conceito de Identidade cultural na pós-modernidade; Carvalho (2010) e Scott (1995) com as leituras e reflexões das relações de gênero;

**PALAVRAS-CHAVE:** Micarande, Relações Afetivas, Contemporaneidade

## ***ABSTRACT***

In this paper we discuss the practice space and the arts of love Micarande of revelers who attended the festive *axé* blocks, between the years 1990 to 200, at Campina Grande city. Thus, based on analysis of the newspapers: *Jornal da Paraíba* and *Diário da Borborema*, oral testimony with several individuals involved in the festival, publicity material available from the Department of Tourism Event and City Hall and the Historical Museum of Campina Grande, we prepared three chapters, called blocks. Micarande discussed how to practice space and affective relationships producing meanings of the ephemeral, the multiplicity of contingency, the momentary as a contemporary phenomenon. We refer to the three chapters of Blocks, so the first block and present the historical construction of Micarande space and the various styles of festive blocks. In the second block we discussed the new settings of carnival costumes and love in the emotional relationships - stay and flirt Micarande of the revelers. And in the third block, we propose to discuss how the relationships are loving, affectionate and lived subjectivized between genders and identities of the subjects micarandantes within blocks of festive *axé* in the Campina Grande city. In the preparation and analysis of these blocks were established theoretical and methodological discussions grounded in concepts of the following authors: Certeau (1994), referring to discussions on the concept of space practiced; Ferreira (2004) and Santos (2005) that deal with Carnival; Justo (2005), Rieth (1998), Bauman (2004), Costa (1999) who argue about the affective-loving sensibilities in contemporary, Louro (1996) and Araújo (2008) to discuss body, Hall (2006) that discusses the concept of cultural identity in postmodernity, Carvalho (2010) and Scott (1995) with readings and discussions of gender relations.

**KEYWORDS:** Micarande, Affective Relationships, Contemporaneity

## SUMÁRIO

<b>1 BLOCO I .....</b>	<b>13</b>
<b>2 BLOCO II “EXPLOSÃO DE ALEGRIA NA SERRA DA BORBOREMA”: A FESTA E AS PRÁTICAS DO ESPAÇO EM BLOCOS CARNAVALESCOS NA MICARANDE .....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 Cenário da folia: história da festividade da Micarande.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2 Pipocando por ruas da cidade: Os Blocos e os micarandiantes.....</b>	<b>45</b>
2.2.1 Atrações à parte na Micarande: Bloco da Saudade, Zé Pereira e as Virgens.....	58
<b>3 BLOCO III NOVAS CONFIGURAÇÕES NAS INDUMENTÁRIAS CARNAVALESCAS E NAS RELAÇÕES AFETIVAS.....</b>	<b>65</b>
<b>3.1 As indumentárias - passaporte da festa: da mortalha ao abada.....</b>	<b>65</b>
<b>3.2 “Solteiro(a) sim, sozinho(a) nunca”: novas configurações afetivas vividas por foliões na Micarande.....</b>	<b>76</b>
<b>4 BLOCO IV “O HOMEM GERALMENTE, ELE SE COMPORTARIA COMO O CAÇADOR E A MULHER COMO A CAÇA”: RELAÇÕES AFETIVAS DE GÊNERO E DE IDENTIDADE.....</b>	<b>96</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>128</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>134</b>

**BLOCO I****Tão Sonhada****Banda Eva***Arrumei a casa, preparei o coração  
Esperando sua chegada, tão sonhada**Vesti o melhor sorriso,  
Espalhei pelo chão, o perfume da rosa mais enfeitada  
Pra te colorir e te cobrir de bem querer!**Tá faltando você pra ficar perfeito  
Aprendi a amar assim do seu jeito  
E aceito ser seu e viver esse amor<sup>2</sup>*

Campina Grande<sup>3</sup>, 10 de abril de 2008, uma noite de quinta-feira, foi quando participei pela primeira vez como foliã<sup>4</sup> da Micarande no bloco<sup>5</sup> “Coco Bambu”, o mesmo que estive presente nos outros três dias seguintes. A euforia e a ansiedade começaram desde a compra do abadá<sup>6</sup>. Entretanto, foi realmente no dia inicial da festa que a adrenalina agitou mais ainda meus sentimentos e minhas emoções.

Por volta das dezenove horas começava a me arrumar, procurava usar short e blusa confortáveis, e ao mesmo tempo elegantes, que dessem forma e beleza ao meu corpo. Por cima desta roupa vestia meu abadá que tinha sido reformado, e aos meus olhos estava lindo. Fazia a maquiagem procurando realçar o olhar usando lápis preto e sombras com brilho furta-cor, destacando meus olhos em contato com a luz; ajeitei o cabelo deixando-o amarrado para não ficar desorganizado em meio à agitação da festa

---

<sup>2</sup> Fonte: <http://www.vagalume.com.br/banda-eva/tao-sonhada.html#ixzz1m4vmIBEc> visitado em 18 de fevereiro de 2012. Composição de Saulo Fernandes.

<sup>3</sup>O município de Campina Grande possui uma área de 970 km<sup>2</sup>. A cidade situa-se a uma altitude de aproximadamente 550 metros acima do nível do mar, na região oriental do Planalto da Borborema, distante 130 km da capital do Estado, João Pessoa. Campina Grande ocupa um importante pólo comercial na região da Borborema, além se destacar nos setores educacional, tecnológico, industrial e do turismo. Foi elevada a categoria de município em 11 de outubro de 1864 de acordo com a Lei Provincial nº 137. Atualmente, a cidade possui uma média de habitantes acima dos 350 mil. Dados disponíveis em <http://www.helderda-rocha.com.br/paraiba/campina/geografia.html> visitado em 05 de junho de 2011.

<sup>4</sup> Pessoa do sexo feminino que participava dentro dos blocos carnavalescos para brincar tal festa.

<sup>5</sup> Blocos aos quais nos referimos são formados por grupos de pessoas. Para fazer parte desse grupo tinha que estar com uma blusa que identifica tal bloco - o abadá. Os blocos formados na Micarande eram puxados por atrações musicais. Sobre os blocos discutiremos no decorrer do texto.

<sup>6</sup> Blusa oficial da festa. Cada bloco confeccionava sua blusa com seu nome característico e desenhos gráficos, assim o folião estava identificado para entrar no bloco.

durante o percurso do trio elétrico<sup>7</sup>. Ou seja, pensei em toda uma tática<sup>8</sup> estética, assim como pensaram também minhas amigas e outros participantes em cada noite de festa.

Toda essa tática estética era pensada no intuito de termos uma espetacular e inesquecível festa nas noites da Micarande uma vez que esta era para mim, como bem descreve a música acima citada: “Tão Sonhada”, tendo em vista que significava um momento especial, como também para tantos outros foliões, que me permitia arrumar a casa, o corpo, o coração, o sorriso, bem como espalhar o perfume da festa no ar, fazendo sonhar e sentir os espaços da cidade cobrindo-a de bem querer com as fantasias e o brilho proporcionado pelo amor à festa carnavalesca. Assim, vibrar com os amores experimentados e/ou conquistados na Micarande ou de outros espaços que permeavam a festa. Naquele momento, para inúmeras pessoas, o que mais contava era a festa, amá-la do seu jeito, ao som do axé e de outros ritmos, vestidas com o abadá, fantasias ou seguir na pipoca<sup>9</sup>, mas amando e se entregando aos prazeres do festejo, e aos poucos, deixava de ser sonhada/esperada e se tornava realidade.

Na referida data e ano citado inicialmente, lembro-me que parte da cidade estava alegre, agitada e decorada para vivenciar mais um ano de folia carnavalesca em vários cantos de Campina Grande. As pessoas comentavam sobre a Micarande, as atrações musicais que iam embalar os blocos, os sorrisos nos rostos e as expectativas dos participantes da cidade e dos turistas para os dias da festa.

As ruas por onde passavam os trios elétricos e os blocos com seus foliões estavam decoradas com arcos e lâmpadas coloridas, deixando-as bonitas e iluminadas para a passagem dos blocos e de seus diversos participantes. A animação e a ansiedade se estendiam para muitas casas, pois várias pessoas se deixavam contagiar pela alegria e euforia que a Micarande proporcionava para parte da sociedade.

No Parque do Povo<sup>10</sup>, os camarotes<sup>11</sup> e as arquibancadas<sup>12</sup> estavam montados e organizados a espera do público que ia brincar em mais uma edição da Micarande. O

---

<sup>7</sup> Os trios elétricos surgiram da mistura de estilos musicais que buscava unir o arcaico e o moderno, gêneros de influências internacionais e nacionais. Os trios elétricos são carros grandes de sons que levam as atrações musicais que animam as festas carnavalescas; em especial, os carnavais fora de época que são festas móveis realizadas em diversas cidades do Brasil. Sobre tal ideia ver FERREIRA, Felipe. O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

<sup>8</sup> CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer/Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

<sup>9</sup> Pessoas que acompanhavam a festa fora do cordão de isolamento.

<sup>10</sup> O Parque do Povo possui uma área de 42 mil e 500 metros quadrados situada no centro de Campina Grande. É o local onde são realizados alguns eventos da cidade, pode-se citar o São João, festa junina de Campina Grande; Encontro Para a Consciência Cristã. E quando tinha Micarande, servia de local para preparar o folião para encerrar a festa. O Parque do Povo foi inaugurado em 1986. De acordo com

Parque do Povo, lugar considerado por críticos e jornalistas locais apoteose da festa, era previamente preparado e ornamentado para acolher o público da festa. No referido espaço ficava um palco montado onde diversos artistas se apresentavam até a chegada dos blocos, animando o público que lá se encontrava. O espaço intencionalmente ocupado servia também como uma divulgação das festividades juninas, um convite, especialmente aos turistas, ao retorno à cidade no mês de junho.

Dessa forma, havia toda uma preparação por parte da sociedade campinense, pelo poder público local, pelos donos de blocos; pelos hotéis que recebiam inúmeros turistas que vinham brincar na Micarande; pelo comércio que nesse período aquecia suas vendas de acessórios, roupas, calçados, alimentos e bebidas; por parte das polícias que montavam um esquema especial de trabalho para a festa e para a cidade no intuito de garantir uma Micarande sem tantos transtornos e violência; como também uma mobilização por parte da imprensa (rádios, jornais escritos, redes de TV) local e da região que fazia parte, seja na divulgação e/ou transmissão da festa, divulgando a euforia e todo frenesi de emoções dos diversos atores envolvidos na Micarande.

Era assim que a cidade, os foliões e os diversos participantes se preparavam para pular, cantar, brincar e assistir a passagem dos trios elétricos, principalmente às margens do Açude Velho<sup>13</sup> e no Parque do Povo, lugares onde a festa ganhava mais atenção e a sua animação se destacava, seja por parte dos foliões ou dos múltiplos participantes da festa, inclusive os artistas que entusiasmavam ao público com suas músicas.

Vale ressaltar, que nem todos podiam e/ou queriam ir ao local da festa, daí a opção de ficar em sintonia com as transmissões ao vivo nos diferentes pontos da festa por meio da imprensa (rádios e redes de TV). Havia também parte dos moradores da

---

Santos (2009) o local onde funciona o Parque do Povo era um terreno que foi desapropriado pelo poder público de Campina Grande, e antes era denominada e “encravada uma favela chamada de “Coqueiros de Zé Rodrigues””. Tal decisão da prefeitura e seus administradores foi uma estratégia para afastar do centro da cidade um espaço que deixava marcas de “feiuura e mal” aos olhos, seja de parte de moradores da cidade ou de turistas. Assim, a desapropriação e construção de um espaço planejado e arquitetado que estivesse de acordo com discursos engrandecedores elaborados para a cidade Campina Grande.

<sup>11</sup> São cabines montadas para receber pessoas que desejam brincar com mais conforto, muitos camarotes durante a Micarande eram montados no Parque do Povo e colocadas atrações musicais ou estilo boate para animar o público até a chegada dos trios elétricos e blocos.

<sup>12</sup> Lugares montados com uma estrutura mais simples, sem o conforto e luxo oferecido a exemplo da maioria dos camarotes.

<sup>13</sup> O Açude Velho é localizado no centro da cidade de Campina Grande, foi inicialmente uma fonte de abastecimento de água para esta cidade e região. Depois, quando a cidade passou a ter abastecimento encanado de água, sua finalidade inicial se perdeu, e, hoje, é um cartão postal e patrimônio histórico para Campina Grande.

cidade que não gostavam da Micarande e, por isso, desejavam o fim da mesma, inclusive promoviam passeatas e confeccionavam cartazes contra, pois argumentavam que a festa era violenta e conseqüentemente vidas estavam sendo perdidas<sup>14</sup>.

As festas carnavalescas me encantam com toda frenesi de suas batidas, brilhos nas roupas e nos olhos dos foliões, agitação de blocos tradicionais e também dos modernos que reinventam danças e formas de brincar. Foi assim, que nasceu meu desejo de pesquisar sobre a Micarande logo após a minha participação na festa em 2008, quando me senti envolvida com o aglomerado de sentimentos, emoções múltiplas e histórias carnavalescas, bem como dos relatos e narrações de amores vividos e experimentados por diferentes foliões.

Quando acabou a Micarande em 2008, estava na universidade decidindo sobre o que pesquisar para a realização do trabalho final do curso de Licenciatura<sup>15</sup> em História pela Universidade Federal de Campina Grande (doravante UFCG), e em uma das orientações<sup>16</sup> recebidas veio à sugestão de trabalhar com as configurações amorosas na contemporaneidade<sup>17</sup> e na festa carnavalesca citada. Desde então, venho pesquisando e escrevendo textos relacionados a tais temáticas. Dentre estes minha monografia da Licenciatura em História e do Bacharelado<sup>18</sup> em História, ambos pela UFCG; e o trabalho final na Especialização em História do Brasil e da Paraíba pela FIP<sup>19</sup>. Nestes

<sup>14</sup> A violência na Micarande, apesar do poder público evitar divulgar, apresentou índices altos principalmente nos últimos anos. Encontramos no decorrer da pesquisa nos jornais matérias e indícios acerca da violência. Imagens que a folia atraía foliões e participantes mal intencionados, que já iam preparados para promover a violência, como roubar, brigar e até matar.

<sup>15</sup> Nesse período participava também na Universidade dos projetos “*Pedagogia Multicultural: Em cenas (des) encontros intergeracionais na família e na escola*”, o projeto era orientado pela professora Keila Queiroz, o mesmo inseria-se no PAIR, que consiste num programa de ações extensionistas e de pesquisa interdisciplinar. E o projeto “*Pedagogia multicultural: uma experiência de educação intergeracional em escolas públicas paraibanas*”, tal projeto era orientado pela professora Silêde Leila, o mesmo era desenvolvido em parceria com o programa PROLICEN. Ambos os projetos trabalhava com a temática geração.

<sup>16</sup> A professora Silêde Leila da Unidade acadêmica de História da UFCG foi à orientadora do trabalho intitulado “As novas estéticas emocionais: culturas jovens e configurações sentimentais contemporâneas” de conclusão de curso, Licenciatura em História, defendido em setembro de 2008.

<sup>17</sup> Essa palavra está sendo empregada neste trabalho, no sentido de referir a questões mais da atualidade e próxima dos nossos dias.

<sup>18</sup> Trabalho intitulado “Novas configurações afetivo-sentimentais contemporâneas” em blocos carnavalescos da Micarande (1998-2008), defendido em 2010, orientado pela professora Regina Coelli Gomes do Nascimento que faz parte da Unidade Acadêmica de História da UFCG e do Programa de Pós-graduação em História da UFCG, filiada à linha II “Cultura, Poder e Identidades”. A mesma é graduada e doutora em História. E foi também a orientadora do mestrado.

<sup>19</sup> O curso de Especialização foi pelas Faculdades Integradas de Patos - FIP durou um ano e estudamos disciplinas de História e Geografia do Brasil e da Paraíba, Oficinas pedagógicas e Metodologia da Pesquisa em História. O mesmo era realizado na cidade de Campina Grande. O trabalho defendido em 2010 foi intitulado “Amores de época?”.

trabalhos discutimos sobre a categoria de juventude que brincou a festa citada. Esse trabalho foi realizado com pesquisas através de entrevistas.

Os estudos com a referida festa e suas questões amorosas pareciam não cessar meus questionamentos a seu respeito. Foi assim que elaborei o projeto para seleção do mestrado para a turma de 2010, com grande gula historiográfica, propondo pesquisar sobre *Festa e Juventude*, pretendendo comparar os comportamentos dos jovens foliões da Micarande com os comportamentos das pessoas que tinham brincado na sua juventude os carnavais tradicionais dos anos de 1955 a 1965 em Campina Grande. Fui aprovada na seleção do mestrado e ao iniciarmos as aulas, logo nas primeiras semanas, confirmei a minha orientadora<sup>20</sup>, e durante as orientações (re)pensamos o projeto. Optamos pesquisar apenas sobre os Blocos de Axé Music da Micarande, focalizando nosso olhar para as relações afetivo-amorosas dos sujeitos micarandiantes<sup>21</sup>, mas não temos como referência apenas a categoria de juventude, pois levamos em consideração ser uma festa na qual participaram pessoas de diversas gerações.

Esclarecemos, ainda, que a nossa escolha apenas pelos blocos de Axé Music da Micarande se deu a partir das entrevistas realizadas, pois nossos depoentes saíram todos nesses estilos de blocos, e também por considerarmos que o tempo curto do mestrado não daria para realizar uma pesquisa e discutir sobre os diferentes estilos, como os Blocos da Saudade, Zé Pereira, Virgens, os infantis, APAExonados, pois estes apresentaram um perfil distinto dos blocos de Axé Music. Assim, escolhemos deixá-los para inseri-los em outro momento e projeto.

Prosseguimos com nossas discussões e pesquisas sobre a festa da Micarande, e sobre a afetividade das artes<sup>22</sup> de amar na contemporaneidade. Mas nesse novo momento buscamos investigar os diversos foliões da festa, problematizando como a Micarande – festa carnavalesca e atemporal<sup>23</sup> – pratica<sup>24</sup> o espaço e as relações afetivas produzindo significados do efêmero, da multiplicidade, do contingencial, do momentâneo como um fenômeno da contemporaneidade.

---

<sup>20</sup> Professora Regina Coelli Gomes do Nascimento

<sup>21</sup> Este termo foi utilizado primeiro pela autora desta dissertação no trabalho de Licenciatura em História citado anteriormente.

<sup>22</sup> Utilizamos a palavra artes no sentido de dizer que as pessoas da contemporaneidade nos seus relacionamentos utilizam-se de diversas formas de amar.

<sup>23</sup> Essa palavra é utilizada no sentido que a Micarande era realizada fora do período oficial do carnaval.

<sup>24</sup> Ver conceito de lugar praticado em: CERTEAU, Michel de. *A Invenção de Cotidiano: 1-artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

A nossa proposta de trabalhar com as sensibilidades e identidades afetivas das artes de amar em Campina Grande, parte do princípio de que a sociedade passou e ainda passa por transformações significativas incididas com a Revolução Cultural e Sexual<sup>25</sup> ocorrida nos anos de 1960, em que os códigos morais, religiosos e econômicos vigentes, até então, foram questionados e contestados por alguns sujeitos da sociedade, possibilitando repensar as relações. Tais mudanças proporcionam as mulheres e aos homens mutações nas suas relações, tanto no âmbito público como no privado, modificações essas sentidas e vivenciadas no decorrer dos anos aqui na Paraíba e em especial Campina Grande.

Nosso trabalho está inserido na linha II de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em História - PPGH da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, intitulada “Cultura, Poder e identidades”. Tal linha de pesquisa agrega discentes e docentes de História e áreas afins que discutam em seus trabalhos as relações de poder, de cultura e/ou questões de identidades. Nossa temática dialoga com a referida linha, além de ser precursora na PPGH-UFCG, de novas discussões e perspectivas sobre os comportamentos afetivo-amorosos na contemporaneidade e na festa da Micarande.

Esta dissertação dialoga sobre as identidades de alguns atores participantes da Micarande, evento que emergiu após o declínio dos antigos carnavais campinenses e passou a fazer parte do calendário oficial da cidade. Tal prática cultural existente nos anos de 1990 a 2008, logo no início ganha o gosto de parte dos moradores da cidade e turistas da região, como também do Brasil. Nesse sentido, destacamos a relevância do nosso trabalho para o PPGH-UFCG, pois damos visibilidade e dizibilidade à discussão de cultura e identidade com o nosso recorte temático.

Assim, ao dissertarmos sobre festa e as relações de afetividade das artes de amar em Campina Grande, manteremos um diálogo com autores que tratam da temática. Dessa forma estaremos apontando a especificidade do nosso objeto e recorte com nossas escolhas e concepções históricas. Na escrita desse texto, tivemos como base teórica, discussões da História Cultural e das Sensibilidades. As mesmas têm possibilitado a pesquisadores de diversas áreas, e em particular a nós historiadores, perceber como se dão as transformações sociais, as relações cotidianas, a quebra de fronteiras e paradigmas elaborados historicamente.

---

<sup>25</sup> A Revolução Cultural e Sexual foi uma explosão social que desafiou os códigos tradicionais na forma de conceber o comportamento ligado à sexualidade humana e aos relacionamentos interpessoais. Ocorreu em todo o mundo ocidental durante os anos de 1960 e no decorrer dos anos de 1970. Tais movimentos possibilitaram mutações nos códigos de comportamento sexual e certamente na cultura.

De acordo com a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2005) as inovações na História trazidas pela vertente cultural possibilitaram mudanças no conceber dos estudos históricos, tanto em relação aos novos temas pesquisados, quanto pelo aumento da produção historiográfica. Para a autora as transformações vieram com:

[...] mudança nos anos 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da *New Left*, em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz no mundo pós-guerra. Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História (PESAVENTO, 2005, p. 8)

Tais mudanças epistemológicas vindas com a História Cultural se relacionam a nova postura do historiador e ao o uso de novos conceitos ligados as novas sensibilidades, a partir das relações de sociabilidades e do cotidiano. Segundo Pesavento (2005) a intenção da História Cultural seria interpretar a realidade do passado por meio das práticas e discursos, pelos quais os sujeitos apresentam si próprios e o mundo. Para a mesma, pode se dizer que no campo da História Cultural:

[...]o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas (PESAVENTO, 2005, p. 51).

Desta forma, o presente texto traz um novo olhar dentre tantos outros possíveis de ser escrito. Neste, também compartilhamos com a História das Sensibilidades a partir do dialogo com Rezende (2006)<sup>26</sup> que discute sobre a historiografia da contemporaneidade, afirmando que a mesma é construída de pedaços e de possibilidades de serem lançadas múltiplas questões e olhares sobre um mesmo fato.

---

<sup>26</sup> REZENDE, Antônio Paulo. 'As seduções do efêmero e a construção da história: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo'. In: Marina HaizenrederErtzogue&Temis Gomes Parente (orgs). História e Sensibilidade. Brasília: Paralelo 15, 2006.

De acordo com Rezende (2006) para perceber a vida que vem em pedaços, “é preciso cegueiras lúcidas, para tatear os objetos que tremem a cada toque” (REZENDE, 2006, p. 36). Ele nos chama a atenção para que fiquemos em alerta com quais palavras utilizamos para tratar de nós mesmo e do outro, pois estas podem ser armaduras que destroem com traços e disfarces sutis, e que usualmente têm sido pronunciadas palavras na sociedade com rebeldia, como verdade única que maltrata o próximo.

Para Rezende (2006), a história é a construção da arte de narrar à vida e o cotidiano, em um tempo próximo ou distante, a partir de memórias coletivas ou individuais, em que o historiador busca afirmar seu lugar de conhecimento e uma verdade dos pedaços fragmentados da vida. Mas, “a memória não é história, mas fica sendo a reprodução de suas sombras e o trabalho de representá-las, longe do seu momento cronológico”(REZENDE, 2006, p.41).

Nesse sentido, a história é uma edificação de possibilidades que transmitem significados e significações construídos a partir do nosso olhar do presente e das lembranças ou memórias do passado que veem carregados de subjetividades. E o historiador, como nos lembra o autor citado acima, não é um adivinhador e sabedor de tudo, porém um leitor investigador, atento à multiplicidade de símbolos da vida e dos registros que apresentam cada objeto da cultura e do cotidiano.

Dentro dessa perspectiva, dissertaremos no decorrer do texto, dentre alguns conceitos<sup>27</sup>, os relacionados à festa, espaço, identidade, gênero e relações afetivo-amorosas, entrelaçando tais conceitos com a pesquisa da Micarande e das relações de afetividades dos amores líquidos e carnavalescos dos sujeitos em Campina Grande. Procuraremos recortar os silenciamentos, os lugares “indizíveis” produzidos pela historiografia inspirada na história oficial. Assim, promovermos certo olhar no encontro com o outro e nos colocaremos em constante transformação enquanto pesquisadores e seres sociais.

Ao discutir sobre festa, Roberto Da Matta (1984) coloca que desde o Brasil independente foram pensadas as “festas da ordem” – os ritos cívicos e religiosos, com o intuito de agrupar as diferenças sociais, mas mantendo as hierarquias e poderes estabelecidos socialmente. Podem-se citar, dentre outras, as paradas militares, as solenidades cívicas, as procissões, os festejos religiosos. De acordo com este autor:

---

<sup>27</sup> Os conceitos para os historiadores são ferramentas essenciais que servem para questionar, comotambém ajuda na compreensão da História e seus paradigmas.

Em geral, todas essas festas comemoram ou celebram alguma coisa que, supomos, realmente aconteceu. A vida de um santo é uma história exemplar a ser imitada pelos homens, e a procissão que ao santo se dedica diz um pouco dessa caminhada terrena para o Céu, reproduzindo-a numa espécie de teatro cristão que é o ritual religioso. [...] O homem é um animal que busca o sentido em tudo – esta é a sua sina. E tais ocasiões são situações privilegiadas em que os grupos se comprazem na busca de um sentido profundo para suas vidas. (Da Matta, 1984: 89)

Da Matta (1984) discute também outros tipos de festas em que “tudo” pode acontecer, como no caso do carnaval, que liga a casa, a rua e outro mundo. Para ele, o carnaval é o momento em que sociedade transmite uma maior liberdade, pelo menos para grande maioria, nesse período é proibido proibir. É o momento em que todas as portas e fronteiras estão acessíveis, ou pelo menos parecem estar. Há um intuito de deixar “todos” por igual, juntar, momento de evitar as diferenças, desse modo, as “festas da desordem” geram efêmeras re-arrumações na sociedade.

Penso que o carnaval é basicamente uma inversão do mundo. Uma catástrofe. Só que é uma reviravolta positiva, esperada, planejada e, por tudo isso, vista como desejada e necessária em nosso mundo social. Nele, conforme sabemos, trocamos a noite pelo dia; ou, o que é ainda mais inverossímil: fazemos uma noite em pleno dia, substituindo movimentos da rotina diária pela dança e pelas harmonias dos movimentos coletivos que desfilam num conjunto ritmado, como uma coletividade indestrutível e corporificada na música e no canto. [...] (Da Matta, 1984: 74).

As festas são comemorações de natureza sociocultural que permeiam a sociedade, transformando a rotina e o cotidiano das pessoas, bem como a prática econômica e produtiva. As festas podem ser um espaço de lazer, de produtividade, da transgressão, da inversão. Especificamente, as festas carnavalescas para muitos, são ocasiões em que comumente se conferem os conflitos de um mundo sem lei e fronteiras, de uma liberdade permitida somente pelo momento festeiro, no qual os sujeitos divulgam suas práticas sociais.

Nessa discussão sobre festa, em particular as carnavalescas, uma contribuição para nosso estudo é o olhar que Oliveira (2009) desperta no seu trabalho sobre o “Bloco da Saudade”. E sua definição sobre festa:

Hoje, a festa assume um aspecto muito particular. O evento articula-se diretamente na lógica da sociedade o consumo, presando as características mercadológicas de produção de símbolos e imagens geradores de sentidos. [...] a festa carnavalesca se constitui no Brasil como símbolo da identidade nacional, com características singulares de: irreverência, sátira, alegria exacerbada e comunhão, em que, a “quebra de hierarquia” neste espaço, se torna singular e a intitula de “festa de todos”. (OLIVEIRA, 2009. P 46)

Na contemporaneidade, as festas passam a assumir novas lógicas, momento de diversão, comércio e (re) definições de identidade(s). Assim, discutir a festa da Micarande e as questões afetivas dos micarandiantes na contemporaneidade é perceber o quanto a festa e os sujeitos foram plurais, mas também particulares, pois cada edição da festa promovia emoções e sensações experimentadas de forma singular por cada folião.

Analisar tal festa é entender que as fronteiras rigorosas e intransigentes determinadas pelos Estados Modernos viraram porosas<sup>28</sup>, e que há artifício híbrido na elaboração das artes das sociabilidades, no qual pode ser questionado a partir das condições históricas, sociais e das mutações dos sujeitos.

No tocante as mutações dos sujeitos e da sociedade, destacamos as transformações de festejar o carnaval com a criação dos trios elétricos, que segundo Ferreira (2004) foi iniciado na cidade de Salvador no Estado da Bahia<sup>29</sup>, e foram inventados a partir de 1951, quando acontecia na cidade à apresentação do clube carnavalesco Misto Vassourinhas, um conhecido grupo de frevo do Recife<sup>30</sup> que estava na cidade de passagem, pois o mesmo estava indo para a cidade do Rio de Janeiro. Segundo Ferreira (2004), no decorrer do desfile desse grupo um dos integrantes se feriu não continuando interrompendo a apresentação, o que deixou muitos participantes frustrados. Percebendo então a alegria contagiante das pessoas nas vésperas do período carnavalesco, os músicos Dodô e Osmar organizaram um desfile para o domingo de Carnaval, no qual usaram um carro velho – denominada de fobica --

---

<sup>28</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

<sup>29</sup> O Estado da Bahia é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está localizado ao sul da região Nordeste é o maior Estado da região, o mesmo faz limite com 8(oito) outros estados federados brasileiros. Ocupa uma área de 567 295,669 km<sup>2</sup>. Dados disponíveis em <http://pousoalegreba.no.comunidades.net/index.phpvisitado> e 16 de junho de 2011.

<sup>30</sup> Capital do Estado do Pernambuco.

e ligaram na bateria um sistema de som. A partir daí, estava fundado o Carnaval elétrico.

Nos primeiros anos da década de 1960 com uma maior organização, esse tipo de comemoração, já recebendo apoio de patrocinadores, passou a usar um caminhão que foi cada vez mais se estilizando, dando origem e formato aos famosos trios elétricos atuais. Em paralelo a essa inovação tecnológica, nos anos seguintes o folião também foi se estilizando com roupas padronizadas – mortalhas e depois os abadá, e tendo sua separação do restante dos expectadores por meio de cordas indicando a que grupo pertencia.

De tal modo, que nos anos de 1980, o Carnaval baiano transforma-se num empreendimento mercadológico, sendo imitado por várias cidades, ao criarem carnavais fora de época, a exemplo da Micarande em Campina Grande, o segundo Carnaval fora de época do país.

No nosso olhar sobre a festa e as sensibilidades afetivas das artes de amar, caminhamos, gesticulamos, cantamos, dançamos, namoramos, passeamos para analisar a construção de significados atribuídos aos micarandantes nas suas afetividades amorosas. Para tanto, utilizamos como fontes de pesquisa folhetos de divulgação da Micarande utilizados pelo poder público e disponível para pesquisa no Museu Histórico e Secretarias de Turismo e Evento da Prefeitura Municipal de Campina Grande, além dos depoimentos orais<sup>31</sup> e jornais escritos - Jornal da Paraíba e Diário da Borborema, no intuito de problematizar/operacionalizar nosso objeto de estudo.

As fontes para os historiadores são consideradas como heranças verbais e imagéticas que formam o museu de fragmentos deixados pelas sociedades próximas ou distantes da nossa. O historiador nessa empreitada, ao ler as fontes cria possibilidades e inventa com os fragmentos possíveis, a partir da leitura de documentos, linguagens e monumentos a ser investigados, analisados e desnudos do seu sentido. Portanto, no dialogo com nossas fontes propomos operacionalizar, investigar, ler e atribuir sentidos ao nosso texto a partir da leitura dessas fontes.

No que se referente ao uso das narrativas orais, lembramos que a memória é estabelecida na relação do passado com o presente, e que a mesma passa por transformações a partir das experiências estabelecidas socialmente. De acordo, com

---

<sup>31</sup> Os nomes dos entrevistados aparecerão na dissertação com nomes fictícios, atendendo ao pedido dos mesmos de preservar suas identidades. O perfil de cada depoente aparecerá a medida que apresentarmos a primeira narrativa de cada um. E no final da dissertação anexaremos as cartas de autorização dos mesmos para publicação do trabalho.

Albuquerque Júnior (2007), a experiência constitui a relação entre o passado e o presente, e institui o aspecto do passado a partir da leitura dos grupos sociais do presente<sup>32</sup>.

A experiência mantém uma relação de aproximação com as narrativas orais e com as memórias, com as práticas e seus significados. Assim, quando o historiador propõe fazer uso de tal fonte, ele também ressignifica. De acordo com Albuquerque Júnior (2007), a relação entre memória e história é:

Na memória *fica o que significa*, na História se ressignifica o que fica, esta é a violência do historiador que, com seus conceitos, atribui novos significados ao que ficou guardado nas memórias; recortando-as, reconstruindo-as, desmanchando suas telas. Violar memórias faz com que seja gestada a História que esta sempre em busca de um novo sol para orientá-la. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 207)

Consideramos também, como explicita Thompson (1997), que compomos as nossas lembranças para dar sentido ao nosso passado e ao presente. Para tanto, utilizamos as linguagens e os significados atuais. Assim, na memória permanece o que é mais significativo, e no trabalho de artesanato do historiador este, busca transgredir as memórias para investigar a História, que comumente trilha por novos caminhos e novos lugares em busca de vestígios.

Nessa dissertação utilizamos as memórias, as experiências e as lembranças dos foliões e de outros atores sociais que percorreram sobre a festa da Micarande e as artes de amar na contemporaneidade. Tais registros foram importantes para nós, pois com esses conhecimentos podemos elaborar nossa escrita e pensar sobre as práticas nos espaços de sociabilidades em Campina Grande, tendo em vista que os depoimentos orais narrados foram a partir do olhar do que é mais significativo e do lugar de cada depoente que nos forneceram informações importantes para indagarmos sobre o “ficar” e “paquerar”, e as afetividades dos foliões dentro dos blocos, das relações de gênero e identidade, do viver nos padrões da “pós-modernidade” na cidade referida.

Quanto às fontes impressas utilizamos os periódicos e os guias publicitários. De acordo com Tania Regina de Luca (2005), o uso de jornais para a escrita da História

---

<sup>32</sup> Para mais informações ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: \_\_\_\_\_. *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

no Brasil é algo mais recente. Ela destaca que até os anos 1970 poucos historiadores faziam uso da imprensa como meio de pesquisa. Entretanto, na referida década, o estatuto da imprensa passa por mudanças, e desta forma tornou-se mais solicitado como objeto de pesquisa histórica.

O uso da imprensa para a escrita da História pode fornecer respostas para diversas questões, sejam políticas, sociais, econômicas, culturais, sociabilidades, esportes, etc. A escolha da imprensa na nossa pesquisa torna-se de fundamental importância ao entendermos que ela é um meio de divulgar, informar, mas também instrumento de manipulação e intervenção do social.

Nesse sentido, ressaltamos que como qualquer outra fonte, ela não está isenta da imparcialidade, pois há os jogos de interesses dos grupos que a constituem, e estes muitas vezes ficam ao lado de determinados grupos políticos ou outros, que mantêm uma relação de favores. Todavia, procuraremos manter certa distância ao ler tais fontes.

No nosso trabalho, a pesquisa na imprensa – Jornal da Paraíba, Diário da Borborema e alguns guias e folhetos de divulgação e propaganda da Micarande - contribui com as discussões sobre o surgimento da festa e sobre a agitação da cidade nos dias de festejos, as repercussões sociais, com imagens dos blocos e foliões e as diversas reportagens de apoio e /ou crítica. As fontes são consideradas por nós como discursos que constituem vestígios confeccionados em diferentes condições de possibilidade. Por isso esclarecemos que não temos o intuito de mostrá-las como provas concretas e infalíveis, mas sim como material de expressão fabricante de sentido de determinados acontecimentos, invenções e tempo histórico. Assim, não elegemos ou faremos distinção de valor entre os documentos pesquisados.

Para nos auxiliar na leitura e escrita de nosso artesanato, dialogamos com Michel Foucault (2006) no que concerne às discussões sobre análise do discurso. Para o mesmo as práticas discursivas são ditas e proferidas de certo lugar de fala, instituição, saber e poder. De acordo com tal autor, pode ser considerado discurso não apenas o sistema de dominação, mas também o que e como se luta para conquistar determinado lugar. Assim o discurso não é apenas a demonstração e o que manifesta o desejo, mas é também o objeto do desejo<sup>33</sup>.

De acordo com Foucault (1995) cada sociedade busca na sua produção do discurso controlar e estabelecer seu lugar de fala. O autor propõe um método de análise

---

<sup>33</sup> Ideia construída a partir das obras: FOUCAULT, M. *A ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996; e VEIGA-NETO, Alfredo. *Michel Foucault e a Educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

histórica que tem o discurso como *saber* e não como ciência, com isso considera o discurso um campo de regularidade para distintas posições de subjetividade e os modos de enunciação que se estabelecem pelo jogo de relações de poder. Assim, segundo Foucault (1995), o *saber* não está designado apenas em demonstrações, é possível que esteja também em ficções, ponderações, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas<sup>34</sup>.

Tal debate sobre o conceito de discurso nos permite uma análise ao nosso objeto de estudo apresentado nesta dissertação, que está dividida em Blocos<sup>35</sup>. Sendo o **Bloco I**, composto por essa parte introdutória, em que apresentamos o interesse pela temática, à relação com a Linha de Pesquisa, as fontes pesquisadas e a estrutura da dissertação.

No **Bloco II**, intitulado - “**Explosão de alegria na serra da Borborema**”: **a festa e as práticas do espaço em blocos carnavalescos na Micarande** - terá como objetivo fazer uma discussão sobre as práticas do espaço, a emergência e a dinâmica da festa na cidade de Campina Grande. Neste Bloco, dialogamos principalmente com as fontes: Jornal da Paraíba, Diário da Borborema e material de publicidade.

No **Bloco III**, intitulado - **Novas configurações nas indumentárias carnavalescas e nas relações afetivas** - discutiremos as transformações e as novas configurações das indumentárias, da mortalha ao abadá, e as relações afetivas “ficar” e “paquerar”. Neste Bloco dialogaremos com material cedido por entrevistados (imagens fotográficas), recortes de jornal e depoimentos orais.

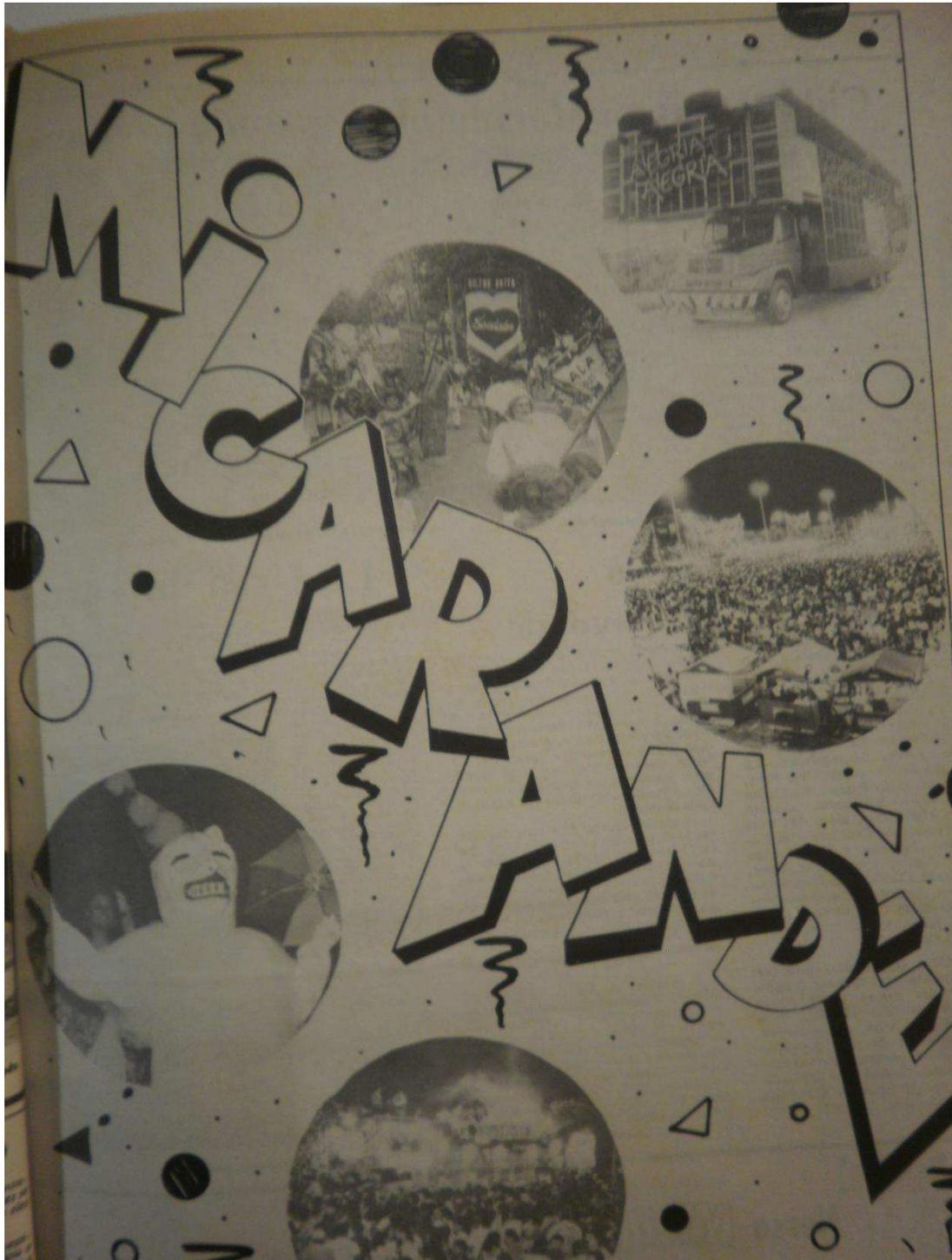
No **Bloco IV**, intitulado - “**O homem, ele geralmente se comportaria como o caçador e a mulher como a caça**”: **relações afetivas de gênero e de identidade** – trataremos como as relações afetivo-amorosas são vividas e subjetivadas entre os gêneros e nas identidades dos sujeitos micarandiantes dentro dos blocos festivos de axé na cidade de Campina Grande. Conversaremos, principalmente com fontes dos depoimentos orais.

Portanto, são estas as diretrizes que buscamos eleger para a referida dissertação e para nosso lugar de pensadores sociais. É a partir das ferramentas destacadas que iremos operacionalizar e historicizar a festa da Micarande e as suas relações de afetividades das artes de amar em Campina Grande, bem como da contemporaneidade.

<sup>34</sup>Para saber mais sobre o estudo de tal conceito ver:Foucault, Michel. *A arqueologia do saber*.4ª. edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

<sup>35</sup>Esta dissertação apresenta-se dividida em diferentes capítulos que denominamos de “Blocos” em referência aos blocos festivos que se apresentaram na Micarande.

Para tanto, convidamos o leitor desta dissertação para dançar, cantar, pular e amar dentro dos blocos conosco, com as histórias e narrativas desenhadas nesse texto. Assim, apresentaremos no item seguinte a discussão sobre a festa em Campina Grande e as práticas do espaço da Micarande.

**BLOCO II****“EXPLOSÃO DE ALEGRIA NA SERRA DA BORBOREMA”: A FESTA E AS PRÁTICAS DO ESPAÇO EM BLOCOS CARNAVALESCOS NA MICARANDE**

36

<sup>36</sup> Fonte: Jornal da Paraíba, Caderno especial sobre a Micarande, capa, Campina Grande, quinta-feira, 21.04.1994 (Grifo no original).

## COMO SURTIU A MICARANDE.

Surgida em 1990, a Micarande partiu de uma ideia: (...) fazer uma grande festa inspirada no modelo da “Micareta” que acontece em Feira de Santana (BA), tendo sido o nome adaptado para Micarande – Carnaval fora de época de Campina Grande.

Muito embora o sucesso do primeiro ano tenha sido satisfatório, apenas cerca de 60 pequenos blocos se inscreveram, contando com a participação de dois grandes blocos intitulados de “Galo de Campina” e o “Balanço do Amor”.

O investimento da Prefeitura na época foi basicamente em mídia e em um trio elétrico, enquanto no ano anterior (1991) foram trazidos para Campina Grande a Frevioca e 11 trios elétricos com suas respectivas bandas (dos quais 10 vieram através da iniciativa privada), tendo toda a publicidade e as demais despesas sido repassadas para os patrocinadores. Nesse mesmo período o número de turistas cresceu significativamente, (...), trazendo para a cidade aproximadamente 10 mil turistas...

**BLOCOS DEPENDENTES E INDEPENDENTES** – Com a organização dos blocos foram criados os blocos dependentes e independentes, sendo independentes aqueles que contratam os trios e bandas e inscrevem (cobram taxa de inscrição) os foliões dando direito à mortalha e a entrada em clubes. Os dependentes estão sujeitos aos trios elétricos trazidos pela Prefeitura e patrocinadores<sup>37</sup>.

Alegria, tradição, inovação, folia, frevo, axé, marchinhas, forró, lambada, dor, saudade, brilho e confetes, dentre outros pontos e emoções experimentadas. Surgia a Micarande, o carnaval fora de época comemorado na cidade entre os anos de 1990 a 2008, realizado na maioria das vezes no mês de abril ou maio. Era a festa carnavalesca, uma das mais populares e comemoradas no Brasil, que voltava a movimentar parte de Campina Grande e ser resignificada.

A Micarande prometia, desde seus primeiros anúncios políticos e midiáticos, muita animação, bem como (re)viver músicas de diferentes ritmos e gostos no decorrer dos anos de festa<sup>38</sup>. Seriam uma mistura de folia, desfiles de blocos e shows. Desta forma, os apaixonados pelos festejos carnavalescos da cidade e de outras regiões puderam brincar, sonhar, fantasiar, confraternizar e (re)inventar o “carnaval” mais de uma vez por ano.

<sup>37</sup>Fonte: Jornal da Paraíba, Edição especial da Micarande, Campina Grande, Sexta-feira, 01.05.1992. (Grifo no original)

<sup>38</sup>Sobre tal idéia podemos encontrar diversas reportagens nos jornais pesquisados, em especial Ver: Diário da Borborema, Caderno Geral, Campina Grande, edição do dia 28/04/1990; Jornal da Paraíba, Edição especial da Micarande, Campina Grande, Sexta-feira, 01.05.1992.

Campina Grande foi a segunda cidade do país a realizar o evento turístico denominado de carnaval fora de época, e buscou inspiração na festa realizada em Feira de Santana<sup>39</sup>, na Bahia, a primeira a propor esse modelo de carnaval no Brasil. A Micarande, para a cidade de Campina Grande, era uma novidade, porém ocorria numa terra onde já tinha sido destaque no Estado da Paraíba nos anos 1940, 50 e 60<sup>40</sup> pelos seus festejos de carnavais famosos e animadores para a região, ou pelo menos para a elite e os que desejavam e incorporavam seus objetivos de diversão e visibilidade na sociedade.

Os carnavais fora de época são denominados também de micaretas, e “mesmo sendo comemoradas pelos foliões baianos desde 1937, só romperam o estado da Bahia em 1989, na primeira festa realizada em Campina Grande, na Paraíba; e se fortaleceram nos anos 90”<sup>41</sup>. Nesse momento referido de 1937, na Bahia, de acordo com Vanicléia Silva Santos (2004) tais festejos foi apenas uma comemoração para não passar o período o carnaval sem festa, e que a micareta no formato que conhecemos atualmente com os trios elétricos que, posteriormente se difundiram no Brasil, só surgiu na década de 1980.

No Brasil, os carnavais fora de época com o ritmo baiano do axé music se popularizaram na década de 1990 e aconteciam em variados meses do ano, principalmente nas capitais ou cidades de porte médio. Dentre alguns carnavais fora de época que ganharam destaque no Brasil, podemos citar o Fortal em Fortaleza-CE e o Carnatal em Natal-RN. Portanto, essa “invasão” baiana não ocorreu apenas em Campina Grande, ela aconteceu paralelamente em algumas outras cidades do país. Essa

---

<sup>39</sup> Feira de Santana é localizada no interior do Estado da Bahia, distante 108 km da capital Salvador. Dados disponíveis em [http://www.achetudoeregiao.com.br/ba/feira\\_do\\_santana/localizacao.htm](http://www.achetudoeregiao.com.br/ba/feira_do_santana/localizacao.htm) visitado em 16 de junho de 2011.

<sup>40</sup> A cidade de Campina Grande, de acordo com os Jornais locais já tinha realizado carnavais significativos, mas nas décadas de 1970 e 1980 tais festejos vinham em declínio, e ao fim de 1980 o poder público já não realizava mais tantas festas na cidade nesse período. Sobre festas e o carnaval na referida cidade ver: SANTOS, Wagner Geminiano dos. *Os carnavais de Campina Grande – 1970-1995: a (des) invenção dos carnavais como campos de batalha e espaços de festejo e comemoração*. Trabalho de monografia. Campina Grande: UFCG, 2005; SANTOS, Wagner Geminiano dos. *Enredando Campina Grande nas teias da cultura: (des) inventando festas e (re) inventando a cidade - 1965-2002*. Dissertação de mestrado. Recife: UFPE, 2009; SOUZA, Antonio Clarindo B. de. *Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2002.

<sup>41</sup> Fonte: Texto “Cada época com sua alegria...” disponível em <http://www.novabrasilfm.com.br/especiais/musica-na-avenida/cada-epoca-com-sua-alegria/> visitado em 28 de fevereiro de 2012.

proliferação da festa teve como uma consequência o aumento das festas em clubes particulares com o referido ritmo<sup>42</sup>.

O uso da palavra micareta, segundo Santos (2004), foi utilizado no Brasil, primeiro pelos baianos na década de 1930. Tal expressão fazia alusão ao nome Micarême (de acordo com tradição francesa Micarême significa “meio de quaresma”), que foi empregado na França para designar um festejo de tradição popular que espantava a morte/doenças/desgraças durante o século XV, no período da quaresma (momento de penitência da Igreja Católica).

A Micarande nos anúncios e recursos midiáticos<sup>43</sup> ganhava um discurso chamativo e propagandístico para conseguir espaço entre os momentos de lazer e festas “grandiosas” para Campina Grande. Naquele momento, eram muitas as promessas para a micareta campinense e os que fossem participar. Difundia-se a imagem de que a folia ia se propagar em lugares públicos e privados, no período diurno e noturno, para ricos e pobres. Desta forma, tal festa era anunciada na imprensa e pelo poder público como principal oportunidade para (re)viver o “carnaval” na cidade campinense. Ou seja, as estratégias utilizadas pelos coordenadores do evento eram diversas para atrair os simpatizantes dessa diversão, pois o sucesso desse festejo era também o de seus idealizadores que se empenhavam para se promover junto à festa. Sobre a Micarande, vejamos a narrativa jornalística abaixo.

#### MICARANDE

Campina Grande realizará na primeira semana, após a semana Santa, a Micarande, que promete revitalizar o carnaval de rua e de clube, a exemplo de Feira de Santana na Bahia. Haverá foliatas, desfiles de blocos de rua, shows nas casas noturnas e Campina Grande será um rebu total.

Muito apoio do comércio, indústria e autoridades locais e a coordenação total do Departamento de Turismo bem como da PB-Tur<sup>44</sup>.

<sup>42</sup> Ver textos: “A axé music e a construção de uma identidade cultural baiana/brasileira” disponível em [http://oglobo.globo.com/blogs/arquivos\\_upload/2009/10/248\\_2448-Baianas2.pdf](http://oglobo.globo.com/blogs/arquivos_upload/2009/10/248_2448-Baianas2.pdf) visitado em 28 de fevereiro de 2012; e “Cada época com sua alegria...” disponível em <http://www.novabrasilfm.com.br/especiais/musica-na-avenida/cada-epoca-com-sua-alegria/> visitado em 28 de fevereiro de 2012.

<sup>43</sup> Citamos como exemplo, diversas narrativas da fonte dos jornais apresentados neste capítulo.

<sup>44</sup> Fonte: Jornal da Paraíba, Caderno Sociais, página 3, Campina Grande, Quinta-feira, 15.03.1990. (Grifo no original)

A denominação Micarande<sup>45</sup> formou-se a partir da junção da palavra “micareta” com o nome “grande”, em referência ao nome da cidade Campina Grande. Esse evento fora de época significou uma possibilidade para parte da população campinense (re)conquistar, (re)viver o amor, desejo e o gosto pela festa carnavalesca na sua própria cidade, mesmo que em uma data diferente da data oficial do carnaval no Brasil. No carnaval fora de época em Campina Grande, desde a primeira edição, o convite era intenso e categórico para ir brincar na Micarande ao som dos variados ritmos, nos diferentes blocos, atrás de trios elétricos, no local que ficou conhecido desde o início como “Quartel General da Folia” – o Parque do Povo -, que era organizado a cada ano para realização do evento e recepção dos diversos foliões que saíam em “arrastões”<sup>46</sup> nos diferentes blocos, bem como os vários participantes que passavam por lá.

Portanto, o discurso sobre a Micarande era promovido por políticos, empresários e pela mídia que tinham por objetivo atrair os holofotes para si e conseqüentemente ter mais visibilidade perante a população. Igualmente, tornarem-se cada vez mais presentes socialmente e permanecer no gosto popular. Assim sendo, neste capítulo discutimos sobre a festa da Micarande, apresentando práticas do espaço, a emergência e a dinâmica da festa, que possibilitou uma nova forma de pensar e dizer a festa carnavalesca em Campina Grande nos anos 1990 a 2008. No próximo tópico faremos a discussão sobre o cenário e a história da referida festa.

## 2.1 Cenário da folia: história da festividade da Micarande

### MICARANDE

O Carnaval estará de volta outra vez à Campina Grande. É que no período de 28 de abril a 1º de maio teremos em nossa cidade a Micarande. Serão quatro dias ao som da mais legítima “Música Pra - Pular Brasileira”. O melhor do carnaval 90 revivido nos passos do frevo, no bate-coxas suado da lambada e na ginga do fricote. Campina estará sendo mais uma vez a capital da alegria do nordeste. Dezenas de blocos já se preparam para desfilar pelas ruas da cidade, sempre atrás dos trios elétricos. Pois afinal só não vai atrás do trio

<sup>45</sup> Idéia formada a partir da leitura do Jornal da Paraíba, Caderno ‘Xeque-mate’, Janeiro de 1990. Uma entrevista com Luca Sales, o então diretor na época em que foi inventada a festa.

<sup>46</sup> No primeiro ano de Micarande os blocos saíram de diferentes locais da cidade. Ver: Diário da Borborema, caderno geral, Campina Grande a edição do dia 25/04/1990; Jornal da Paraíba, caderno A Cidade, Campina Grande, terça-feira 01/05/1990. E só em 1993 que foi oficializado um percurso único.

elétrico quem já morreu. À noite, com a brisa quente e barracas de chopp gelado, o Parque do Povo aguarda a hora de receber os milhares de foliões trazidos pelos “arrastões” que saem dos bairros em direção ao Quartel General da Folia. Campina Grande será uma festa só numa promoção do Demtur e Prefeitura Municipal<sup>47</sup>.

#### Micarande 90 esquentando o frio do folião campinense

Já está tudo pronto para a realização da I Micarande que será aberta hoje pelos próprios foliões, às 14 horas, devendo a programação se prolongar até próxima terça-feira. O evento (...) inscreveu um total de 54 blocos, não só da cidade, mas de outros municípios, que serão responsáveis pela animação e brilho da festa.

(...)

A concentração de todos os blocos acontecerá a partir das 14 horas, em quatro locais distintos, sendo eles: 2ª Página Bar, próximo ao Shopping Center, Cervejaria 2002, (Largo do Açude Velho), Clube dos estudantes Universitários (CEU) (Largo do Açude Velho) e Estação Velha.

Às 16 horas os cinco trios elétricos (...) seguirão no sentido concentração – Parque do Povo, devendo às 18 horas chegarem àquela área de lazer, onde haverá revezamento para a sonorização e animação da festa.

Para a terça-feira, último dia, todos os blocos se encontrarão no Açude Velho e participarão do grandioso “arrastão de despedida” cuja saída está prevista para as 16 horas...<sup>48</sup>.

Nos trechos supracitados destacamos no discurso reforçando o lugar da Micarande, anunciando a festa como uma explosão de alegria, entretenimento, revitalização de antigos carnavais de rua e de clubes particulares, dias de boas músicas para cantar e dançar os festejos carnavalescos na cidade do agreste paraibano, também conhecida como rainha da Borborema. Para tanto, contavam com o apoio da Prefeitura Municipal e de seus vários departamentos/secretarias, em especial do DEMENTUR<sup>49</sup>, de empresas privadas e da população que era realmente quem fazia a festa, pois sem as pessoas a Micarande não seria reconhecida e não teria sucesso.

<sup>47</sup> Fonte: Jornal da Paraíba, Caderno Sociais, página 3, Campina Grande, Quarta-feira, 25.04.1990. (Grifo no original)

<sup>48</sup> Fonte: Jornal da Paraíba, Caderno A Cidade, página 8, Campina Grande, Sábado, 28.04.1990. (Grifo no original). Porém, baseados em outras edições, também do Jornal da Paraíba, há duas correções a fazer, o nome do bloco “Balanço do Amor” em vez de “Balaço do ano”, e a quantidade de trios que foram quatro e não cinco.

<sup>49</sup> No ano de 1990 em Campina Grande, o DEMENTUR era o Departamento Municipal de Turismo da Prefeitura Municipal. E tinha o jornalista Luca Sales como diretor, considerado um dos idealizadores da festa.

Com a festa era designada para a cidade o olhar do poder público e da mídia, esta última dava a festa o título de “capital da alegria do nordeste”, como se em outros lugares do Nordeste não fossem realizadas festas atrativas, e também como se todos os campinenses se empenhassem nesse projeto quando sabemos que seja qual for à festa e o lugar nem todos da sociedade a aderem. Nesse sentido, desconfiamos da frase citada na narrativa jornalista - *Micarande*, colocada anteriormente que diz “só não vai atrás do trio elétrico quem já morreu”. Questionamos isto porque se parte dos campinenses participavam, divulgavam e/ou aceitavam a festa, outros reclamavam dos problemas causados pelo barulho, uso exagerado de bebidas entre outros fatores.

No referente ao título anunciado de “capital da alegria do nordeste”, este foi e continua a ser desejado/disputado por várias cidades brasileiras, em especial por algumas cidades do Nordeste brasileiro, que ao realizarem seus eventos tradicionais muitas vezes anuncia(va)m ser a maior e melhor festa da região/país, apresentando as cidades como capitais da alegria, da cultura, da diversão. Podemos citar como exemplo a disputa por tal título, o São João de Campina Grande com o São João de Caruaru<sup>50</sup>, estas são duas, dentre várias outras cidades, que almejam ser a “capital da alegria do nordeste”. Tal expressão é proferida também como “capital cultural do nordeste” ou “capital dos eventos do nordeste”, visto que são pronunciadas as três escritas, mas que ambas buscam se colocar com a ideia de crescimento sócio-cultural.

Apesar dos exageros jornalísticos e propagandísticos ressaltamos, a partir da pesquisa que a festividade da *Micarande* foi planejada como projeto para que a cidade voltasse a ter uma festa carnavalesca, além de ser um evento que colocaria Campina Grande mais de uma vez por ano no calendário turístico nacional, como também buscar promover o crescimento do comércio e do setor hoteleiro local<sup>51</sup>.

Destacamos ainda, que nos dois primeiros anos da festa, esta tinha como um de seus objetivos o anseio de agradar aos diversos moradores campinenses e estes se sentissem atraídos a participarem da folia carnavalesca na sua própria cidade. Vale ressaltar que as atrações naquele momento inicial não tinham tanta visibilidade nacional, eram artistas da região. Com o crescimento que a festa ganhava a cada ano,

---

<sup>50</sup>Caruaru é um município brasileiro do estado de Pernambuco. Distante 130 km do Recife. Atualmente destaca-se como o mais importante pólo econômico, médico-hospitalar, acadêmico, cultural e turístico do Agreste, sendo também famosa por sua tradicional feira livre e festas juninas. Dados disponíveis em <http://www.caruaru.pe.gov.br/caruaru/> visitado em 28/02/2012.

<sup>51</sup> O Brasil nesse momento estava em crise, um período prolongado de instabilidade monetária e de recessão econômica, com altos números de inflação junto com arrocho salarial e aumento da dívida externa. E tal crise era sentida na cidade de Campina Grande.

passou a ser vista como “grandioso” acontecimento na cidade, um evento turístico durante a administração do prefeito Cássio Cunha Lima<sup>52</sup>, o que lhe beneficiaria politicamente.

A Micarande foi oficializada em 1990, mas destacamos que no ano de 1989, mais precisamente, em 21 de abril, em Campina Grande ocorreu um evento às margens do Açude Velho no qual um grupo de pessoas da cidade se vestiu com as roupas chamadas mortinhas<sup>53</sup> que levava na frente à estampa do Galo de Campina<sup>54</sup>, e saíram dançando e brincando em direção ao Parque do Povo ao som de uma banda puxada pelo cantor Biliu de Campina<sup>55</sup> junto com uma orquestra de frevo. Esse momento é considerado como o “ensaio geral da Micarande”<sup>56</sup>, e no ano seguinte diversos grupos, de intelectuais a feirantes, foram convidados a se mobilizarem para a realização da festa. Sobre este momento, vejamos a narrativa abaixo:

Quando foi para o início da Micarande, o Cássio Cunha Lima, que era amigo do filho dela (Marília) , aí falou, começou a convocar as pessoas, os amigos dele, ele dizia arranje pessoas, e através disso agente entrou tudinho né, e aí (o filho de Marília), ele falou com a mãe, e Marília foi arranjar na feira, falar com as pessoas que ela conhecia, (...) e eu procurei convidar as pessoas lá da universidade (...) e aí agente fez aquele grupo e entrou<sup>57</sup>.  
E ele também, Cássio, dentro do bloco<sup>58</sup>.

<sup>52</sup> Cássio Cunha Lima foi eleito prefeito de Campina Grande em 1988. O mesmo consolidou a nova forma de fazer política na Paraíba e de governar, que já tinha sido iniciado no governo anterior ao seu, através de seu pai, Ronaldo Cunha Lima.

<sup>53</sup> Era uma enorme túnica, uma roupa grande e folgada que desse muita mobilidade ao folião para brincar na festa. Disponível em <http://pedrinhodarocha.wordpress.com/category/abadas/> visitado em 11 de junho de 2011. Sobre tal roupa discutiremos em um dos tópicos no próximo capítulo.

<sup>54</sup> Pássaro de extraordinária beleza física. Um dos pássaros mais típicos do interior do Nordeste do Brasil.

<sup>55</sup> Músico conhecido da cidade e região, que valoriza o forró tradição. Iniciou sua carreira como compositor em 1978, mas é em 1984 que tem sua primeira composição gravada – A Grande herança. Tal músico é formado em Direito, mas escolheu ser artista como profissão.

<sup>56</sup> Tal comemoração é considerada um marco, e ligava ao que já estava sendo pensado para a cidade, com isto os órgãos públicos- DEMENTUR e Prefeitura Municipal de Campina Grande passaram a organizar e oficializar a Micarande em 1990. Sobre essa ideia ver: Jornal da Paraíba no dia 12/02/1989, página 2 do caderno Leque; saiu uma nota dizendo que o diretor do Departamento de Turismo do Município de Campina Grande, Luca Sales, estava planejando uma micareta para o sábado de aleluia em 1990. Foi a partir deste momento que a Micarande começou a existir.

<sup>57</sup> Entrevista com Marcela e sua amiga Marília realizada no dia 17 de dezembro de 2011. Essas entrevistadas autorizaram a utilizar o nome próprio no referido texto. Porém, os demais entrevistados pediram para ter seus nomes preservados. E por questões padrões recomendadas pela ABNT, estamos referindo a estas duas entrevistadas também com nomes fictícios. Essa fala é de Marcela, foliã que saiu todos os anos de Micarande em diferentes blocos. A mesma é idosa, tem ensino superior e é professora aposentada, residente em Campina Grande.

<sup>58</sup> Entrevista com Marcela e sua amiga Marília realizada no dia 17 de dezembro de 2011. Essa fala é de Marília, foliã que saiu todos os anos de Micarande em diferentes blocos. A mesma é idosa, tem o ensino primário completo e é dona de casa.

Nesse festejo de 1989 ao chegarem ao Parque do Povo, os participantes desse “bloco” se encontraram com o Bloco da Saudade<sup>59</sup> que também estavam promovendo uma comemoração carnavalesca, os foliões destes blocos estavam caracterizados com fantasias tradicionais de pierrôs, colombinas e outras, esbanjando luxo em tais vestimentas. O Bloco da Saudade fazia alusão aos antigos carnavais. As pessoas dançavam e cantavam ao ritmo das marchinhas carnavalescas e do frevo típicos do carnaval, especialmente pernambucano, talvez pela proximidade entre as regiões influencia(va) algumas festas e costumes em Campina Grande. Desta forma, os participantes, que acompanhavam o Galo de Campina e o Bloco da Saudade, aproveitaram para brincar e (re)viver o momento festeiro que misturava o ritmo do forró, do frevo e de marchinhas de carnaval.

No ano seguinte, em 1990, surge a Micarande, e logo nos seus primeiros anos, ganha a atenção e o gosto de parte da população de Campina Grande e dos visitantes que se deslocavam de outras cidades e Estados para participarem da festa, impulsionados pelo investimento nos meios de divulgação.

Em pouco tempo a Micarande passou a fazer parte do calendário oficial dos eventos turísticos da cidade, recebendo incentivo financeiro do poder público, privado e a adesão de vários setores sociais que gostavam da ideia de ter um carnaval fora de época na cidade, assim como da folia que era promovida na cidade com as prévias do evento e da mistura de ritmos musicais.

Tal carnaval fora de época também servia de preparação e divulgação do São João da cidade, pois o ritmo do forró<sup>60</sup>, em geral, tinha um espaço dentro dos festejos micarandantes, e a administração local sempre aproveitava para divulgar e convidar o público para participar em junho de mais um “grandioso” evento turístico na cidade. Não pretendemos tirar o brilho e a dimensão desse evento, mas lembramos sobre a questão desse e outros, serem colocados como “grande”, “único” e “melhor” da região e até do país. Pensamos que tal construção atende principalmente aos desejos de políticos, mídia, empresários e comerciantes, pois vários são os eventos da região Nordeste e do país que também têm destaque.

A Micarande, ao ir se firmando, conquistava cada vez mais o interesse dos empresários que por sua vez, observaram a aceitação de um grande público a cada

---

<sup>59</sup> Apesar de não ser nosso objeto de estudo, faremos uma breve explanação, neste capítulo, sobre o Bloco da Saudade.

<sup>60</sup> Em especial o forró conhecido como pé de serra, uma das características do São João de Campina Grande.

edição e ano. Eles também perceberam que no período oficial do carnaval<sup>61</sup>, em Campina Grande, muitos moradores saíam da cidade principalmente para o litoral do próprio Estado - João Pessoa e para as cidades de Olinda e Recife em Pernambuco - e desta forma seria uma fonte de renda para a cidade e seus moradores investir nesta festa atemporal que estava conquistando público.

Nesse momento de conquistas de foliões para a Micarande o prefeito usou da sua imagem de jovem, do carisma e de seu poder em discursar, além de buscar assumir uma postura de “forte e bom moço”, de um modelo ideal que a cidade precisava, de um político de coragem, criatividade e conhecimento do que fala e faz. Era assim que buscava se apresentar em seus discursos e nos meios de comunicação. De acordo com Santos (2005):

Cássio se colocava naquele momento como principal ponto de transmissão e irradiação daquele discurso que colocava Campina Grande, conseguindo com isto articular praticamente todos, senão todos, os segmentos das elites locais, congregando forças, interesses diversos e estratégias em torno do projeto político que defendia para a cidade, qual seja: recolocar Campina *G(g)rande* no seu caminho inexorável de progresso, desenvolvimento e grandiosidade, ligando, com isto, o seu nome e o de sua família ao da cidade, ou melhor dizendo, aos eventos que (re)colocaram e projetaram Campina *G(g)rande*, pois forjados e criados no seu governo. (SANTOS, 2005, p. 81)

Tal prefeito, ao mesmo tempo em que reinventava o modelo de administração pública, dava continuação às ideias administrativas de seu pai Ronaldo Cunha Lima<sup>62</sup>. Este, quando prefeito, começou a colocar em evidência no Brasil os festejos juninos da cidade, denominando de “O Maior São João do Mundo”. Tais políticos, pai e filho, aspiravam para Campina Grande os títulos de “maior” e “melhor” festa junina e de

<sup>61</sup> A título de informação, ao passo que Campina Grande praticamente deixou de realizar na data oficial do Carnaval o seu carnaval de rua, passou a realizar encontros religiosos, culturais e ecumênicos, a exemplo o da *Nova Consciência* que recebe muitos turistas e visitantes que desejam passar um carnaval diferente do que as demais cidades paraibanas costumam realizar, ou seja, nesta cidade realiza-se um carnaval “sagrado” ao invés do “profano”. Tais encontros vieram a se destacar a partir da década de 1990, e diversas pessoas que não se identificam com as festas de carnaval de rua visitam a cidade nesse período em busca do silêncio, reflexão e tranquilidade.

<sup>62</sup> Ronaldo Cunha Lima foi eleito para prefeito de Campina Grande em 1983, o mesmo demonstrou possui um carisma e poder de persuasão através de sua fala, a qual agradou a população. Segundo Santos (2005), tal prefeito “inicia um redimensionamento na forma dos políticos verem e dizerem a cidade distinta de seus contemporâneos, no sentido de que se torna imperante naquele momento, como talvez em nenhum outro, mostrar e dizer Campina *G(r)rande*” (SANTOS, 2005,p.80/81).

carnaval fora de época no Brasil, reafirmando as “grandiosidades” que se viam realizando nesses eventos, e realizavam na cidade de Campina Grande através de sua administração pública e de seus eventos culturais.

De acordo com Santos (2005) em Campina Grande nas décadas de 70 e 80, do século XX, as festas de carnaval se encontravam em decadência, e se pronunciava que a cidade havia perdido seus “melhores” carnavais. Os discursos dos políticos da cidade, que afirmavam que tínhamos as “maiores” e “melhores” festas do Brasil, eram proferidos e agenciados, principalmente pelos setores “elitistas” da cidade, que tinham brincado carnavais de outrora, a exemplo nas décadas de 50 e 60, um período em que a cidade estava em expansão econômica e promovia “grandes” festas.

Com isto, gestando um espaço de memória que (re)produzia o discurso de que Campina Grande, em fins da década de 1980, no período do carnaval, ficava de “luto” e sem o “brilho” de tal festa, a cidade ficava “vazia” e silenciosa. Foi nessa década que começaram a serem projetados os eventos turísticos da cidade como “grandiosos”, além de colocá-los como principais nos discursos dos políticos citados anteriormente. Ou seja, um projeto de Campina, a cidade “Grande” pelos seus eventos e suas novas invenções culturais.

Esse comportamento e silêncio referido no parágrafo acima, a falta de carnaval de rua em Campina Grande, se distinguia da ideia formada no próprio país, de que no Brasil a festa de carnaval é um evento que mobiliza diversos cantos e recantos brasileiros, e os diferentes sujeitos e ritmos são apresentados e festejados. Assim, o carnaval é um evento “colocado como uma manifestação cultural própria do povo brasileiro” (SANTOS, 2005, p.34).

Deste modo, depois desse “esquecimento” dos “bons carnavais” campinenses a Micarande foi criada. E nas palavras de Santos (2005):

Micarande se coloca como ponto de encontro entre certo número de agenciamentos, condições de possibilidade de certos acontecimentos históricos, fruto de um conjunto de operações de construção que a coloca como esta nova festividade ou a possibilidade mais viável para tal agenciamento. Portanto, estes agenciamentos buscaram e buscam ressuscitar e reabilitar junto a Micarande os inofensivos, purificados e idealizados “grandes carnavais campinenses”, naquele momento, enfaticamente, autorizado pela pedagogia que o acompanha e o colocava como o verdadeiro, o único carnaval de Campina Grande. (SANTOS, 2005, p. 78)

Nesse sentido, a Micarande surgiu com um discurso folclorístico<sup>63</sup> de intelectuais, políticos, jornalistas e de setores elitistas da cidade que (re)significavam o momento, e colocavam em discussão a memória dos antigos carnavais e de suas festividades. A Micarande buscou, na sua primeira década e início da segunda, (re)criar o espaço de festa para os apaixonados do carnaval buscando inovações para não “cair na mesmice”. Entre suas inovações, se destacaram o surgimento de camarotes e arquibancadas, novos ritmos com a participação da bateria da Mangueira<sup>64</sup> do carnaval carioca e a presença de artistas “globais” nacionalmente conhecidos, assim como a criação de blocos alternativos, infantis e o bloco das virgens.

O espaço da Micarande foi um lugar praticado<sup>65</sup> por sujeitos múltiplos; de políticos que aproveitavam para proferir discursos ou para estarem mais próximos da população, caminhando por entre os blocos, camarotes ou em cima dos trios elétricos; foliões, que durante o percurso da festa (re)inventavam os lugares das ruas para beijar, paquerar, dançar, zoar<sup>66</sup>, desfilarem seus modelitos, beber, consumir drogas ou simplesmente curtir as atrações musicais favoritas; de cordeiros<sup>67</sup> que praticavam seu lugar, aproveitando não apenas para segurar as cordas, mas também para dançar, paquerar e se possível beber as escondidas dos organizadores; de vendedores de bebidas, que aproveitavam para ganhar dinheiro e divertir-se indo com seus carros de bebidas dentro de blocos ou ao lado dos cordões de isolamento, próximo aos trios elétricos.

Do mesmo modo, as ruas eram projetadas para a passagem de carros e para facilitar o deslocamento diário dos seus moradores, e na Micarande, tal espaço era utilizado para a passagem e espetáculo dos trios e de seu público. Assim, o espaço era praticado e resignificado dando novo sentido as criatividade e astúcias<sup>68</sup> múltiplas, como as citadas no parágrafo anterior.

O espaço de invenção da referida festa foi possível pelos discursos que estavam sendo (re)construídos na cidade de Campina Grande, mas com um novo viés, pois se no

---

<sup>63</sup> Sobre este conceito, ver: CERTEAU, Michel. *Cultura no Plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

<sup>64</sup> A bateria da Mangueira participou alguns anos, dentre estes em 1999 e 2000.

<sup>65</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer/Tradução de Ephraim Ferreira Alves*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

<sup>66</sup> Zoar na linguagem dos festeiros significar aproveitar, curtir.

<sup>67</sup> Homens e mulheres que seguravam as cordas dos blocos.

<sup>68</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer/Tradução de Ephraim Ferreira Alves*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

passado Campina era “Grande” e moderna pela sua economia algodoeira<sup>69</sup>, pelos inventos que nela chegavam, como o trem, telégrafo e outros. A cidade era considerada a capital do desenvolvimento e trabalho no Nordeste brasileiro, a Liverpool brasileira e nordestina, entre outros títulos e codinomes atribuídos<sup>70</sup>. A partir da década de 1980, Campina era “Grande”, por suas festas e inovações turísticas, tornando-se a “capital cultural do Nordeste”. Cada vez mais estes discursos eram proferidos pelos seus governantes municipais e estaduais, principalmente pelo grupo Cunha Lima, bem como por parte da imprensa local. Nesse sentido, Santos (2009) coloca:

De modo que ao se produzir suas festas e seus espaços estaria (re) produzindo-se a cidade e seus lugares sociais, políticos e econômicos ou vice e versa. Desta maneira, tal estratégia, buscava fundir cidade e festa de forma tal que de meados da década de 80 em diante, parecia praticamente impossível, para a maioria dos letrados, políticos, intelectuais, comerciantes e demais segmentos da sociedade local falar em Campina Grande sem falar nas suas festas e nos seus eventos. Ou falar em festas juninas ou micaretas sem lembrar-se de Campina Grande e do seu “Maior São João do Mundo”, da “explosão de ritmos e alegria” que é a “Micarande”, o “maior e mais alegre carnaval fora de época do país”. (SANTOS, 2009, p. 75)

Essas festas passaram a ter visibilidade e dizibilidade e a fazer parte do novo discurso de alguns membros da sociedade campinense e paraibana. De modo que o grupo Cunha Lima, principalmente o político Cássio Cunha Lima, na maioria de seus discursos, quando se referia à cidade de Campina Grande, mencionava os “grandiosos” festejos, que teria ele próprio e sua família como principais inventores. Nesse turismo de eventos Campina Grande estava sendo projetada com desenvolvimento e modernidade na área cultural, além da cidade buscar também se destacar no campo educacional e tecnológico. Tal projeção era pensada e colocada em prática por diferentes setores elitistas, políticos e mídias que aspiravam crescer e/ou melhorar sua

<sup>69</sup> No início do século XX, Campina Grande cresceu rápido e atraiu comerciantes de diversos lugares do Brasil. Na década de 1940, era a segunda maior produtora de algodão do mundo. Sendo chamada de “Liverpool brasileira” devido ao seu desenvolvimento econômico e social.

<sup>70</sup> Sobre tal discurso de cidade moderna, ‘grande’ e do progresso, podemos citar as seguintes referências bibliográficas: ARANHA, Gervácio B. *Modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*. Campinas: Unicamp, 2001; CAVALCANTI, Silêde Leila O. *Mulheres modernas, mulheres tuteladas*. Mestrado em História. Recife: UFPE, 2000; GURJÃO, Eliete de Queiroz (Org.). *Imagens multifacetadas da história de Campina Grande*. Campina Grande: Secretaria de Educação. 2002.

aceitação perante o público. A mídia, escrita e falada, teve um papel essencial nesse aspecto, sendo uma das principais mensageiras dos discursos que perpassavam pela cidade e pelo Estado.

De acordo com Lima (2008), em Campina Grande a indústria do turismo, denominada de “indústria sem chaminés”, surgida na década de 1980 com o comércio da festa junina, foi possível devido a um sucessivo declínio econômico, especialmente do pólo centralizador de comércio no interior paraibano e do Nordeste. Assim, a crise no setor econômico comercial que atingiu Campina Grande abriu a possibilidade para que a cidade voltasse a entrar em cena, mas seria a partir do ramo turístico da indústria da festa, pois “em substituição à antiga “vocação” da cidade que era o comércio, a cidade passa a investir no comércio da festa junina” (LIMA, 2008, p.31).

São com esses novos discursos, sobre festas e indústria do turismo para a cidade de Campina Grande, que os festejos carnavalescos passaram a ser resignificados na cidade, gestando a Micarande, assim como nos discursos que eram proferidos pelos políticos citados anteriormente, em que se entrelaçavam frequentemente suas falas aos festejos da cidade ou vice-versa. Nessa perspectiva, apresentamos um documento retirado de um dos guias/folhetos distribuídos pelas secretarias de turismo e evento da prefeitura. Nele vemos o discurso que enaltece a cidade e seu povo, ao passo que reforça o próprio poder político e seu carisma:

**ESTADO DA PARAÍBA**  
PREFEITURA MUNICIPAL DE  
CAMPINA GRANDE  
GABINETE DO PREFEITO

Campina Grande, 17 a 21 de abril de 1997

**BEM VINDOS À TERRA DA ALEGRIA**

Campina Grande Abril pra Balanço. Está aberta a temporada da alegria!  
Portanto, sejam bem vindos à cidade da Micarande, o maior carnaval fora de época do Brasil. Sintam-se à vontade na terra da hospitalidade, da solidariedade, do amor e do trabalho.

Trabalho que se mistura com festa e concede mais um título à 'Rainha da Borborema': capital dos eventos do nordeste. E tudo nasceu com o Maior São João do Mundo, quando Ronaldo Cunha Lima descobriu que esse poderia ser um veio de fortalecimento da economia do município.

Nessa esteira foram surgindo novos e se consolidando velhos eventos. Hoje temos um calendário que soma mais de uma dúzia de realizações. Nas áreas mais distintas como tecnologia - aliás nesse setor Campina Grande desponta como grande potencial nacional - na cultura, esportes, feiras e lazer, ocorrem promoções que transformam esta cidade na capital dos eventos do nordeste.

Neste momento, porém, é a Micarande que interessa, evento idealizado em minha primeira gestão, em 1990, reconhecido o maior carnaval fora de época do Brasil e motivo de muita alegria para campinenses e turistas. É uma festa de confraternização, trabalhada com muito carinho.

Portanto, obrigado por terem vindo. Sintam-se em casa e levem desta terra a melhor impressão da alegria do povo campinense.

Cássio Cunha Lima  
Prefeito

**EM JUNHO TEM MAIS!**  
**A AGENTE SE ENCONTRA AQUI**  
**NO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO**  
DE 30 DE MAIO A 29 DE JUNHO

**ANFARFICA**  
**Coca-Cola**  
**CERVEJA**  
**CARANJEIRO**  
**havaianas**  
**Top**

**PARAÍBA**  
Tecnologia e Desenvolvimento

**Você faz**  
**Campina Grande**

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE  
SECRETARIA DE GOVERNO E COORDENAÇÃO POLÍTICA  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DECOM  
Fone: (083) 341.2993 - 325 - Fax: (083) 321.6473

Secretaria de Educação e Cultura  
PROJETO PEDAGÓGICO DO "CAMPINA 97 ANTE"

**GUIA DO TURISTA**

**LOCADORAS DE VEÍCULOS**  
**CENTRAIS DE TÁXI**  
**CAIXAS ELETRÔNICOS**  
**HOTEIS**  
**HOSPÍTAIS**  
**RESTAURANTES**  
**BARES**  
**LANCHONETES**  
**CAFÉS**  
**CASAS DE SHOW**  
**BINGOS ELETRÔNICOS**  
**TEATROS**  
**MUSEUS**  
**TELEFONES ÚTEIS**

**PROGRAMAÇÃO**

**INFANTIL**  
18:04 - Soca  
16:30 - Novo Horizonte - Aniele e Banda  
20:04 - Domingo  
15:00 - Parceria Escolar Pipoca - Pipoca com Queijo  
16:00 - Pipolinha Baby - Pipolinha e Banda  
21:04 - Segunda  
15:00 - Parceria Escolar Pipoca - Pipoca com Queijo  
16:00 - Pipolinha Baby - Pipolinha e Banda

**FREVO**  
16:04 - Quarta  
18:00 - Imprensa - Orquestra de Frevo  
19:04 - Sábado  
11:00 - Zé Pereira - Claudioner Germano  
16:00 - Dismais de Alegria - Orquestra de Frevo  
18:00 - Saudade - Orquestra de Frevo  
20:04 - Domingo  
10:00 - GECELB - Orquestra de Frevo

**AXE**  
16:04 - Quarta  
18:00 - Virgens do Batata - Elías Júnior e Trio Paladum  
20:00 - Galo de Campina - Capilé  
17:04 - Quinta  
19:00 - Galo de Campina - Capilé  
19:30 - Baka Baku - Márcia Freire  
20:00 - Spazzito - Banda Eva  
20:30 - Me Toque - Jheremias Não Bate Corner  
21:00 - Micarande Até Enjuiá

**18:04 - Soca**  
19:00 - Trio Coca Cola - Banda Beka Loka  
19:30 - Galo de Campina - Banda Mel  
20:00 - Spazzito - Chicleto com Banana  
20:30 - Pike - Nezinho  
21:00 - Coyote Maluco - Ricardo Chaves  
21:30 - Batata - Ana de Aguiá

**LOCAÇÕES DE VEÍCULOS**  
INTERCELO LOCAÇÃO DE VEÍCULOS  
Rua Teodoro Galvão, 27 - Centro - Fone: (083) 321.4790  
KOLTEI LOCAÇÃO DE AUTOMÓVEIS  
Rua Teodoro Galvão, 301 - Centro - Fone: (083) 321.4139  
RUDOLFO LOCAÇÃO DE VEÍCULOS  
Rua Angelo Vasconcelos, 785 - Beldorço - Fone: (083) 321.2885

**CENTRAIS DE TÁXI (DÍGNEO)**  
322.8888 321.7777 322.7777 321.6638  
321.8888 321.8888 341.5888

**CAIXAS DE SAQUE ELETRÔNICO**  
BRANDECO - Rm. 3002 (Rua Marques de Melo, 129 - Centro)  
BANCO DO BRASIL - 341.1100 (Rua 7 de Setembro, 51 - Centro)  
BANCO ITAU - 321.4030 (Rua São de Belém, 28 - Centro)  
BANCO REAL - 341.3403 (Praça Afonso César, 31 - Centro)  
BANCO BARRERINHO - Agência Rua João Pessoa, 21 - Centro)  
BANCO 24 HORAS - Rua São de Belém, 86 - Centro)  
BANCO NANTO - Rua João Pessoa, 51 - Centro)  
CRANCO 24 HORAS - Rua João Pessoa, 91 - Centro)  
EXCEL ECONÔMICO (Rua Marques de Melo, 133 - Centro)

**HOTEIS**  
HOTEL DO VILU  
Rua Jacinto Ferreira, 10 - Jardim Tereza - Fone: 321.2122  
HOTEL SORIANO  
Rua Teodoro Galvão, 27 - Centro - Fone: 341.3131  
HOTEL OURO BRANCO  
Rua Central 1860 - Coração Porto, 20 - Fone: 341.2829  
HOTEL MARMO  
Largo D. Severino Pereira, 72 - Centro - Fone: 341.2700  
HOTEL PRAIA DO DIAMANTE  
Rua Princesa, 108 - Centro - Fone: 321.5275  
MAR CENTER HOTEL  
Av. Getúlio Vargas, 887 - Centro - Fone: 341.1318  
PRAIEIRA HOTEL  
Rua Princesa, 216 - Centro - Fone: 341.2009  
PEROLA HOTEL  
Av. Princesa, 288 - Fone: 341.5319  
HOTEL ELIAS  
Rua Princesa, 313 - Centro - Fone: 321.4116  
HOTEL VERONICA  
Rua Teodoro Galvão, 102 - Centro - Fone: 341.1918  
HOTEL SÃO LUÍSA  
Rua Teodoro Galvão, 87 - Beldorço - Fone: 321.0881

71

Recortando o discurso do folheto anterior:

**ESTADO DA PARAÍBA**  
PREFEITURA MUNICIPAL DE  
CAMPINA GRANDE  
GABINETE DO PREFEITO

Campina Grande, 17 a 21 de abril de 1997

**BEM VINDOS À TERRA DA ALEGRIA**

Campina Grande Abril pra Balanço. Está aberta a temporada da alegria!  
Portanto, sejam bem vindos à cidade da Micarande, o maior carnaval fora de época do Brasil. Sintam-se à vontade na terra da hospitalidade, da solidariedade, do amor e do trabalho.

Trabalho que se mistura com festa e concede mais um título à 'Rainha da Borborema': capital dos eventos do nordeste. E tudo nasceu com o Maior São João do Mundo, quando Ronaldo Cunha Lima descobriu que esse poderia ser um veio de fortalecimento da economia do município.

Nessa esteira foram surgindo novos e se consolidando velhos eventos. Hoje temos um calendário que soma mais de uma dúzia de realizações. Nas áreas mais distintas como tecnologia - aliás nesse setor Campina Grande desponta como grande potencial nacional - na cultura, esportes, feiras e lazer, ocorrem promoções que transformam esta cidade na capital dos eventos do nordeste.

Neste momento, porém, é a Micarande que interessa, evento idealizado em minha primeira gestão, em 1990, reconhecido o maior carnaval fora de época do Brasil e motivo de muita alegria para campinenses e turistas. É uma festa de confraternização, trabalhada com muito carinho.

Portanto, obrigado por terem vindo. Sintam-se em casa e levem desta terra a melhor impressão da alegria do povo campinense.

Cássio Cunha Lima  
Prefeito

**ESTADO DA PARAÍBA**  
PREFEITURA MUNICIPAL DE  
CAMPINA GRANDE  
GABINETE DO PREFEITO

Campina Grande, 17 a 21 de abril de 1997

**BEM VINDOS À TERRA DA ALEGRIA**

Campina Grande Abril pra Balanço. Está aberta a temporada da alegria!  
Portanto, sejam bem vindos à cidade da Micarande, o maior carnaval fora de época do Brasil. Sintam-se à vontade na terra da hospitalidade, da solidariedade, do amor e do trabalho.

Trabalho que se mistura com festa e concede mais um título à 'Rainha da Borborema': capital dos eventos do nordeste. E tudo nasceu com o Maior São João do Mundo, quando Ronaldo Cunha Lima descobriu que esse poderia ser um veio de fortalecimento da economia do município.

Nessa esteira foram surgindo novos e se consolidando velhos eventos. Hoje temos um calendário que soma mais de uma dúzia de realizações. Nas áreas mais distintas como tecnologia - aliás nesse setor Campina Grande desponta como grande potencial nacional - na cultura, esportes, feiras e lazer, ocorrem promoções que transformam esta cidade na capital dos eventos do nordeste.

Neste momento, porém, é a Micarande que interessa, evento idealizado em minha primeira gestão, em 1990, reconhecido o maior carnaval fora de época do Brasil e motivo de muita alegria para campinenses e turistas. É uma festa de confraternização, trabalhada com muito carinho.

Portanto, obrigado por terem vindo. Sintam-se em casa e levem desta terra a melhor impressão da alegria do povo campinense.

Cássio Cunha Lima  
Prefeito

72

<sup>71</sup> Folheto: "CAMPINA GRANDE ABRIL PRA BALANÇO: MICARANDE 97", utilizado como material de propaganda e publicidade da festa.

O prefeito citado no folheto demonstra uma explosão de publicidade sobre a cidade não a dissociando de seus eventos turísticos. No que se refere à Micarande, esta recebeu durante a administração do mesmo, todo o apoio, formas de ver e dizer ser uma “grande” festa, de inovações e do “resgate” do carnaval tradição. Ou seja, toda uma pedagogia de aceitação, principalmente da classe média, pois os menos favorecidos financeiramente foram “lembrados” apenas nas primeiras edições da Micarande, uma vez que com o crescimento do evento e com o custeio das vestimentas para o acesso à festa, estes não tinham condições de comprar o abadá ou sair com uma fantasia de luxo no Bloco da Saudade, ficando praticamente no esquecimento. Portanto, tal festa serviu como oportunidade e possibilidade para as velhas elites locais voltarem a assumir e colocar em cena sua postura de “importante”, e construir novas redes de poder e/ou reforçar as existentes junto aos políticos e à mídia.

O prefeito destaca aspectos positivos da cidade e de sua administração, divulgando a cidade e eventos. O mesmo atribui vários lugares que Campina Grande ocupa, buscando apresentar para os turistas a imagem de uma cidade “perfeita” para que estes se sintam atraídos a voltar à terra. Assim, pronunciava a mensagem “Sintam-se à vontade na terra da hospitalidade, da solidariedade, do amor e do trabalho”, uma forma de dizer que a “Rainha da Borborema” e seus moradores estavam preparados e contentes para receber foliões para a Micarande e visitantes para as festas, que no seu ver e desejo estava tornando Campina Grande a “capital dos eventos do nordeste”.

Não estamos negando que Campina Grande obteve conquistas diversas no referido período, em especial na área do lazer, mas notamos um exagero nos discursos políticos, como também parte da mídia e da população ao apresentar os eventos realizados em Campina Grande como “maior” e “melhor” do mundo. Porém, muitas das conquistas e eventos da cidade têm limitado a participação ou excluído diversos moradores, sendo esta uma ação do poder público e da “elite” de forma sub-reptícia.

No que se refere à Micarande, esta pode ser considerada uma festa Multicultural, porque atrelou várias possibilidades pedagógicas nos diferentes estilos musicais, que permitiram a diversidade cultural do carnaval fora de época em Campina Grande. O significado Multicultural, na cultura brasileira, se refere a uma diversidade de culturas, misturas e diferenças que coexistem num mesmo local. Relacionando esse

---

<sup>72</sup> Esta fala está presente no guia do turista intitulado “CAMPINA GRANDE ABRIL PRA BALANÇO: MICARANDE 97” ilustrado acima, divulgado pela prefeitura, durante a Micarande de 1997. Pesquisa realizada no Museu Histórico de Campina Grande.

fenômeno Multicultural com a Micarande, percebemos que a diversidade que coexistiu nesse evento foi a do axé, forró, samba, reggae, frevo, entre outros que se misturavam nas ruas e clubes durante os anos de festa. Nessa perspectiva, vejamos o texto abaixo:

Considerada pelos especialistas como a melhor Micareta do Brasil, fora da Bahia, a Micarande, embalada pelos trios elétricos de axé-music, arrasta multidões até o Parque do Povo. Campina Grande faz hoje uma festa popular com mistura de ritmos que surpreende, estimula e encanta. Em paralelo, o carnaval tradição, toma conta das ruas da cidade com a empolgação do frevo das troças e do maracatu, onde milhares de foliões desfilam ostentando fantasias completando um cenário de cores com figuras folclóricas que fazem a magia do verdadeiro carnaval brasileiro<sup>73</sup>.

A Micarande foi uma festa que misturou tradições locais dos antigos carnavais com as inovações vindas principalmente da Bahia, como o axé *music*. E seu caráter multicultural deu-se devido à interação e ao diálogo com diferentes visões socioculturais e ritmos. Tal festa móvel proporcionou novas criações e ações de seus diversos participantes no contato com o outro a partir dos cheiros, gostos, cores, sabores, percepções de mundo, expressões corporais múltiplas.

Diferente de outros carnavais fora de época do Brasil, a Micarande já surgiu embalada por ritmos variados, entre eles, frevo, forró e axé *music*. Isto foi um diferencial que contribuiu para o sucesso durante anos da festa, um “carnaval” pensado para diversos gostos musicais com ritmos e blocos múltiplos na festa.

Salientamos a partir da pesquisa, que Campina Grande, durante a festa do carnaval fora de época, passava a ser uma cidade plural de ritmos musicais. Foi nessa mistura musical que a Micarande conseguiu harmonizar e possibilitar diferenças frente a outros carnavais fora de época. Talvez, essa mistura na referida cidade só foi possível pela história de tradições carnavalescas do passado, como também à tradição do forró. Assim, os diferentes sons e gostos, apesar da predominância do axé *music* e da propagação deste em rede nacional nos anos 1990, fizeram o formato de diversas festas dentro do contexto festeiro da Micarande. Na verdade, era uma escolha que vinha de cima, de opções pessoais dos organizadores de blocos e do poder público algo que parte da sociedade aprovou e se divertiu na folia.

---

<sup>73</sup> Fonte: Folheto de propaganda e divulgação da Micarande 2007. Distribuído pelo poder público da cidade. (Grifo no original)

Por fim, a festa carnavalesca da Micarande teve como característica a máxima de que “no carnaval tudo é permitido”, apesar dos olhares vigilantes do poder público e/ou de algumas famílias. Nesse “tudo é possível” foram (re) inventadas as roupas, a maneira de dançar, a inserção do uso de drogas<sup>74</sup>, o ato de sair nos blocos só com amigos/as, entre outras novas possibilidades; surgindo assim diversas práticas do espaço e do discurso para a cidade.

Após esses inúmeros passos, danças e passeios entre a história de criação dessa festa o que nos proporcionaram prazer e desgaste; nas andanças entre as leituras da pesquisa e teoria, acreditamos ter sido possível e pertinente à discussão sobre a forma de pensar e dizer a festa carnavalesca da Micarande nos anos de 1990 a 2008. No próximo tópico desse Bloco, discutiremos sobre os blocos festivos da Micarande que durante duas décadas fizeram história em Campina Grande.

## 2.2 Pipocando por ruas da cidade: Os Blocos e os micarandiantes

*“O GALO FAZ A FESTA”*

*(Hino)*

*Iê, lê, lê, lê, o / ê o*

*O galo de Campina já chegou*

*Mamãe sacode*

*Que papai já ta chegando*

*E nesse bloco*

*Que a gente vai pulando*

*Eu quero ver*

*Toda galera no arrastão*

*E todo mundo*

*Tirando o pé do chão*

*Iê, lê, lê, lê, o / ê o*

*O galo de Campina já chegou*

*Essa mortalha*

*Já vestiu Campina Grande*

*Por isso, viva*

*A mica, mica, Micarande*

*Eu quero ver*

*Toda galera no arrastão*

*E todo mundo*

*Tirando o pé do chão*

<sup>74</sup> Os periódicos citados nessa pesquisa apresentam algumas reportagens sobre isto, mas ressaltamos que não é nosso foco da pesquisa falar sobre as drogas, por isso não adentramos em detalhes.

*Porque o Parque  
É do Povo  
E o Galo é de raça  
Cantando de novo  
Nas ruas, na praça  
E pula menina,  
Menino, poeta  
Dos 8 aos 80  
O Galo faz a festa<sup>75</sup>*

O Hino do bloco do Galo de Campina intitulado o “Galo faz a festa” faz um convite à população micarandante para brincar no referido bloco. A letra do Hino apresenta o bloco como um dos mais animados da cidade, convocando a população a tirar o pé do chão e vibrar, vestir a mortalha, sair pelas ruas da cidade com diversas pessoas de faixas etárias bem distintas. Tal Hino ao realizar o chamamento para as pessoas participarem do bloco, faz alusões exacerbadas à sua alegria, se colocando como único em que “Toda galera no arrastão, E todo mundo” festejava a Micarande.

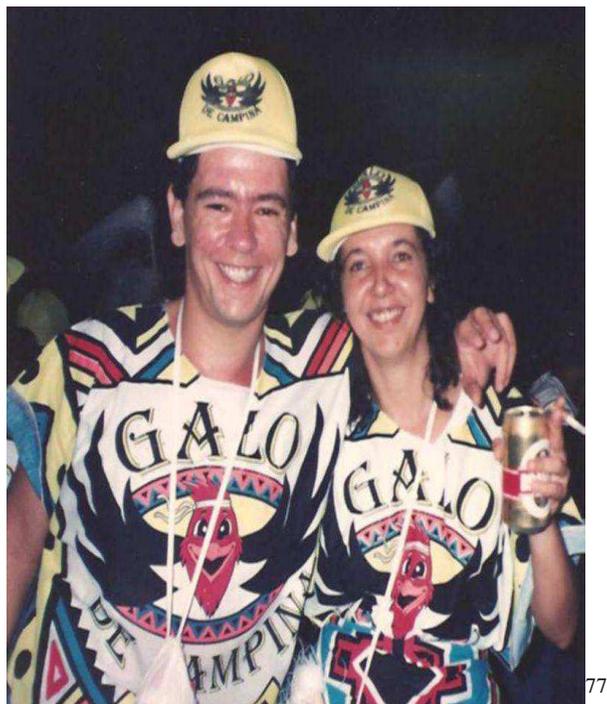
Sobre este bloco e seus foliões, vejamos as seguintes imagens que apresentam seus foliões descontraídos.



76

<sup>75</sup> Fonte: Fonte: Jornal da Paraíba, Caderno especial Micarande, página 4, Campina Grande, Sexta-feira, 01.05.1992. (Grifo no original). No referido jornal havia mais melodias, mas optamos colocar apenas essa.

<sup>76</sup> Fonte: Fotografia do arquivo pessoal da professora Elizabeth Chistina, gentilmente cedida para uso nesse trabalho.



O bloco “Galo de Campina” se apresentava com total animação e dizia ter total integração entre seus membros que eram de períodos etários distintos. Este foi um bloco que conseguiu nos seus primeiros anos levar para rua diversos membros e famílias para brincar. Mas, pensamos que a integração de todos os membros do bloco não foi completa, como afirma a epigrafe abaixo:

#### GALO DE CAMPINA

Dentre todos os blocos, o que mais vem se destacando em termos de animação, é o Galo de Campina, que tem cerca de 250 componentes. Ontem a moçada dançou e pulou a valer, durante o dia e à noite e mostrou que tem fôlego para mais três dias. O mais curioso é que esse bloco é composto por pessoas de todas as idades, desde crianças bem pequenas até homens e mulheres idosos, passando, naturalmente, pelos jovens, mas a integração entre todos é total<sup>78</sup>.

---

<sup>77</sup> Fonte: Fotografia do arquivo pessoal da professora Elizabeth Chistina, gentilmente cedida para uso nesse trabalho.

<sup>78</sup> Fonte: Jornal da Paraíba, Caderno Opinião, página 2, Campina Grande, Sexta-feira, 27.04.1990. (Grifo no original)

O bloco Galo de Campina foi um dos primeiros da Micarande considerado durante há primeira década como um sucesso, mas não o único da festa. Todavia, analisamos que fazer parte de tal bloco, o mesmo que lideranças políticas como o prefeito Cássio Cunha Lima e sua esposa gostavam de acompanhar, significava mostrar ao público que estava inserido no grupo socialmente “importante” da “elite” campinense. Lembramos ainda que tal bloco não conseguiu sair pelas ruas até o último ano de Micarande, seus foliões foram migrando para outros blocos, em especial os que tinham as atrações baianas<sup>79</sup>, que passaram a ser vistos como principais blocos da elite campinense e paraibana.

Quanto ao uso do termo “Bloco carnavalesco”, no Brasil é utilizado para designar distintas manifestações da festa do carnaval e festejos populares. No geral, os brasileiros empregam tal termo para se referir a grupos de pessoas que se prepara(va)m de maneira semi-organizada, utilizando fantasias/alegorias e roupas padronizadas como os abadá, ou até vestidas com o estilo irreverente como no caso dos blocos das virgens<sup>80</sup>, que desfila(ra)m em distintos lugares do nosso país, bem como na Micarande.

No Brasil os blocos, entre outros, são das escolas de samba como no Rio de Janeiro e São Paulo, dos grupos de pessoas que ficam entre cordões de isolamentos como no carnaval em Salvador ou dos carnavais fora de época em distintos lugares do Brasil, de ruas como o Galo da Madrugada no Recife. No que confere ao carnaval fora de época de Campina Grande, este último foi aplaudido e festejado pelos seus participantes, inclusive sendo homenageado com músicas, como o Hino para o bloco *Galo de Campina* citado anteriormente.

Na Micarande, durante as duas décadas de festa foram vários os blocos que desfilaram pelas ruas da cidade, alguns sem tanto luxo nas indumentárias e sem as “potências” dos trios elétricos, mas com um ponto comum entre eles, o desejo de esbanjar alegria; outros mais elitizados e esplendorosos sejam nas fantasias ou pelas atrações musicais que conseguiam arrastar multidões. Sobre os blocos e os foliões, apresentamos abaixo algumas narrativas jornalísticas:

---

<sup>79</sup> Bandas baianas de Axé Music, como Chiclete com Banana e o Asa de Águia.

<sup>80</sup> Blocos em que homens se vestem como as mulheres e as mulheres se vestem como os homens. Ambos buscam ironizar o social e promover a diversão invertendo seus papéis sociais.

### BALANÇO DO AMOR

Um imenso bloco formado por moças e rapazes da nossa melhor sociedade vai agitar no Micarande. Trata-se do Bloco carnavalesco “BALANÇO DO AMOR” coordenado pela jovem estilista Ilvana Lucena. Entre os participantes destaco as lindas gatas Isabella Celino, Samara Dowettes, Ana Claudia Nóbrega, Nadine Agra e Carla Couto<sup>81</sup>.

### BLOCO DO ARRASTÃO

Com direito a uma escultura do seu rosto, feita por um artista plástico, Noaldo Néri, proprietário do Segunda Página Bar, está comandando um bloco completamente fora do convencional.

Na verdade, o bloco não tem fantasia e vai sair com todas as pessoas que não se engajaram em outros blocos, mas que querem brincar da mesma forma.

Daí o nome de “Bloco do Arrastão”<sup>82</sup>.

Nas epígrafes publicadas no Jornal da Paraíba os blocos retratados no início da Micarande eram diversos. Porém, ao longo dos anos foram ganhando novas características e diferenciando do modelo inicial. No primeiro ano da Micarande os blocos eram formados por grupos de pessoas que tinham afinidades entre si, no geral quase todos mantinham uma relação de proximidade dentro do bloco. O que diferenciava nessa fase inicial era alguns mais frequentados pela “elite” campinense, como o bloco “Balanço do Amor” que buscava reafirmar seu lugar social.

Já outros, como o “Bloco do Arrastão”, apresentava um perfil de bloco mais simples em que o folião não precisava de uma fantasia ou mortalha para participar e brincar, pois a intenção era reunir as pessoas que não tinham adquirido roupas dos blocos maiores, seja por falta de dinheiro ou por outro motivo. Deste modo, era uma alternativa, principalmente para os que decidiam sair de última hora na folia carnavalesca promovida na cidade, caracterizando-se como lhes fosse mais conveniente, com a roupa que mais os agradassem, pois o que realmente interessava eram a alegria do folião e o desejo de fazer o arrastão da diversão pelas ruas da cidade. Tal bloco não costumava agrupar pessoas que estivessem ligadas às famílias de renome na cidade.

Na pesquisa, principalmente a referida nos jornais, encontramos diversas falas sobre os blocos, chamando o público para participar das prévias e dos dias de

---

<sup>81</sup> Fonte: Jornal da Paraíba, Caderno Sociais, página 3, Campina Grande, Sexta-feira, 20.04.1990. (Grifo no original)

<sup>82</sup> Fonte: Jornal da Paraíba, Caderno Opinião, página 2, Campina Grande, Sexta-feira, 27.04.1990. (Grifo no original)

Micarande, tratando dos preparativos, da animação do público e da satisfação dos artistas com seus trios em busca de promover a agitação no percurso da folia. A partir dessa pesquisa, observamos que a maioria dos blocos, inicialmente, tinha um público bastante diversificado quanto à idade, principalmente nos três primeiros anos, e era comum sair na folia famílias, blocos formados por grupos de amigos, de colegas/amigos, e de pessoas do mesmo bairro.

Nesse momento inicial da festa, as pessoas pareciam não demonstrar preocupações e medo para brincar. Isto, em relação ao fim da primeira década e durante a segunda década da Micarande<sup>83</sup>. Frisamos também que nos anos iniciais da festa foi possibilitado a muitos campinenses participar da festa, visto que vários blocos<sup>84</sup> foram formados sem a presença das grandes atrações de axé da Bahia e assim, o valor das indumentárias era considerado acessível à população, e mesmo os blocos que nesse momento começaram a trazer as atrações baianas, buscavam deixar o valor da mortalha/abadá com baixo custo, visto que os artistas e trios ainda não faziam tanto sucesso no mercado musical e artístico.

Já em fins da primeira e no da segunda década da Micarande, não existiam mais blocos formados pelas afinidades citadas anteriormente, como também diminuía os números de atrações patrocinadas por empresas particulares ou custeados pela Prefeitura, que eram de livre acesso do público. Nessa nova fase os blocos eram organizados por empresários que buscavam acima de tudo o lucro. Os blocos ficaram “elitizados” e os abadás que davam acesso ao folião brincar dentro dos blocos foram aumentando seu valor, que ficou considerado alto para a maioria dos campinenses. Com isto, formava-se uma nova Micarande, pensada não tanto para a população local como no início, mas sim para pessoas de condições financeiras melhores e para turistas, que costuma(va)m seguir os trios elétricos baianos, especialmente o Chiclete com Banana e o Asa de Águia, por diferentes lugares do país.

---

<sup>83</sup> Fontes: Sobre maior tranquilidade: Jornal da Paraíba, Caderno Opinião, página 2, Campina Grande, Sexta-feira, 27.04.1990; Jornal da Paraíba, Caderno Opinião, página 2, Campina Grande, Terça-feira, 26.04.1991; Sobre preocupação com a violência: Jornal da Paraíba, Caderno Cidades, página 4, Campina Grande, Sexta-feira, 13.04.2007;

<sup>84</sup> Ver dentre algumas fontes os dias: Jornal da Paraíba, Caderno Variedade, página 3, Campina Grande, Sábado, 23.03.1991. Neste apresenta os blocos: “Galo de Campina, Gafanhoto, Saudades, Balanço do Amor, Me Adote Como Bêbe, Sem Camisinha eu Brinco, Afro-Brasil”; Jornal da Paraíba, Caderno Variedade, página 3, Campina Grande, Domingo, 24.03.1991- discute sobre as prévias e cita o bloco “Entre Tapas e Beijos, Vez & Voz”; Jornal da Paraíba, Caderno Variedades, página 3, Campina Grande, Terça-feira, 26.04.1991 – blocos “Os desajustados, Alcoologia”.

Os blocos<sup>85</sup>, nos três primeiros anos, saíram de lugares distintos da cidade<sup>86</sup>, como observamos nas narrativas jornalísticas citadas anteriormente e tinham seu percurso planejado pelos seus organizadores. No entanto, todos tinham o mesmo local para encerrar seus festejos. A duração do percurso era uma média de duas horas e ao chegarem ao local denominado de “Quartel General da Folia”, o Parque do Povo, os diferentes trios revezavam seus sons e ritmos, buscando animar a “multidão” que se encontrava no local. Destacamos que ao redor do Açude Velho, na Estação velha – que fica vizinho ao Açude Velho e na proximidade do Açude Novo, servia de referência para saída dos blocos e foliões.

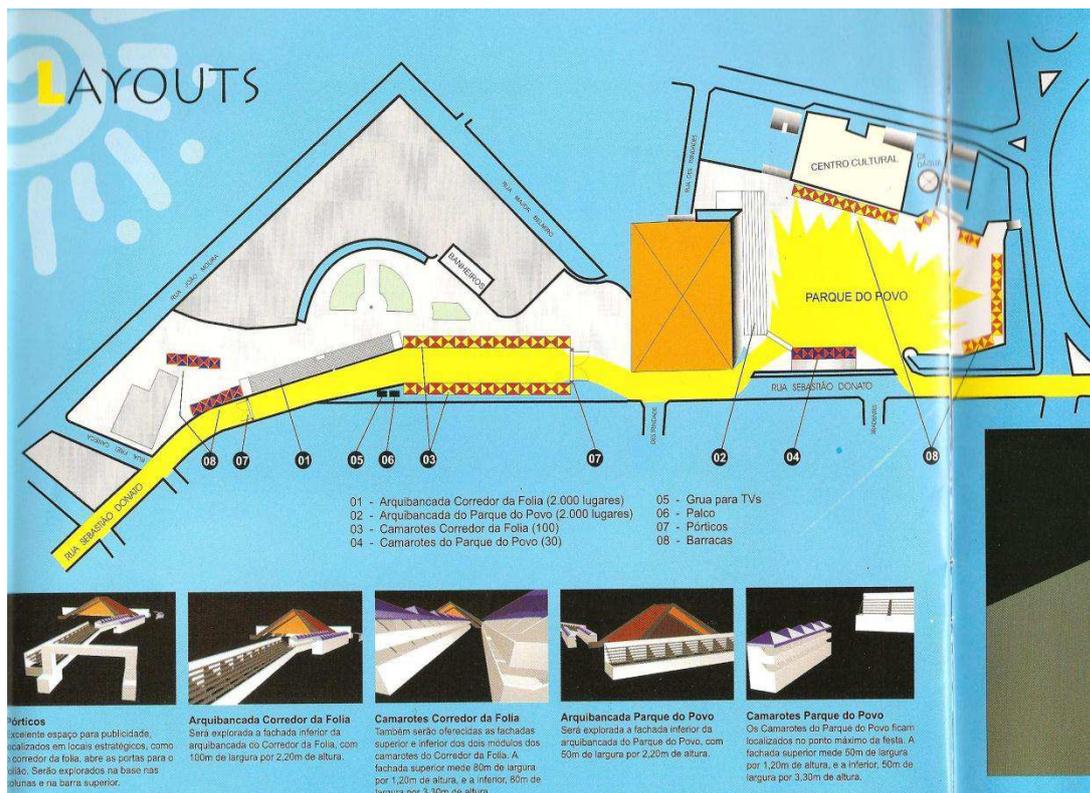
Com o crescimento dos blocos e do número de foliões, a Micarande ganhava significativamente cara de produto mercadológico como uma festa que ficava a cada ano que passava mais midiática. Desde modo, começou a preocupação com a segurança dos foliões. A partir de 1993, os blocos passaram a obedecer a um percurso único com saída da Avenida Brasília<sup>87</sup> para o Parque do Povo, “facilitando” os olhares vigilantes da organização no período da festa. Vejamos abaixo dois mapas que ilustram o percurso da folia que foi o mesmo de 1993 até 2008:

---

<sup>85</sup> No primeiro houve o registro em média de 54 blocos, no segundo ano o número de blocos foi em média de 153. Ver: Jornal da Paraíba, caderno Variedades, página 4, campina grande, quarta-feira 03/04/91.

<sup>86</sup>Fontes: Jornal da Paraíba, Edição especial da Micarande, Campina Grande, sexta-feira, 01.05.1992; Jornal da Paraíba, Caderno A Cidade, página 8, Campina Grande, sábado, 28.04.1990.

<sup>87</sup> Avenida Brasília, uma das principais e mais antigas da cidade. E hoje se localiza na mesma, dentre outros pontos comerciais, o shopping Boulevard.



88



89

Pelos mapas da folia podemos observar os espaços da Micarande. Destacamos alguns: no primeiro mapa podemos observar os espaços para as arquibancadas, camarotes, polícia, imprensa, palco e as barracas, além do percurso da folia. Tal trajetória pode ser visualizada melhor no segundo mapa, no qual lançamos o olhar sobre

<sup>88</sup> Fonte: Folheto distribuído pela Prefeitura Municipal, intitulado de “Projeto: Micarande 2000”.

<sup>89</sup> Fonte: Folheto distribuído pela Prefeitura Municipal, intitulado de “Bora-Simbora! Micarande 2002”.

os espaços denominados de: “Concentração – Avenida Brasília”- parte laranja, local que os foliões, trios e artistas marcavam o início da maratona carnavalesca. Esse era o momento no qual já podia começar as paqueras e os lances amorosos dos foliões, lugar em que pessoas de um bloco se encontravam com pessoas de outro bloco, e ao longo da avenida eram vivenciadas muitas emoções na dança, nos relacionamentos amorosos, e nas músicas que contagiavam e faziam lembrar outras festas da Micarande.

O “Açude Velho – Rua Severino Cruz” – a parte verde do último mapa era o local que concentrava alguns bares e onde muitas pessoas que não saíam nos blocos iam observar a passagem dos trios. No geral os blocos ficavam um pouco parados nessa rua, variando entre músicas mais agitadas e românticas o que permitiam aos foliões ficar mais próximos um dos outros, ou pelo menos, um dos espaços que possibilitava aos festeiros paquerar e ficar com menos correria atrás dos trios, e ao mesmo tempo aceleravam os sentimentos, pois sabiam que ia começar a entrar no percurso final da festa.

O “Corredor da Folia – Rua Sebastião Donato” – parte em amarelo do último mapa era o lugar considerado de maior empolgação, onde a adrenalina dos foliões, artistas, público das arquibancadas e dos camarotes vibravam ao mesmo tempo e demonstravam alegria ao som das músicas que embalavam os blocos. Na mesma rua fica o Parque do Povo, lugar em que acontecia a apoteose da festa, momento em que alguns blocos faziam a denominada volta no trio para os foliões que estavam de abadá, muitos destes tinham medo de se machucar nessa volta ao trio, assim saíam das cordas de isolamento do bloco se misturando a grande multidão que estava à espera dos trios no Parque do Povo.

Na “Área de dispersão – largo do Açude Novo” –, parte dos foliões ainda acompanhava e ia para o chamado “Forró da dispersão”<sup>90</sup> já anunciando a festividade posterior da cidade: o São João. Outros foliões voltavam para o Parque do Povo e iam curtir mais um pouco da festa, os demais preferiam ir para suas residências/hotéis relaxar o corpo. Também, não na pesquisa, mas informalmente ouvimos falar de muitas pessoas/casais que tinham se aproximado/conquistado no percurso da folia e iam continuar seus romances nos motéis.

---

<sup>90</sup> Ocorreram durante alguns anos.

Portanto, a Micarande no decorrer dos anos passou por transformações que mudaram o seu objetivo inicial. Os blocos *Galo de Campina*, *Spazzio e Batata*<sup>91</sup> trouxeram atrações que estavam fazendo sucesso na Bahia, especialmente em Salvador<sup>92</sup> e de acordo com a leitura que realizamos nos periódicos os blocos citados foram os que mais ganharam a preferência dos foliões.

O bloco *Spazzio* criado no segundo ano e que permaneceu nos demais anos da Micarande, foi um bloco que nos dois primeiros anos fazia matinês<sup>93</sup>, começando a folia mais cedo. Nesses dois anos, (1991 e 1992) os foliões do bloco *Spazzio* organizavam-se em frente ao clube de mesmo nome e saíam festejando rumo ao “Quartel General da Folia”. Sobre isto, vejamos a narrativa jornalística abaixo:

#### BLOCO DO SPAZZIO

Este ano, durante a Micarande, o Bloco do Spazzio vai botar pra quebrar, com uma atração inédita, com o arrastão do seu bloco, atrás do Trio Elétrico Chiclete com Banana, durante os dias 6 e 7 de abril, às 17:00 horas, saindo do Spazzio em direção ao Parque do Povo. Além disso, o Spazzio estará oferecendo no dia 5 de abril, um show maravilhoso com a participação do Chiclete e Os Feras, fazendo a abertura oficial da Micarande/91, por volta das 23:00 horas, em suas dependências. Já nos dias 6 e 7 de abril, duas supermatinais, com a Banda Mel e Os Feras, com início às 11:00 horas<sup>94</sup>.

O bloco referido acima, e outros blocos de destaque na festa ganharam o apoio da imprensa, em especial das rádios que divulgavam frequentemente o ritmo do axé *music*. Estas rádios criavam programas com horários exclusivos para tocar axé o ano inteiro e próximo às datas da Micarande. O axé *music* era um dos principais estilos musicais divulgados nas rádios da cidade, uma forma de influenciar o público a gostar de tal estilo e desejar ir para a festa.

O bloco Spazzio tinha como atração o Chiclete com Banana, que no geral, por onde passava agrupava os chamados “chicleteiros”, ou seja, seguidores dessa banda musical. Em Campina Grande havia um grupo de pessoas que fazia parte do fã clube

<sup>91</sup> Esse bloco era puxado pelo Asa de Águia, e passou a se chamar depois de Coco Bambu.

<sup>92</sup> O Chiclete com Banana (desde 1991 e esteve até o último ano), o Asa de Águia (desde 1992 e esteve até o último ano), Banda Beijo (desde 1991 e vieram alguns anos), Banda Eva (esteve em alguns anos da segunda década)

<sup>93</sup> Festa realizada no período da tarde.

<sup>94</sup> Fonte: Jornal da Paraíba, caderno Sociais, página 3, Campina Grande, terça-feira 19/03/91. (Grifo no original)

dessa banda e só saiam nesse bloco. Mesmo após o fim da Micarande, a banda Chiclete com Banana continua a vir anualmente em Campina Grande para realizar shows. No ano passado, 2011, foi inventada na época do São João, a “Namoradilha”, uma espécie de micareta e confraternização do dia dos namorados e que sai pelas ruas apenas um dia com a referida banda. Esta nova invenção já foi anunciada como atração no mês de junho do presente ano.

Ser chicleteiro era/é um sonho de muitos foliões, não só em Campina Grande, mas também em boa parte do Brasil. A maioria dos nossos entrevistados afirmou ser esta sua banda favorita da Micarande, pois tinham satisfação em ir todos os dias de festa no mesmo bloco, isto durante vários anos da folia, como também, quando possível iam aos shows realizados pela banda na região.

Não só na pesquisa, mas igualmente em conversas informais ouvimos várias pessoas falarem que era uma realização pessoal participar dos blocos carnavalescos dessa banda e que em algumas festas da Micarande, como nem sempre dava para comprar a indumentária para todos os dias, era comum juntar grupos de amigos e comprar abadás de diferentes blocos, saindo um dia no grupo do Spazzio, e nos outros dias havia a troca de abadás entre si, passando então a frequentarem outros blocos considerados sem tanta repercussão na cidade.

Para muitos foliões micarandiantes e chicleteiros<sup>95</sup>, sair no bloco Spazzio ou em blocos dessa banda, era/é um desejo, não só pela atração musical, mas também pela demonstração de “status”. Pertencer ao bloco Spazzio era significar seu lugar social, além de uma demonstração de afeto pelo grupo musical, especialmente para com o vocalista Bell Marques. O grupo Chiclete com Banana no intuito de agradecer e ao mesmo tempo “prender” seus fãs criou diversas músicas para estes. Vejamos a letra de uma:

**Se Você é Chicleteiro  
Chiclete com Banana**

Se você é chicleteiro  
Deus te abençoa  
Se você não é  
Deus te perdoa (refrão)

Seja gente boa

---

<sup>95</sup> Seguidores da banda Chiclete com Banana.

Seja alto astral  
Vá de Voa-Voa, Nana e Camaleão

Faça a coisa certa  
Faça o carnaval  
Chegue e faça a festa  
Seja sempre alto astral

(refrão)

E dê a mão pra ela  
Beijar na boca não faz mal pra ninguém  
Com ou sem dinheiro também  
Se você é chicleteiro, você vai se dar bem

(refrão)

Eeeeh, chique demais  
Felicidade é um bem que faz  
Eeeeh, chique demais  
Isso é chiclete todo mundo se faz<sup>96</sup>

Esta música busca reafirmar que o lugar do chicleteiro é nos blocos em que a banda faz parte, afirmando que pertencer a tal bloco significa ter bom astral, saber optar pelo certo e pelo “melhor” para encontrar pessoas para ser feliz, beijar na boca e, independente da condição social pertencer ao grupo dos fãs “vai se dar bem”.

Pensamos que tal letra faz apreciação equivocada do sentido de felicidade, como se não existisse o direito dos sujeitos sociais gostarem de outros ritmos musicais ou mesmo de outras bandas de axé e serem felizes. Tal música busca “prender” seu público com declarações pesadas para o ser chicleteiro ao passo que reforça sub-repticiamente que a felicidade depende de tal adesão, e com isto a obrigação de cada fã ser um defensor incondicional do grupo Chiclete com Banana. O ideal de amor propagado nessa e em outras letras para seus fãs e simpatizantes “loucos” por tal atração musical, é o dever de amar incondicionalmente o grupo, o show, as músicas e tudo que eles lançarem.

Sobre a questão de ser chicleteiro, encontramos na internet diversos depoimentos de amor a essa banda, declarações “doentias” de tão exageradas e

---

<sup>96</sup> Fonte: <http://www.vagalume.com.br/chiclete-com-banana/se-voce-e-chicleteiro.html#ixzz1oRC8Izoh> visitado em 20 de janeiro de 2012.

sacrificadas<sup>97</sup>, de colocar não só uma admiração e simpatia pelo grupo, mas como uma crença a ser seguida e expandida, um ideal de entrega de “corpo e alma”, de conformação de receber apenas um aceno e ir ao delírio depois de horas de espera para ver o grupo musical.

Com essas colocações do *ser chicleteiro* não queremos afirmar que as pessoas não tenham direito ou bom gosto, mas nos chamou atenção pelos “abusos” que os próprios simpatizantes fazem consigo mesmo, atitudes que parecem no mínimo “loucas”. Como exemplo, o depoimento abaixo de Bianca Oliveira:

Ser Chicleteiro, é acompanhar a trajetória inteira da banda, é chorar e se emocionar com as músicas que escutam onde quer que estejam, e lembrar os antigos sucessos, e ouvir os novos, mesmo não gostando de alguns, para que no próximo show, ou a micareta que estiver por vir, saiba de cor e salteado, com direito a cantar todas as músicas, (...) Ser Chicleteiro (...) é enfrentar filas e filas, dias e dias, para comprar ingressos de shows e micaretas que acabam em fração de segundos... (...) é ter que esperar pelo REI do AXÉ no aeroporto (...) tudo isso para poder tirar uma foto, ou receber um beijo, um aceno<sup>98</sup>.

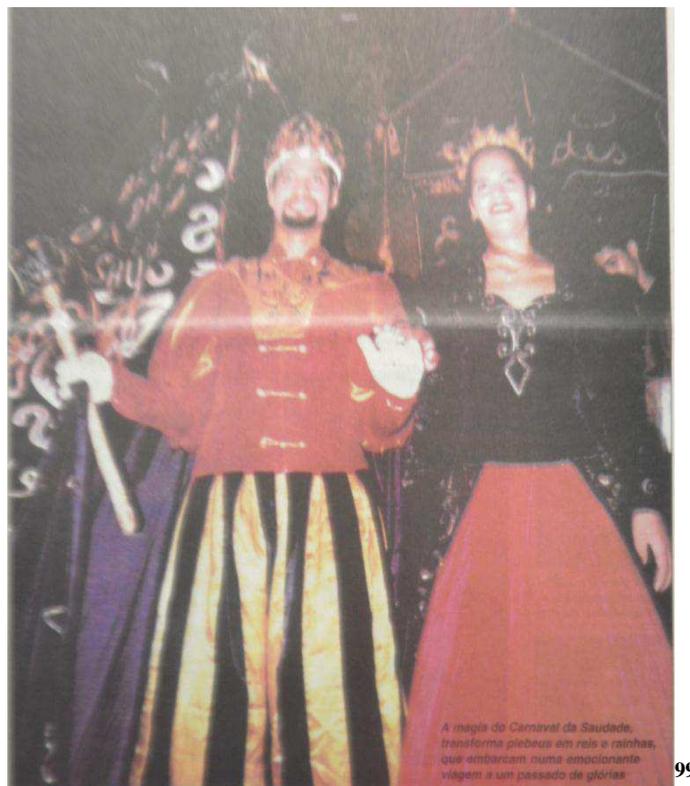
A vida de chicleteiro pode proporcionar algumas alegrias, mas é também de sofrimentos e angústias por não chegar perto do vocalista Bell Marques, denominado por fãs como “REI do AXÉ”, ou às vezes nem vê-lo. É sentir dores dos maus tratos cometidos com o corpo, da ansiedade, tudo para ficar perto da banda desejada. Finalmente, no olhar de Bianca de Oliveira, ser chicleteiro é demonstrar o amor mesmo quando alguma música ou algo relacionado ao grupo não o agrada.

Logo, no bloco Spazzio e nos demais blocos de axé, bem como no percurso da Micarande, são muitas as curiosidades e histórias de mutações significativas dos blocos. Aqui apresentamos uma cartografia dos blocos de *axé music*. E no tópico seguinte apresentamos algumas particularidades de blocos na Micarande apenas a título de informações, pois não é nosso foco de estudo tratar dos outros modelos de blocos e a multiplicidade que fora vivida, experimentada e sentida pelos micarandiantes nesse carnaval fora de época em Campina Grande.

<sup>97</sup> Em especial lemos a declaração de uma chicleteira disponível em <http://www.carna.com.br/modules.php?mod=Interviews&act=view&id=2> visitado em 20 de janeiro de 2012.

<sup>98</sup> Idem

### 2.2.1 Atrações à parte na Micarande: Bloco da Saudade, Zé Pereira e as Virgens.



Os blocos denominados “Bloco da Saudade” e “Zé Pereira”<sup>100</sup>, foram atrações à parte na festa da Micarande, pois estes eram marcados pela identidade cultural do carnaval tradição com as músicas de frevo e as marchinhas carnavalescas.

O Bloco da Saudade, como apresenta a última imagem esbanjava luxo com suas fantasias, estandartes e máscaras. Ele saía por ruas antigas da cidade sem os cordões de isolamento, mas por ter como característica de muito esplendor o público alvo era os foliões da elite da cidade que brincaram em décadas passadas os carnavais campinenses, período em que a maioria desses foliões era jovem e afirmava ter vivido o período do carnaval de verdade. Daí uma relação emocional dos foliões com o Bloco da Saudade. De acordo com Carla Maria Dantas Oliveira (2011) o referido bloco, foi criado em Campina Grande em 1991, e se apresentava como:

<sup>99</sup> Fonte: Diário da Borborema, Caderno Variedades, página 1, Campina Grande, sexta-feira 9 de abril de 1999.

<sup>100</sup> Sobre estes blocos, encontramos muitas reportagens tanto o Jornal da Paraíba, quanto o Diário da Borborema, e também diversas informações nas entrevistas realizadas. Neste trabalho procuramos localizar o leitor sobre tais blocos, mas ressaltamos que há muito a se discutir, visto a quantidade de informações pesquisada, o que daria um trabalho exclusivo sobre os mesmos e suas particularidades dentro da Micarande. Mas, no momento não é a nossa intenção.

[...] portador de um discurso que visa ao “resgate” da identidade cultural local, através da representação dos antigos carnavais ocorridos no começo do Século XX nessa mesma cidade. [...] nomeando os espaços de memória que formam um simulacro de imagens geradoras de sentido em sua significação, como reproduzindo em seu percurso os ditos caminhos tradicionais do carnaval no centro da cidade. São eles: as Ruas Maciel Pinheiro e Monsenhor Sales que, nas décadas de 1930 a 1960, eram consideradas o QG da folia carnavalesca campinense elitista; “O Beco 31”, assim intitulado devido a seu prédio mais famoso, na memória carnavalesca campinense; o Edifício 31, onde se localizava a Fruteira, ponto comercial que, a partir da década de 1920, tornou-se reduto da boemia de comerciantes, políticos e intelectuais locais; e os clubes “Campinense Clube” e “Grêmio Renascença 31”, que recebiam, em suas festas momescas, a alta classe campinense<sup>101</sup>.

O Bloco da Saudade não é uma exclusividade de Campina Grande, pois esse modelo e esses caracteres carnavalescos podem ser encontrados em Recife<sup>102</sup>. A ativista cultural Eneida Agra Maracajá foi quem teve a iniciativa de colocar o bloco mencionado nas ruas de Campina Grande, pois não só ela, mas outras pessoas de sua geração que gostam de carnaval tradição se viam como os guardiões de uma memória carnavalesca na cidade. Eles não se sentiam privilegiados com a Micarande, de predominância com músicas e blocos de axé. Desse modo, resgatando os antigos carnavais o sucesso deste bloco.

O Bloco da Saudade, mesmo com o fim da Micarande em 2008 continuou a sair nos anos seguintes, mas sua idealizadora apontou em reportagens recentes na mídia local, dificuldades econômicas para colocar o bloco na rua. O que se pôde perceber é que falta, por parte do poder público mais investimento em projetos culturais na cidade, pois no dia-a-dia o que se nota é um discurso de Campina Grande como uma cidade cultural. Porém o real vivido não está condizente com os discursos proferidos frequentemente por políticos locais na mídia ou, sobretudo, no período de São João quando a cidade recebe diversos turistas.

---

<sup>101</sup> OLIVEIRA, Carla Maria Dantas. Os sentidos da festa e do festejar: A “tradição” carnavalesca do Bloco da Saudade. Texto disponível em [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300934390\\_ARQUIVO\\_ARTIGOANPUH-CARLA.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300934390_ARQUIVO_ARTIGOANPUH-CARLA.pdf) visitado em 27 de dezembro de 2011.

<sup>102</sup> Para mais informações ver: *Bloco da Saudade*, texto disponível em [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=492&Itemid=181](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=492&Itemid=181) visitado em 27 de dezembro de 2011.

Quanto ao Bloco “Zé Pereira”<sup>103</sup>, existe indícios que foi inventado no Rio de Janeiro durante o século XIX, mas não se sabe muito sobre sua história e a data certa de sua criação. O que se discute é que seu início se deu provavelmente na década de 1840 quando um homem, de origem portuguesa de nome José e sobrenome Pereira saiu pelas ruas da cidade do Rio em passeata usando máscara e cantando “Viva Zé Pereira, que ninguém faz mal”. E depois passou a ser acompanhado por seu amigo Juvenal anatanando: “Viva Zé Pereira, Viva Juvenal, Viva Zé Pereira no dia de carnaval”.

Ao longo dos anos esse ato foi conquistando cada vez mais pessoas tornando-se assim um bloco de carnaval festejado hoje em vários lugares do Brasil<sup>104</sup>. Em Campina Grande, de acordo com o jornal Diário da Borborema, há registros que ele chegou durante a década de 1930 e foi sucesso por vários anos de carnaval na cidade, mas com o declínio dos antigos carnavais, tal bloco passou alguns anos sem sair às ruas e voltou a ser festejado na Micarande em 1991. Sobre este bloco, vejamos a narrativa jornalística e algumas fotos de seus foliões.

#### ZÉ PEREIRA

O vibrante bloco Zé Pereira, uma das maiores atrações da Micarande está ultimando os preparativos para o seu grande desfile, dia 21 de abril, com uma super orquestra que só executara frevo.

O Zé Pereira ressurgiu em Campina Grande, na Micarande, depois de ter sido um dos maiores símbolos do carnaval de rua do passado em nossa cidade. Agora, já está no gosto até dos foliões da nova geração, e o que se vê no seu desfile são milhares de foliões brincando e cantando sem parar, gente de todas as idades que se emocionam com a passagem do Zé Pereira.

Os “kits” já estão a venda no Miura, cantina do Manoel, no Calçadão da Cardoso Vieira e Posto de Bodocongó, e com os diretores Waldecir Vilarim, Ary Rodrigues, João Dantas, Lindberge Martins e Robert Curura<sup>105</sup>

<sup>103</sup> Fonte: Diário da Borborema, caderno Sociedade - coluna Graziela, pagina 11, Campina Grande, sexta-feira 17 de março de 1995. (Grifo no original).

<sup>104</sup> Fonte: Diário da Borborema, caderno variedade, página 1, Campina Grande, quinta-feira 30 de março de 2000.

<sup>105</sup> Fonte: Diário da Borborema, caderno Sociedade - coluna Graziela, pagina 11, Campina Grande, sexta-feira 17 de março de 1995. (Grifo no original).



106



107

---

<sup>106</sup> Fonte: Fotografia do arquivo pessoal da professora Martha Lúcia, gentilmente cedida para uso nesse trabalho.

<sup>107</sup> Fonte: Fotografia do arquivo pessoal da professora Martha Lúcia, gentilmente cedida para uso nesse trabalho.

O Bloco “Zé Pereira” proporcionava diversão aos seus foliões ao som de músicas do frevo e marchinhas carnavalescas. No geral, este bloco saía durante o dia e tinha um público diversificado na idade. Outra característica desse bloco refere-se às indumentárias. Como observamos nas fotos as vestimentas dos foliões não esbanjavam luxo, diferente das fantasias do Bloco da Saudade, e também parte dos foliões do “Zé Pereira” preferia não customizar seus abadás e quando o faziam, eram mais sutis algo diferente do público dos blocos de Axé music.

Assim, como os outros blocos da Micarande, este costumava a cada ano fazer propagandas, convidando e apresentando aos foliões o que estava sendo preparado para a realização do mesmo, como demonstra a última epigrafe jornalística citada. Essa era uma forma de dizer aos seus foliões que já fossem se animando e se preparando para a folia seguinte. O gosto dos foliões por esse bloco está relacionado ao amor pelas músicas de frevo que animava os participantes e os faziam (re)viver bons momentos carnavalescos, possibilitando boas lembranças da juventude de parte de seus foliões.

Deste modo, os blocos “Bloco da Saudade” e “Zé Pereira” mantinham uma aproximação pelo gosto musical do frevo e marchinhas, por saírem quase todos os anos pelas ruas mais antigas da cidade, por levar para brincar nas ruas um público diversificado, porém com uma predominância de pessoas adultas e idosas que já tinham aproveitado outros carnavais em Campina Grande.

Outros blocos, que podem ser considerados atrações à parte eram: os blocos infantis que foram inventados para a criançada e, portanto levavam à avenida os foliões mirins; e o bloco dos APAExonados – bloco da APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, este era composto por pessoas assistidas pela referida instituição, crianças ou adultos que possuíam algum problema de saúde, denominados socialmente de pessoa especial.

Quanto ao “Bloco das Virgens”<sup>108</sup>, considerado também uma atração à parte, era um dos blocos mais irreverentes da Micarande e arrastava um grande público. A maioria dos que participavam do bloco era de homens que se caracterizavam de mulher, e algumas mulheres que usavam trajes masculinos. A intenção de ambos era promover humor e satirizar com seus trajes, pois se divertiam com suas performances e atraíam a

---

<sup>108</sup> Ideia formada a partir da leitura nos jornais da Paraíba e Diário da Borborema, onde encontramos várias falas sobre esse bloco, que apontavam para criatividade no estilo de vestir dos foliões.

atenção dos expectadores. Parte dos participantes costumava imitar personalidades do mundo artístico, ou satirizar com algo que estivesse sendo notícia no momento.

Alguns dos foliões deste bloco gostavam tanto da brincadeira que passavam dias na produção de suas fantasias, e ao que parece, era tudo em nome da animação e da possibilidade da inversão de gêneros, algo que naquele momento festeiro ‘todo’ o exagero e reverso, não eram avaliados por parte da sociedade com olhares negativos, como seria em outro momento do ano. Pensamos que tal bloco foi múltiplo de sujeitos que queriam brincar e zombar com aspectos do cotidiano, mas também de pessoas que não tem coragem de se assumir como homossexual, e aproveitavam o bloco para viver parte de suas fantasias, pois o momento os encorajava. Ainda sobre este bloco, apresentamos a seguir uma imagem que nos possibilita observar a irreverência, criatividade e humor das “virgens”.



109

Enfim, os blocos durante as duas décadas de festejos da Micarande, poderiam ser classificados por categorias: os oficiais ou ‘carros chefes’ da festa, pois eram os que

<sup>109</sup> Fonte: Diário da Borborema, caderno Variedades, Campina Grande, quarta-feira 03 de maio de 2000.

atraiam mais foliões da cidade e turistas, e eram puxados pelas grandes atrações de axé da Bahia; os alternativos que saiam um dia antes dos blocos oficiais e no geral eram ligados a algum bloco oficial; os do carnaval tradição “Bloco da Saudade” e “Zé Pereira” com o frevo e as marchinhas que lembravam carnavais de outrora da cidade; os infantis que promoviam a alegria dos foliões mirins; os APAExonados, bloco que levou a avenida pessoas que apresentavam alguma deficiência e seus familiares; e por fim as Virgens com toda a sua irreverência.

As transformações no modo de pensar o carnaval na cidade foram significativas para parte da população, e talvez pela grande quantidade de blocos. A Micarande, com seus múltiplos blocos constituiu uma festa de diversidade de ritmos, gostos e heterogeneidade musical.

Passemos então para o tópico seguinte para discutir sobre a teatralização dos corpos dos foliões micarandiantes a partir do uso das indumentárias, e também as novas configurações nos relacionamentos, o paquerar, ficar e beijar.

## NOVAS CONFIGURAÇÕES NAS INDUMENTÁRIAS CARNAVALESCAS E NAS RELAÇÕES AFETIVAS

Neste bloco discutimos as novas configurações nas indumentárias dos foliões da Micarande observando suas transformações, da mortalha ao abadá. Para tanto, utilizamos imagens retiradas dos jornais e outras cedidas gentilmente por uma das entrevistadas. Em seguida analisamos as novas configurações afetivas do “paquerar” e do “ficar”, presentes na contemporaneidade e vividas por diversos foliões da Micarande. Nesta análise utilizamos depoimentos de foliões mostrando como foram vividas tais afetividades na micareta campinense. A seguir discutiremos sobre as indumentárias no carnaval brasileiro e na Micarande.

### 3.1 As indumentárias - passaporte da festa: da mortalha ao abadá<sup>110</sup>

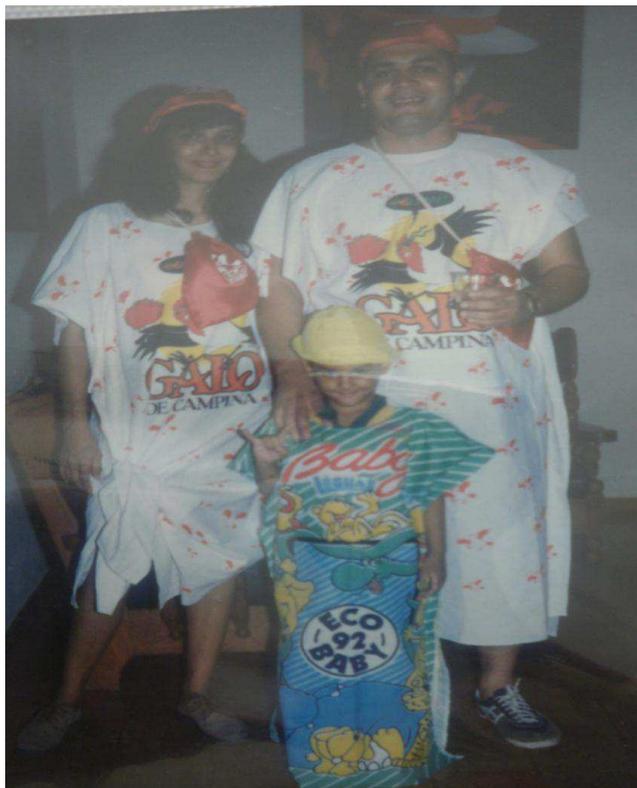
A festa carnavalesca é considerada uma festa popular no Brasil, e nas diversas regiões apresentam várias características que dão um ar especial ao brincar e ao inventar maneiras de se divertir. Neste tópico apresentamos um histórico sobre os usos e costumes utilizados no carnaval brasileiro, em especial na Micarande, a mudança de estilo da vestimenta e os usos feitos pelos foliões. Neste sentido a mortalha foi a primeira indumentária padronizada usada no início da Micarande. Vejamos imagens de mortalhas utilizadas em Campina Grande.

---

<sup>110</sup> As ideias desse tópico foram elaboradas também pela leitura de sites que discutem a evolução da mortalha para os abadás na Bahia. Os sites são: <http://www.brasilecola.com/carnaval/fantasia.htm>; <http://mirantefolia.com.br/noticias>; <http://pedrinhodarocha.wordpress.com/2011/01/04/da-mortalha-ao-abada-a-involucao-da-fantasia/>; <http://www.carnavalsalvador.net/site/>; visitados no dia 22 de janeiro de 2012.



111



112

---

<sup>111</sup> Fonte: Diário da Borborema, Caderno Geral, Campina Grande, quarta-feira, 03.04.1991, página 7.

<sup>112</sup> Fonte: Fotografia do arquivo pessoal da professora Martha Lúcia, gentilmente cedida para uso nesse trabalho. Micarande de 1992.



113



114

---

<sup>113</sup> Fonte: Fotografia do arquivo pessoal da professora Elizabeth Chistina, gentilmente cedida para uso nesse trabalho.

As imagens<sup>115</sup> apresentadas por último nos possibilita analisar como eram as mortalhas usadas por foliões. A fotografia retirada do jornal Diário da Borborema foi o modelo de vestimenta no bloco “Galo de Campina” no ano de 1991, a mesma caracteriza-se pela simplicidade e pelo pouco colorido; seu tamanho chama a atenção, cobrindo quase todo o corpo.

Nas outras imagens, de anos subseqüentes de Micarande, mostram diferentes estilos de mortalha: mais descontraído, alegre e colorido, com sua arte gráfica simbolizando o “Galo”. Podemos observar como os foliões usavam sua mortalha, algumas mulheres usavam-a solta cobrindo todo o corpo, enquanto outras davam pequenos nós que deixavam parte de suas pernas à mostra, expondo mais o seu corpo. Ou seja, as mulheres já começavam a ditar modas no estilo e na forma de uso das indumentárias, considerada o passaporte para a festa carnavalesca.

Para descobrir como se deu o início do uso da mortalha em Campina Grande, é necessário que voltemos um pouco na história. Até a década de 1960 era comum às pessoas no carnaval brasileiro usar fantasias e máscaras de pierrôs, colombianas, piratas, marinheiros e caretas (máscaras). Alegorias que ajudavam na ideia de inversão, ou seja, do sujeito assumir outro lugar ou simplesmente divertir-se em bailes e festas carnavalescas. As alegorias davam um ar diferente do vivido no cotidiano, como também fazia a diferença na estética do folião. Assim, indumentárias vão se transformando ao longo dos anos e construindo novas características apresentando os gostos de cada época.

Tais indumentárias começaram a ser substituídas pelas mortalhas, o que foi um sucesso, em fins da década de 1960 e início de 1970. A mortalha tem sua origem no Brasil nos anos de 1960, na Bahia. Era considerada uma fantasia prática, de baixo custo financeiro, irreverente, roupas grandes e folgadas que às vezes, encostavam aos pés e deixavam o corpo livre facilitando sua movimentação durante o brincar. Esta vestimenta fornecia elementos de indicação a qual “tribo” pertencia os foliões e surgiu para contrapor aos “caretas” que se vestiam ao estilo europeu,

Num primeiro momento as mortalhas<sup>116</sup> possuíam características tristes, com cores fúnebres e com desenhos de cruces na frente e nas costas, algumas ainda continham um capuz como adereço. O seu uso acompanhado de máscaras foi proibido durante certo

---

<sup>114</sup> Fonte: Fotografia do arquivo pessoal da professora Elizabeth Chistina, gentilmente cedida para uso nesse trabalho.

<sup>115</sup> O uso da imagem para o historiador é uma fonte de investigação, assim como outras fontes, que possibilitam a análise de respostas sobre ideias e atitude de períodos históricos.

<sup>116</sup> Idem.

período pelos governantes militares. Mas, aos poucos elas foram ficando mais populares e aderindo à cores mais alegres e vibrantes, com frases que expressavam a liberdade em relação ao sexo, comportamento e drogas; práticas livres, pelo menos no período do carnaval, pois era “proibido proibir”<sup>117</sup>. Ou seja, uma forma de expressar o desejo por mudanças que lhes trouxesse dias melhores e alegres.

Em fins dos anos 1970 as mortalhas, além de coloridas e com desenhos momescos, começaram também a ficar mais curtas, um pouco abaixo dos joelhos. Todavia, apesar de suas mudanças na cor e no tamanho, os baianos começaram a dividir o espaço com o macacão, outro modelo de roupa que também deixava os corpos dos foliões livres e a vontade no carnaval. Tais estilos de vestimentas foram utilizados até início dos anos 1990 quando foi inventado o abadá, que logo ganhou aderência de foliões<sup>118</sup>.

A contracultura<sup>119</sup> que chegou ao Brasil entre as décadas de 1960 e 1970 dava um toque de rebeldia as nossas festas carnavalescas. Era um momento de manifestar-se protestando, pois o carnaval era um período que se “permitia todas as inversões”. Deste modo a mortalha foi associada a uma fantasia irreverente para contrastar com o período fúnebre daquele momento no país, momento de repressão e falta de liberdade de expressão. O próprio nome “mortalha” era um protesto e fazia referência ao período de morte da liberdade brasileira, da imposição militar, que contrastava com o modelo de alegria que era o carnaval.

As mortalhas nos carnavais baianos uniram-se aos trios elétricos que começaram a surgir nos anos 1980. Mas, a partir dos anos 1980 e início de 1990 já não combinavam mais com seu caráter fúnebre, pois o país já experimentava novos tempos com conquistas pessoais, política e sexual. Desde a Revolução Sexual (1968) que aos poucos os brasileiros iam incorporando assim como a Redemocratização na política brasileira<sup>120</sup> com o fim do Regime Militar (1964-1985). A mortalha naquele momento era só uma fantasia que principalmente, as mulheres começavam a inovar ao dobrar, a dar nó ao lado, a diminuir

---

<sup>117</sup> Fonte: Disponível em <http://www.azezeiro.com.br/noticia/carnaval/15193,a-historia-do-abada.html> visitado em 05 de janeiro de 2012.

<sup>118</sup> Fonte: Disponível em <http://www.azezeiro.com.br/noticia/carnaval/15193,a-historia-do-abada.html> visitado em 05 de janeiro de 2012.

<sup>119</sup> Movimento que teve origem nos Estados Unidos, na década de 1960, a contracultura pode ser entendida como um movimento de contestação de caráter social e cultural. Nasceu e ganhou força, principalmente entre os jovens desta década, seguindo pelas décadas posteriores até os dias atuais. Em linhas gerais, os precursores da revolução contracultural foram os chamados beatniks, cuja característica mais importante foi o inconformismo com a realidade do começo da década de 1960. Dados disponíveis em <http://www.suapesquisa.com/musicacultura/contracultura.htm> visitado em 05 de janeiro de 2012.

<sup>120</sup> Processos de transição política que acabaram com regimes ditatoriais, neste nos referimos, especificamente, ao momento de 1985.

seu tamanho, modificar suas cores e designe em busca de dar mais forma a seu corpo. Deste modo, as mulheres são consideradas as impulsionadoras da mortalha para o abadá<sup>121</sup>.

Com os novos usos das mortalhas, o designer Pedrinho Da Rocha criou o abadá em 1993. Os primeiros abadá foram confeccionados menores que as mortalhas e ficavam acima dos joelhos, estes eram largos e retos sem mangas e vinham acompanhados de um short. Os abadá foram utilizados primeiro no Bloco Eva, em Salvador. Nos anos seguintes os demais blocos desta cidade passaram a aderi-lo. Outras inovações também vieram para o folião que passou a ganhar o kit carnavalesco com short, tira de cabeça, tira de cintura e boné; e depois surgiu também o “mamãe sacode”<sup>122</sup>.

Logo quando foi inventado o abadá, ele era apenas um dado a cada folião para todos os dias de festa, tinham um tecido grosso e não era tão colorido. Com o passar do tempo, os tecidos foram se aperfeiçoando. Os abadá receberam tons coloridos com diversas estampas e eram/são confeccionados vários para um mesmo bloco, sendo um para cada dia de festa. Esta foi uma fantasia prática que ajudou a deixar o corpo mais livre e sensual, principalmente o corpo das mulheres, mostrando a beleza de suas curvas, além de torna-se um estilo oficial do carnaval baiano e dos carnavais fora de época em todo o Brasil.

Na Micarande, o uso da mortalha ocorreu apenas em sua primeira edição, pois a ideia do abadá foi importada da cidade de Salvador no segundo ano de festa. Sobre tais indumentárias, vejamos uma narrativa:

O fato de terem é adaptado a mortalha e trocado pela uma camiseta descaracterizou muito (...) perdeu muito a Micarande com isso a partir do momento que foi transformado nessas blusas, nesses abadá, por que as pessoas reformam, dependendo de como você coloca né, você pode ser vista como uma mulher mais saída né, saída assim como uma mulher oferecida, digamos assim mais popularmente vulgar (...) eu acho que a roupa mudou muito a identidade da festa (Jéssica)<sup>123</sup>

<sup>121</sup> Fonte: Dados disponíveis em <http://www.azezeiro.com.br/noticia/carnaval/15193,a-historia-do-abada.html> visitado 15 de janeiro de 2012.

<sup>122</sup> Mamãe sacode era um acessório que foi utilizado em algumas edições da festa, confeccionado por fios de plástico preso a um cabo de pau, que os foliões levavam nas mãos e ajudava a requebrar o corpo nas danças.

<sup>123</sup> Jéssica, 31 anos, saiu nos blocos nos últimos nove anos de festa. A mesma trabalha na área de educação e é estudante universitária, residente em uma cidade próximo a Campina Grande. Entrevista realizada em 06 de março de 2010.

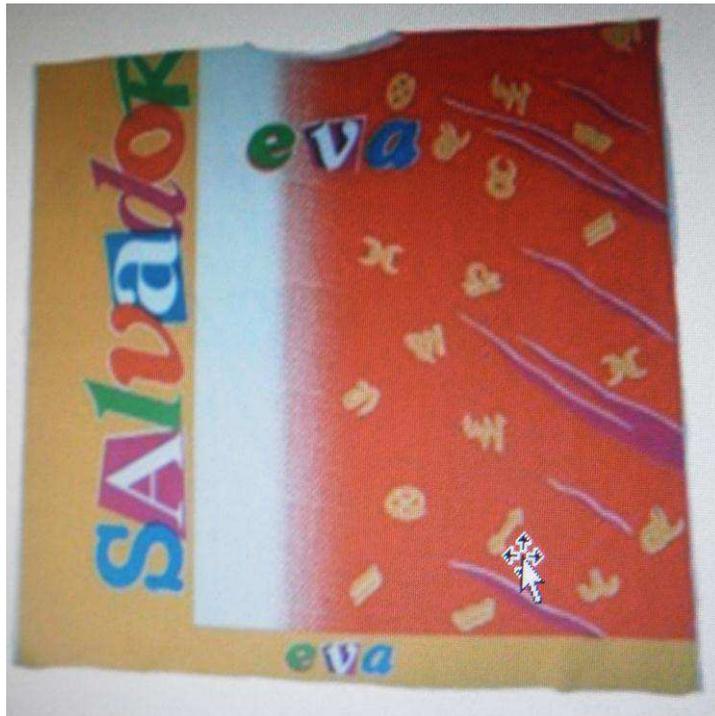
Em Campina Grande, tal como em outras cidades na qual realizam(ram) festas carnavalescas fora de época, houve a troca da mortalha pelo abadá; alguns foliões, como a foliã citada na narrativa acima, consideram tais mutações uma descaracterização do evento. Segundo a entrevistada Jéssica, as reformas na referida indumentária, principalmente por parte das mulheres que desejavam expor mais suas curvas e formas em busca de realçar o corpo e a beleza, possibilitou críticas severas às mulheres que usava o abadá “reformado”, sendo algumas apontadas como promíscuas, vulgares e fáceis.

Para que possamos perceber melhor a mudança nas indumentárias e no estilo da vestimenta carnavalesca brasileira, principalmente na Bahia que vai importar seu estilo para outros estados, apresentamos a seguir algumas fotos:



124

<sup>124</sup> Fonte: <http://pedrinhodarocha.wordpress.com/2011/01/04/da-mortalha-ao-abada-a-involucao-da-fantasia/> visitado em 15 de fevereiro de 2012.



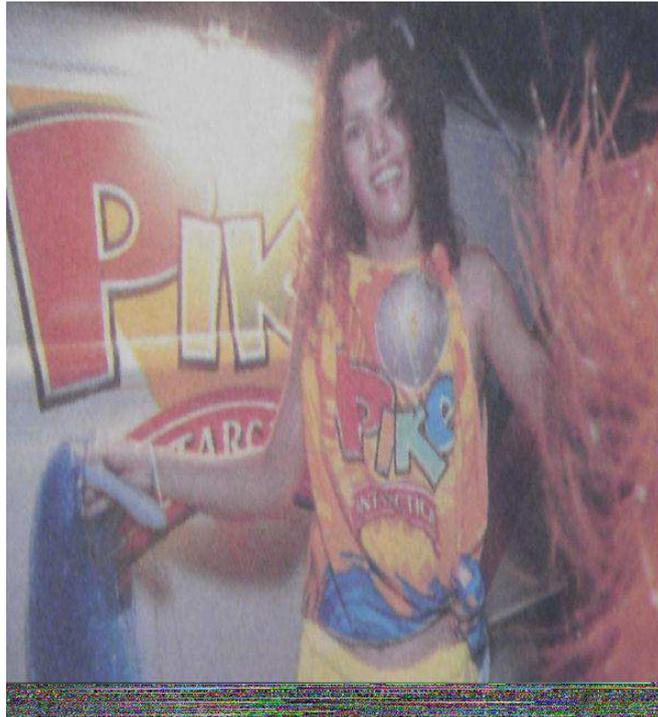
125

As imagens retratam as indumentárias nos carnavais baianos, principalmente em Salvador. A primeira refere-se aos estilos de mortalhas, denotando suas características “pesadas”, tristes e com pouco brilho. Estas vão no decorrer da história carnavalesca apresentando novas cores compostas por efeitos atraentes e chamativos, ao mesmo tempo em que vão modificando seu tamanho. Podemos observar ainda que os abadás do início dos anos 2000 permitiam aos foliões, além do conforto, ser mais ousados, coloridos e sedutores. A última imagem refere-se ao primeiro estilo de abadá inventado na Bahia, blusa grande e colorida que virou moda e a grande maioria dos blocos nos anos seguintes passaram a utilizá-la. Em Campina Grande não seria diferente da Bahia, as pessoas fazem usos diversos no jeito de se vestir e de customizar os abadás.

Apresentamos algumas imagens das referidas indumentárias utilizadas por foliões na Micarande que nos permite observar alguns estilos nas vestimentas.

---

<sup>125</sup> Fonte: a primeira imagem das fotos acima, de acordo com este site, representa os primeiros abadás. Ao lado, uma foto de abadás reformados de outros anos.  
[http://www.salvadorcomh.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1247:pedrinho-da-rocha-mago-do-carnaval-baiano-em-entrevista-exclusiva&catid=40:entrevistas-&Itemid=53](http://www.salvadorcomh.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1247:pedrinho-da-rocha-mago-do-carnaval-baiano-em-entrevista-exclusiva&catid=40:entrevistas-&Itemid=53) visitado em 15 de fevereiro em 2012.



126



127

---

<sup>126</sup> Fonte: Diário da Borborema, caderno variedade, página 1, Campina Grande, sábado 08 de abril 2000.

<sup>127</sup> Fonte: Fotografia do arquivo pessoal da autora desta dissertação tirada pelo site do camera21, Micarande 2008.



128

Em se tratando das modelagens dos abadá, consideramos que as mutações em seu estilo e em seus usos se revelaram propícios às práticas de sedução, no qual foliões expuseram e intensificaram a beleza do corpo dentro dos blocos. Tal uso de vestimentas possibilitava ficar mais a vontade, como também despertava olhares, aumentando a autoestima e conseqüentemente as chances nas conquistas amorosas a partir do visual, práticas essas de predominância feminina.

Quanto ao uso de roupas, na Micarande, feito por algumas mulheres, estas privilegiavam por decotes e o uso de minissaias o que contribuía não só cortejos, mas também para o recebimento de cantadas vulgares, pois eram vistas, por parte do sexo masculino, como de fácil disponibilidade e banais. Sobre as vestimentas dos abadá na Micarande, apresentamos algumas narrativas abaixo, e a percepção de alguns foliões sobre o uso de tais vestimentas customizados. Vejamos:

Com certeza, vou fazer uma comparação bem certinha, antigamente não se chamava abadá, se chamava mortalha, [...] você parecia um papangú mesmo aquele negócio, hoje em dia não, hoje as meninas se vestem, vaidade, bota um decote maior e outro, [e] quera ou num quera chama

<sup>128</sup> Fonte: Fotografia do arquivo pessoal da professora Elizabeth Chistina, gentilmente cedida para uso nesse trabalho

mais atenção dos rapazes, entusiasmo mais né, a festa mais bonita (risos) [...] influencia na auto-estima dela com certeza (Rafael)

Nessa mesma direção o depoente Paulo argumenta:

Porque mais carinha vai querer chegar nela, porque ela tá daquele jeito tal,[...] tá mostrando o corpo dela tal e eles vão se chegar mais, e eu acho que pra elas quanto mais chegar, melhor pra o currículo dela (risos) (Paulo<sup>129</sup>)

Na relação da vestimenta com o corpo do folião, os usos dos abadá e o desfile dentro dos blocos possibilitaram o surgimento de diferentes linguagens corporais e a vivência de novas experiências e sensibilidades, associadas e interligadas aos códigos morais, comportamentais e identitários que nas últimas décadas estão mais abertos ao diálogo e com um discurso mais igualitário.

De acordo com os entrevistados nas duas últimas narrativas, o uso do abadá, especialmente pelo gênero feminino, mantinha uma relação com as conquistas dentro dos blocos, pois, quanto mais às mulheres cortavam/customizavam seus abadá mais conseguiam chamar a atenção e olhares entusiasmados dos rapazes movidos pelo desejo ao corpo feminino, que poderia tanto ser visto como vulgar ou como atraente, dependendo do ponto de vista e dos interesses pessoais.

Tais usos de roupas podem ser percebidos por alguns setores sociais como comportamentos impactantes, visto a formação que esses membros receberam de códigos sociais mais fechados, de tabus morais e religiosos sustentados em estruturas de interdições e leis rigorosas. Assim sendo, o uso da vestimenta, em especial os abadá que revelam o corpo e suas formas, são muitas vezes vistos, a exemplo dos discursos dos nossos depoentes, como práticas ora saudáveis ora promíscuas, denotando ambivalências em suas percepções pessoais.

Atualmente, o corpo passa por mutações temporárias e por cuidados exagerados com a aparência mais que em quaisquer outros períodos da história e parece no momento atual ter ganhado mais a preferência dos sujeitos sociais. Cuidado esse que não é apenas por uma questão de beleza, é também uma demanda de bem-estar com a saúde, de viver mais e melhor. Nessa perspectiva, Goellner (2007) afirma:

---

<sup>129</sup> Paulo, 21 anos, que saiu na festa em diferentes blocos, estudante universitário, residente na cidade de Campina Grande. Entrevista realizada em 10 de março de 2010 junto com a entrevista de Rafael Casto.

[...] o corpo é provisório, mutável, mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz (GOELLNER, 2007, p.28).

Portanto, as transformações nas indumentárias da mortalha ao abadá agradaram aos foliões, especialmente algumas mulheres que utilizavam os abadás para realçar seu poder de sensualidade e sedução. Podemos dizer que os corpos micarandiantes e alguns de sujeitos da contemporaneidade vivenciam novas posturas na maneira de vestir, “livres” das amarras culturais tradicionais. As transformações também podem ser analisadas nos relacionamentos mais livre e com novos códigos, o que veremos no próximo item.

### **3.2 “SOLTEIRO(A) SIM, SOZINHO(A) NUNCA”: NOVAS CONFIGURAÇÕES AFETIVAS VIVIDAS POR FOLIÕES NA MICARANDE.**

#### **Flutuar Chiclete com Banana**

Por isso vem cá  
Me traz um amor, me diz como foi  
A maravilha que um dia te fez flutuar

E os amores são  
Pra quem sabe flutuar meu bem, meu bem  
Quando a gente pensa em namorar  
Pinta o quarto de azul  
Com flores e sonhos pra enfeitar

E por trás das minhas paixões  
Vejo nuvens de ilusões também, meu bem  
Muitas borboletas a voar  
Lá no céu que a gente tem

E hoje quando acordo, eu te quero tanto  
Quero o teu sorriso, quero a emoção  
Quero uma vida muito louca e o paraíso para delirar<sup>130</sup>

<sup>130</sup> Fonte: <http://www.vagalume.com.br/chiclete-com-banana/flutuar.html> visitado em 20 de fevereiro de 2012.

As novas configurações nas relações afetivas do “paquerar”, beijar e “ficar” dos foliões na Micarande produziram significados do efêmero e momentâneo como fenômenos da contemporaneidade. Tais configurações nas relações afetivas dos foliões micarandantes estavam presentes, principalmente, na segunda década de festa, momento que apresentou como uma de suas principais características a facilidade que os foliões encontravam para experimentar os nuances do amor.

Historicamente, transformações nas variadas áreas da vida dos grupos geracionais têm sido (de)marcadas por suas construções peculiares no modo de ver, de dar sentido e de resignificar à vida. Especificamente sobre as relações afetivas e as questões amorosas na contemporaneidade, a partir da segunda metade do século XX, podemos perceber que estas relações têm adquirido novas significações e têm sido vividas de modo múltiplo. Esse quadro de mudanças nessas relações deu-se, principalmente, após a chamada Revolução Sexual e Cultural de 1968<sup>131</sup> que significou um marco para mudanças nos relacionamentos entre homens e mulheres. Tais transformações também foram sentidas e vividas em Campina Grande ao longo dos anos.

A música mencionada no início deste tópico sinaliza para algumas modificações nos comportamentos de alguns indivíduos que se deleitaram na Micarande. A letra nos possibilita refletir sobre seu sentido de “flutuar” em festas carnavalescas, palavra que é resignificada no vocabulário de alguns foliões como efemeridade, o viver as paixões provisórias, um deixar-se navegar nos encontros entre os foliões para conhecer novas pessoas, permitir sentir o momento presente e seus deslumbramentos prazerosos sem “julgar”, nem fazer planos para o amanhã.

Ainda segundo a mesma letra musical analisamos que para experimentar alguns amores na contemporaneidade, em especial na Micarande, devemos assimilar que “E os amores são, pra quem sabe flutuar meu bem”. Ou seja, alguns sujeitos para viver os amores na referida festa e sentir “flutuar”, teriam que conseguir olhar a vida com mais leveza, como também para quem não cria tantas expectativas, pois são novas formas de viver as relações afetivas para alguns atores sociais, que vivenciam mutações nas relações afetivas, principalmente em se tratando de amores nos festejos carnavalescos.

Diferente do que se projetaram nos laços afetivos amalgamados pelo amor romântico, as relações afetivas amorosas atuais, para muitos indivíduos são momentâneas

---

<sup>131</sup> Momento histórico onde os códigos morais, religiosos e econômicos, vigentes até então, foram questionados e contestados pela sociedade, através de vários movimentos sociais. Significando uma abertura ao diálogo e para novas escolhas pessoais dos sujeitos proporcionando a mulheres e homens mudanças nas suas relações, tanto no âmbito público como no privado.

e, portanto passageiras tais como experimentaram foliões nos festejos da Micarande. Frágeis, essas relações configuradas na contemporaneidade e praticadas em carnavais fora de época como o que estamos problematizando, não pensam em projetos e compromissos futuros cogitados na vertente do amor romântico que era para uma vida inteira - um projeto de futuro - um plano para se construir uma história com continuidade. Versando sobre o amor romântico Giddens (1993) afirma:

Proporciona uma trajetória de vida prolongada, orientada para um futuro previsto, mas maleável; e cria uma “história compartilhada” que ajuda a separar o relacionamento conjugal de outros aspectos da organização familiar, conferindo-lhe uma prioridade especial. (GIDDENS, 1993 p. 56)

Os sujeitos sociais têm diversificado e praticado sua maneira de amar. Com isto novos significados foram dados às fantasias e a sensualidade nas relações amorosas. Assim, parte dos sujeitos da “pós-modernidade” acreditam ser apropriado viver os amores sem tanta expectativa; mesmo que estas relações não tenham continuidade, os que lançam mão delas não devem se lamentar ou sentir mal-estar, sofrimentos, decepções, privação do prazer pensando em possibilidades “de fracasso”. Essas novas feições do amor permitiram que os sujeitos micarandantes pudessem saborear as sensações de momento e “flutuar” ao som dos trios elétricos que embalavam os corpos sedentos de agitação e prazer passageiro como nos aponta a narrativa de Valesca<sup>132</sup> sobre a efemeridade das relações, da “paquera” e dos beijos como características da Micarande. Vejamos:

Na paquera é tudo muito rápido, até porque não dá para parar o trio andando, [...] É coisa de momento mesmo [...]. Não é fácil arrumar uma pessoa e ficar o percurso todo, é difícil, mas eu já consegui. Mas lá é aquele negócio: beija e cada um para um lado, uma coisa bem promiscua [...]. Mas o beijo caracteriza muito a festa, falou Micarande, falou em bloco, falou em beijo, eu acho que o beijo faz parte. (Valesca)

De maneira plural e ambivalente o amor praticado na contemporaneidade, como o citado por Valesca, divide opiniões, fragiliza indivíduos e liberta outros ao mesmo

---

<sup>132</sup> Valesca, vinte seis anos, foliã da Micarande durante seis anos, gostava de sair no bloco Spazzio. A mesma cursou o ensino médio e é funcionária comercial, residente na Cidade de Campina Grande. Entrevista realizada em 03 de março de 2010.

tempo em que faz felizes os adeptos do amor “pós-moderno” e “líquido”. Este amor possibilita a angústia para aqueles que concebem as relações afetivas a partir de vínculos duradouros, como o amor romântico que é amparado em compromissos futuros. Na contemporaneidade, esses dois tipos de amores convivem simultaneamente. Quanto ao “amor líquido” pautado no momentâneo Bauman (2005) afirma:

Esse modo reduzido de relacionar-se, ‘menos importuno’, se ajusta a todo resto – ao líquido mundo moderno das identidades fluidas, o mundo em que o aspecto mais importante é acabar depressa, seguir em frente e começar de novo, o mundo de mercadorias gerando e alardeando sempre novos desejos tentadores a fim de sufocar e esquecer os desejos de outrora. (BAUMAN, 2005, p. 77).

Buscando um diálogo entre a discussão acima e a música de abertura desse tópico, a ideia do “flutuar” sugere que os indivíduos não devem abrir mão de ser feliz hoje, como também não devem inventar barreiras imbuídas em valores/conceitos e códigos fechados e tradicionais. O que não significa dizer que todas as pessoas tenham que se despir por completo dos seus conceitos e sair por aí praticando atitudes consideradas imprudentes, no qual venha lhes prejudicar. Todavia pensamos ser criterioso resignificar os lugares sociais da contemporaneidade tanto de homens, quanto das mulheres. No caso das relações micarandiantes, a maioria dos sujeitos não buscava planejamentos futuros, queriam seus praticantes, muitas vezes, apenas “flutuar” nas afetividades amorosas.

A contemporaneidade tem posto em discussão o sentido de fluidez nas relações socioculturais, em especial nos sentimentos amorosos que é uma característica no viver nos padrões da liquidez como coloca Bauman (2004) bem como da sociedade do “hiper” como coloca Gilles Lipovetsky (2004) hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto.

Nessa sociedade “líquida” e “hiper” as novas experiências no amor podem ser conquistadas somente por um dia ou por instantes, em intensidade de sentir-se bem e da não vigilância constante por parte de familiares. De acordo com Bauman (2004) algumas experiências no campo do amor em nossa época são:

Em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro. (BAUMAN, 2004, p 19)

Relacionando esse tema com os sujeitos da nossa pesquisa notamos a ideia da contingencialidade nos romances da Micarande. No desejo de foliões de flutuar e viver “conquistas” amorosas, também não descartamos a possibilidade do anseio para alguns durante a permanência da relação amorosa nesta festa, nem que fosse apenas para uma noite. Entretanto, muitos amores micarandiantes eram para os que sabiam “flutuar e caçar” dentro dos blocos, permeados pela teatralização<sup>133</sup> dos corpos nos olhares, nas danças e nos beijos/ficas, possibilitando a alguns aventurar-se como “pássaros migratórios” (ALMEIDA, 2006), de querer sentir as paixões intensas, de ser atraído pelo cheiro dos corpos, da expectativa de poder cobrir de beijos, do desejo de curtir as atrações corporais e viver uma relação que o faça sentir a felicidade.

Sobre a fluidez dos corpos micarandiantes, vejamos a seguinte narrativa:

Existe também os outros casos [...] que começa dentro do bloco, começa com um beijo e vai parar em motel, isso tem demais. [...] No geral as pessoas vão pra um evento desses, vão pra uma festa dessa e fica com aquele amasso simples né! E beija, às vezes é só um beijo mesmo e sai e não passa disso, às vezes você também forma um par e vai até o final do dia, até o final da festa, não passaria daí, mais existe também os casos de pessoas que não se contentam mais no beijo e no abraço e, num vou dizer a você que é uma regra mais entre as pessoas que participam desse tipo de jogo amorosos ele já se prolifera bastante. (Wilson Basílio)<sup>134</sup>

Algumas das práticas dos corpos micarandiantes citados acima parecem incomodar nosso entrevistado, que concebe como exagero e abuso o fato de muitos foliões irem além das artes amorosas do “ficar” e se “aventurarem” em encontros e práticas sexuais proporcionadas pelo entusiasmo da festa. Essas práticas livres podem ser interpretadas, no diálogo com as discussões de Bauman (2004), como uma sinalização do

<sup>133</sup> Palavra utilizada para explicar os movimentos dos corpos.

<sup>134</sup> Wilson Basílio, vinte sete anos, saiu durante oito anos em diferentes blocos da Micarande, mas tinha preferência em sair no bloco Spazzio. O mesmo é estudante universitário e professor, residente na cidade de Campina Grande. Entrevista realizada em 09 de março de 2010.

por em prática o apaixonar-se e/ou desapaixonar-se com mais frequência, de pessoas que versam o “solteiro (a) sim, mas sozinho (a) nunca”, ou seja, do apaixonar-se por alguém e viver uma relação, mas ao mesmo tempo ser esta uma relação “descompromissada”, o que permite a alguns o desapaixonar-se rápido e migrar para outros relacionamentos aderindo aos movimentos do “flutuar”.

Outra abordagem que nos ajuda a compreender essas novas categorias – “ficar” e “paquerar”- é feita por Justo (2005) ao afirmar que nas formas de relacionamentos, em que as pessoas não assumem o compromisso sério, os sujeitos se veem com a possibilidade de ter vários “ficas” e “paqueras”. Isto é o que diferencia a maneira como eram os relacionamentos, por exemplo, de quarenta anos atrás que não se presenciava comumente tais comportamentos sociais nos vínculos afetivos, especialmente partindo do gênero feminino, pois as pessoas na sua maioria privilegiavam os relacionamentos que possibilitassem um compromisso futuro e, quando um membro começava um namoro projetava, às vezes, o enlace do casamento.

Segundo Justo (2005) as formas de relacionamentos do “ficar” e “paquerar” se tornaram mais frequentes na sociedade brasileira a partir dos anos 1980, principalmente entre os adolescentes e os jovens que buscavam ter um vínculo afetivo, sem necessariamente assumir um compromisso futuro. Ainda de acordo com este autor a “paquera” é considerada o momento inicial em que há trocas de olhares e sorrisos que aproximam as pessoas para a conversa; e assim a “paquera” pode se tornar um possível “fica”. Este pode ser considerado mais ousado que a “paquera”, pois os parceiros podem ir do simples beijo e abraços até a relação sexual, no geral sem preocupações de compromissos ou satisfações posteriores.

Estes tipos de relacionamentos têm como característica marcante o seu tempo de duração, que pode ser apenas enquanto durar um encontro. Mas, ressaltamos que as relações fluidas não são regras que todos devem seguir, assim, dependendo do interesse dos “ficantes” e sujeitos sociais a relação pode transformar-se num relacionamento com continuidade, como o namoro, que pode ser significado como uma relação de mais afetividade em que ambos assumem laços e se envolvem mais emocionalmente.

Isso se torna possível à medida que apesar de toda “comodidade” que os relacionamentos do ‘ficar’ e do ‘paquerar’ podem proporcionar, nem todos gostam dessas possibilidades de relacionamento vivenciadas na “pós-modernidade”, pois há também os

diversos sujeitos que desejam e consideram a permanência dos laços de afetividade, no estilo de amor romântico, ou à “moda antiga”.

Quando falamos a “moda antiga”, referimo-nos aos relacionamentos que mesclam o compromisso futuro, como era quase sempre antes da prática do ‘ficar’ ganhar o gosto social, era também um modelo de compromisso considerado por parte da sociedade como respeitoso. Por outro lado há a possibilidade de uma mesma pessoa relacionar-se, em momentos diferentes da vida, tanto com o amor romântico quanto com o “amor líquido”. Sobre os relacionamentos da Micarande, vejamos a narrativa:

Na maioria das vezes chegam logo namorando, beijando namorando não que é bem diferente né, às vezes você começar namoro de Micarande depois que acaba a Micarande, você vai conhecer, vai sair com a pessoa, para ver se é do seu invento, mais Micarande não, são paixões [...] de momento, de hora (Samira)<sup>135</sup>

A nossa depoente estabelece uma diferença entre beijar e namorar, e afirma que o beijar estava atrelado ao efêmero, enquanto o namorar é um relacionamento com continuidade. De acordo com Flávia Rieth (1998) o “ficar” é diferente de namorar. O primeiro está ligado ao presente e momentâneo, além de não assumir compromisso entre as pessoas “ficantes”, estes se encontram envolvidos principalmente pela atração física do viver e curtir a pessoa no momento do “fica”, de encontros com novos atores e afirmação diante do grupo em que está inserido, por isso que os “ficas”, no geral, ocorrem nas festas e diversões na presença dos amigos.

Já o namoro, segundo Rieth (1998) é algo mais sério que exige respeito e responsabilidade maior perante os pares e familiares, pois no geral é reconhecido entre as famílias dos enamorados e grupo de amigos. Nessa relação a confiança, a afinidade e o gostar são fundamentais para o namoro continuar, e possivelmente o mergulho afetivo dos apaixonados.

A Micarande, por ter sido um evento frenético e versátil, potencializou para muitos foliões a difusão do clichê habitual, socialmente e culturalmente construído de que no carnaval “tudo é permitido” ou pelo menos facilitado. Assim, parte dos

---

<sup>135</sup> Samira, adulta, acompanhou a Micarande quase todos os anos, mas saiu dentro dos blocos só nos últimos anos de festa. A mesma trabalha no comércio local e é estudante universitária, residente na cidade de Campina Grande. Entrevista realizada em 07 de março de 2010.

micarandantes encontrava no espaço da festa uma facilidade para praticar os encontros furtivos velozes, pois o próprio estilo e dinamismo cooperavam para tais momentos efêmeros, a partir das várias músicas, o uso de bebidas e até drogas ilícitas, que deixavam os participantes mais depreendidos e soltos no percurso da festa e as roupas dos foliões que despertavam a sexualidade, especialmente de algumas mulheres. Sobre isto vejamos:

Os jovens vão pra Micarande começa a se divertir né, às vezes chera loló, às vezes pega um e pega outro, beija na boca, beijo na boca é só o que sai né, às vezes confusão né, e divertimento que os jovens tem [...] As muiet as vezes é mais danadas que os homi, bebe do mesmo [jeito] de que os homi, chera loló, chega até ir pra ambulância e não liga em misturar bebidas [...]. E também anda tudo nua mostrando quase tudo, dançando, dando imbigada nos homi, umas dança toda incherida, como essa do creu. (Tereza<sup>136</sup>)

A paquera e o beijo são apresentados na narrativa acima como contingencial na festa, como oportunidades peculiares que eram sentidas por parte dos foliões envolvidos com o desejo, com o uso de bebidas alcoólicas e com a sensualidade na dança. Desta forma ter participado dos blocos da Micarande, para alguns dos foliões, era representar um papel de “atuante dos amores sensacionais”, saboreando algumas bocas e apreciando o efêmero, experimentando o prazer de viver o momento e uma “curtição”.

Consideramos que tais comportamentos, na visão de setores mais fechados às novas configurações amorosas, podem ser percebidos como epícenos, reprovando o ato de beijar uma pessoa e sair à busca de novas para repetir a arte, que em alguns casos ocorria logo em seguida, aos olhos da(o) ficante anterior.

De acordo com Almeida (2006) os comportamentos “pós-modernos”, especialmente dos jovens, são pautados com mais frequência pela ideia do “ficar” e beijar sem compromisso duradouro, do aproveitar as oportunidades que surgem e que podem logo desaparecer por seu caráter transitório. A autora coloca que diversos jovens contemporâneos ou “pós-modernos” vivem no labirinto da vida, trilhando e caminhando por sentidos contraditórios, transitando pelos padrões sociais considerados mais tradicionais e as novas características da contemporaneidade.

---

<sup>136</sup> Tereza, 41 anos, mãe de três filhos, vendedora de bebidas em festas da Micarande e do São João, secretária do lar, residente em Campina Grande. Entrevista realizada em 14 de junho de 2008.

Não só os jovens, mais diferentes sujeitos tem presenciado novas sensibilidades e emoções na vida amorosa e convivido em suas vidas as inconstâncias, as descontinuidades e as reversibilidades de movimentos oscilatórios que possibilitam tais sujeitos se sentirem, como coloca Almeida (2006), “pássaros migratórios”, que experimentam as sensações de liberdade demasiada que os fazem pássaros livres para aventurar-se por diferentes lugares e aterrissar o voo onde desejam. Ou seja, buscam viver o mais desprendido possível das amarras e compromissos que a sociedade possa impor, embora não consigam fugir por completo dessas amarras.

A ideia de “pássaros migratórios” pode ser relacionada com as experiências de parte dos micarandantes que iam à procura do “paquerar” e “ficar” com diversas pessoas dentro dos blocos, do viver uma relação rápida, de oportunidades que se mostram única e se não forem agarradas rápido, elas são transferidas para novas tentativas com outras(os) foliãs(os). Na festa, para alguns foliões, como afirma a entrevistada Valesca citada anteriormente, o paquerar era “tudo muito rápido, até porque não dar para parar o trio andando, [...] É coisa de momento mesmo”. Os encontros na Micarande para parte dos foliões eram instáveis semelhantes ao movimento dos trios que embalam as contingências dos amores, andando por diferentes espaços da cidade e permitindo a seus caminhantes entrar no ritmo da festa.

Sobre a efemeridade nos relacionamentos, algumas músicas que agitavam os foliões da Micarande também traziam elementos de fluidez nas suas letras, e ao serem tocadas demonstravam uma interação entre o artista, música e foliões, principalmente entre os últimos nos quais aproveitavam o que diziam algumas letras, que quando ouvidas eram absorvidas em algumas das suas práticas. Exemplo disso, temos a letra da música abaixo:

**Ficar Com Você  
Cheiro de Amor**

Hoje eu saí procurando você, chegando lá, cadê  
Hoje eu saí procurando você, chegando lá, cadê

Te procurei pra te abraçar, pra te beijar  
Quando eu dei por mim você não estava lá  
Te procurei pra te abraçar, pra te beijar  
Quando eu dei por mim você não estava lá

Em cada rosto eu só via você  
Saí beijando todo mundo sem querer

Já beijei um, já beijei dois, já beijei três  
 Hoje eu já beijei, vou beijar mais uma vez  
 Já beijei um, já beijei dois, já beijei três  
 Hoje eu já beijei, vou beijar mais uma vez

Beija a minha boca, meu bem  
 É com você que eu quero me encontrar  
 Perdi as contas de quantos já beijei  
 Mas é com você, meu amor, que eu vou ficar

Me pegue na mão e puxe, me beije agora  
 Me pegue na mão e puxe, que eu vou agora  
 Me pegue na mão e puxe, me beije agora  
 Me pegue na mão e puxe, que eu vou agora

Ficar com você, ficar com você, ficar com você  
 Meu amor, meu bem querer

Ficar com você, ficar com você, ficar com você  
 Até o dia amanhecer<sup>137</sup>

Relacionando essa música com a vivência dos foliões, analisamos que parte deles simpatizavam em andar dentro dos blocos e fazer o que era relatado na música, ou seja, beijar e envolver-se com diferentes pessoas, ou alguns procurando alguém especial, mas quando não encontravam, resolviam beijar um, dois, três, ou vários. Na Micarande, essa música influenciava aos foliões a entrarem no ritmo e “ficar” com várias pessoas, como nos informou a entrevistada Jéssica “até porque as músicas contribuem muito para isso né, aquela música já beijei um, já beijei dois, já beijei três, isso faz com que você entre no ritmo e acabe tendo aquele tipo de comportamento”.

Desta forma, parte dos foliões não “perdia” tempo para paquerar e iam logo para ação, ou melhor, beijar, e na maioria das vezes logo abandonar o parceiro/a, visto que no momento seguinte para os “beijoqueiros/as” novas oportunidades surgiriam, outras bocas de nomes desconhecidos estariam disponíveis aos beijos sem cessar. Salientamos, a partir da pesquisa, que tal comportamento de tantos beijos e “ficas” foram presenciados principalmente na segunda década de Micarande, pois na primeira década os foliões se apresentavam menos “atrevidos” ou dispostos a viver os romances fluidos, e também não era uma regra a qual todos deviam seguir. Sobre a fluidez na Micarande, vejamos a narrativa:

<sup>137</sup> <http://www.vagalume.com.br/cheiro-de-amor/ficar-com-voce.html#ixzz1oZdADNRc> visitado em 20 de fevereiro de 2012. Composição: João Maurício/ Bastola e Tiago Quadros, e o ano foi encontrado.

Na Micarande, primeiro era perder o medo, ser cara de pau, às vezes era só puxar, beijar, não tinha muito símbolo não, olhou, gostou e venha, não tem muita coisa não... (Rafael<sup>138</sup>).

Analisamos, pela narrativa de Rafael que na Micarande os foliões eram práticos na “caça” aos amores, afinal é isto que a sociedade atual transmite e impõe que sejamos seres práticos, que não privilegiemos apenas o tempo futuro, mas que vivamos o presente e isto, na maioria das vezes, inclui as relações amorosas.

Para Bauman (2004), vivemos num mundo em que parte da sociedade se acostumou com o imediatismo. E especificamente sobre as relações amorosas, os sujeitos se propõem com mais rapidez a estarem sempre prontos para outra relação, uma vez que acreditam não haver espaço para o adiamento de satisfazer os desejos, como também o seu amadurecimento, sendo mais prudente uma sequência de encontros excitantes e instantâneos, no qual o sujeito está continuamente disposto a enveredar por novas aventuras que, para o autor, tornam-se relações consideradas “descartáveis”.

Assim, para parte da sociedade os sentimentos são ambivalentes nas relações amorosas, de movimentos oscilantes. Parte da sociedade clama por mais liberdade para viver as diversas faces, cores e emoções nos relacionamentos, desprendendo-se de compromissos e satisfações, mas ao mesmo tempo boa parte das pessoas não consegue manter por muito tempo tal discurso de tamanha liberdade na relação amorosa.

Ainda, de acordo com Bauman (2004), talvez isto ocorra na contemporaneidade porque a questão amorosa não encontrou seu ponto de satisfação e plenitude para atender a um público tão diverso, como também por sermos seres em constante mutação vamos convivendo com os “velhos” e os “novos” modelos de relacionamentos, procurando mesclar tais configurações com o intuito de viver momentos mais felizes e prazerosos.

Imbuídos pelo desejo de felicidade e prazer, alguns foliões solteiros micarandantes se apresentavam como pessoas disponíveis e aceitavam qualquer desafio amoroso que viesse ocorrer dentro dos blocos, já que naquele momento “valia” experimentar as múltiplas e contingenciais emoções do beijar e “ficar”, de andar todo o bloco e “pegar” diversas pessoas na mesma festa; é como se o homem solteiro não

---

<sup>138</sup> Rafael, vinte e seis anos, saiu em diversos blocos durante dez anos, estudante universitário e residente na cidade de Campina Grande. Entrevista realizada em 10 de março de 2010.

tivesse que ter cuidados ou fazer escolhas para se envolver no percurso da festa, como se não tivesse limites para suas ousadias. Isto o diferenciava do homem que ia acompanhado. Este procurava conter-se e ter responsabilidade e respeito com a pessoa com o qual estivesse junto e até proteger a namorada das atitudes dos praticantes mais ousados e insinuantes. Vejamos a narrativa abaixo:

O solteiro é bom que tá livre pra todo mundo né (risos), tipo dá pra brincar, dá pra ficar a vontade em termo assim de responsabilidade, e eu com minha namorada além de eu brincar ficava uma responsabilidade entre aspas, que eu não podia deixar ela muito longe, se não alguém chegava solteiro também e tentava abraçar e dizer alguma coisa, e tem que ter um respeito, e também eu já sai solteiro e sei como é, as vezes uma pessoa que ta acompanhada com a namorada deixa ela um metro na frente, a pessoa não sabe que ela ta acompanhada, pegando na mão, (...) quando eu saia com namorada sair com grupos amigos e casais também, pra gente sempre ficar tipo num circulo,(...) ficar mais isolado mesmo. (Rafael)

A permissividade da festa atraia diversas pessoas para brincar na Micarande, como também em outros carnavais fora de época no Brasil que partilhavam tais características. Os foliões solteiros/as procuravam se depreender e deixar “rolar” quase tudo pelos impulsos da magia e dos encantos da festa e de seus foliões. Para alguns, a ideia de aproveitar o festejo era embasada no ditado popular: “caiu na rede, é peixe”, que pode ser interpretado como: apareceu à oportunidade, é aproveitar! O importante é somar nas conquistas de amor de carnaval, rápido e freneticamente.

As efemeridades nas relações afetivas eram vivenciadas por inúmeros micarandiantes, o que tornava mais instigante uma sucessão de encontros excitantes e momentâneos em que estavam, ou apresentavam sempre estar dispostos a experimentar novos lances amorosos. Vejamos outro depoente:

Tem coisas horríveis que você só vê lá na Micarande, o caso mais sério que já vi uma coisa horrível [...]. Um casal enrolado numa bandeira atrás do trio praticando sexo, isso atrás do trio, enrolado na bandeira fazendo na maior tranqüilidade, então é um excesso, um exagero muito grande [...] É sem limites, não tem mais limite, [...] parte das pessoas lá, saem de casa preparada ou extremamente propicia a esse tipo de coisa e isso vai se estender a todas as outras festas né? Você num tem mais uma vaquejada, num tem mais um forró, num tem mais um qualquer evento, em que as pessoas vão pra se divertir, escutar uma música, elas vão pra

manter esses relacionamentos, curtos, abrasivos, tipo assim sendo tônico da festa. A Micarande em Campina Grande você tem uma reprodução muito grande de tudo que você vê fora, então a Micarande ela já é uma pequena mostra de algo que já vem acontecendo em outros eventos. (Wilson Basílio)

Na Micarande, ou em festas semelhantes alguns festeiros se sentiam mais livres para viver os romances rápidos. A liberdade e a permissividade da festa, de acordo com o entrevistado acima, possibilitava que determinados foliões praticassem atitudes exageradas, no olhar desse e de outros grupos sociais. O mesmo explica que diversos foliões, principalmente nas últimas edições, tinham o intuito de ir à festa para viver as emoções contingenciais, pois a folia passou a ser praticada por algumas pessoas, não apenas enquanto espaço de diversão e liberdade, mas de muita libertinagem, promovidos por atitudes como as que nos relatou o depoente Wilson: “Um casal enrolado numa bandeira atrás do trio praticando sexo, isso atrás do trio, enrolado na bandeira fazendo na maior tranquilidade, então é um excesso, um exagero muito grande”.

No olhar do depoente e de alguns segmentos da sociedade, tal atitude exige um local mais reservado e não se trata apenas de um pensamento tradicional/conservador, mas acreditar que a sociedade impõe códigos e regras que não são aceitos e nem adequados socialmente qualquer atitude em qualquer lugar.

Para Wilson Basílio, como para outros entrevistados a prática do sexo de forma explícita foi um desrespeito com os demais foliões do bloco que estavam ali para brincar e foram surpreendidos com a cena e a coragem de tal casal. Na contemporaneidade as práticas tidas como transgressoras estão presentes em diversos espaços, especialmente em festas e momentos de lazer como na Micarande, por ser uma festa carnavalesca do “tudo” permitido tai aros estavam mais suscetíveis a acontecerem.

O “ficar” na contemporaneidade divide opiniões. Se para parte do público adolescente e os que se consideram pós-moderno, que no geral gosta das baladas e noitadas de festa, o “ficar” e “beijar” faz parte da diversão e curtição, significando prazer e emoções na vida dos mesmos; já para alguns membros do público adulto/experiente o “ficar” e “beijar” constante e/ou com várias pessoas em um espaço de tempo curto, representa a falta da moral e de bons costumes, especialmente para o sexo feminino. Vejamos as seguintes narrativas:

Mulher eu não sei não esse negócio do fica é muito é do feio, esse negócio de tá pegando um e pegando outro, é como o meu menino ele fica com as nega, até foto das nega tem nua, é umas foto muita danada! Ele tem foto de todo jeito, de várias nega. Uma sentada na cama de baby dol, uma no banheiro tomando banho, outra de biquine, outra de baby dol bem finin mostrando os peitin. (Tereza)

E acrescenta:

Hoje a maioria dos homi quando conhece uma muier só querem naquele dia, no outro dia, como eu tava vendendo no São João e vendo, a mulher começou a dar em cima do homem aí ele começou a dançar, a se esfregar, aquele muído, e quando foi no outro dia, ele teve lá barraca de novo aí eu vi ele dizendo ao rapaz que vende mais eu [...] ela pagou pra mim e tudo, pagou o motel né, e ela ta ali mas eu vou atrás de outra. Ta vendo? Num quis mais não, só quis um dia e foi ela quem pagou, bancou ele e no outro dia ela tava atrás dele e ele nem aí. (idem)

As relações do “ficar” provocam estranhamento e incomodam a entrevistada acima. Para ela, as mulheres apresentadas na narrativa não têm pudor, e “servem” apenas para um dia, compondo “relações descartáveis” como define Bauman (2004). No olhar desta entrevistada, o “fica” é interpretado como uma relação “vulgar” e desvaloriza principalmente o sexo feminino.

As relações amorosas e a “exposição” do corpo na contemporaneidade ganharam uma nova maneira de se materializar, como retrata Tereza. Isso se deu, segundo ela através dos meios tecnológicos, principalmente aparelhos de celular, pessoas que no momento da relação fazem vídeos e fotos, imagens da intimidade e, às vezes, ao terminar a relação tais imagens são publicadas ou apresentadas aos pares, provocando constrangimentos e/ou processos judiciais.

Isto têm sido discutido constantemente na mídia ou entre os grupos sociais. Sobre a questão da materialização da relação em meios tecnológicos, Tereza relata: “meu menino ele fica com as nega, até foto das nega tem nua, é umas foto muita danada! Ele tem foto de todo jeito, de várias nega”. Tais fotos, sob a posse do filho de nossa entrevistada, podem trazer transtornos futuros. O mesmo pode apresentar aos seus pares, no seu círculo de amizade promovendo-se como o “garanhão e machão” de mulheres, insinuando que elas além de sair com ele, ainda se deixam fotografar

intimamente, fazendo de seu aparelho de celular um álbum íntimo de suas “ficantes”. Tanto a atitude de tais mulheres, como do próprio filho, assustam nossa entrevistada que explicita que as mulheres não deviam deixar tais fotos sucederem, porque o filho e outros dificilmente irão valorizá-las.

A partir da segunda narrativa, observamos o questionamento à fluidez, e a facilidade nos relacionamentos por um dia ou momentos, o que possibilita alguns sujeitos contemporâneos não quererem assumir o namoro, pois podem continuar livres e viver várias relações, como afirma a depoente Tereza: “a maioria dos homi quando conhece uma muier só querem naquele dia”. Há um impacto na fala da entrevistada não só pelo rapaz que se encontrava próximo à barraca de venda dela, de não querer a mesma pessoa no outro dia, mas principalmente pela afirmação que ela o ouviu pronunciar “ela pagou pra mim e tudo, pagou o motel né”.

O susto/vergonha de Tereza por ter sido a mulher quem pagou a conta no motel ao sair com seu “paquera” é perceptível, pois na época da juventude dela a grande maioria das jovens do gênero feminino não costumava tomar a iniciativa para paquerar e namorar algum rapaz. Logicamente, era impensável e reprovável em décadas atrás a moça que quisesse praticar o ato sexual com um rapaz e bancar as despesas do motel. Isso foge em parte a sensibilidade e moral dessa depoente que pertence a uma geração de mulheres mais maduras, educadas para pensar o prazer sexual como algo do universo masculino. Percebe-se aqui uma questão de gênero bem clara, em que a demarcação de papéis é cobrada pelo fato de terem sido quebrados.

Pensamos que não é que em outras décadas, de 30, 40, 50 anos atrás as mulheres não namoravam e algumas até mantinham relação sexual com o namorado. Contudo, quando isso ocorria era camuflado, e se descoberto as famílias buscavam fazer o casamento o mais rápido possível. Ponderamos que em todos os tempos existiu farras, namoros e relações sexuais, mas que a grande maioria da sociedade era mais discreta, as mulheres mais cortejadas pelos homens, e estes por sua vez não se desfaziam facilmente de uma relação.

Refletimos que as mudanças ocorreram e teve a mídia como uma de suas divulgadoras. A mídia influenciou diretamente na mudança de valores e costumes, que se por um lado passa a ideia de “promiscuidade”, não podemos esquecer por outro lado de uma maior liberdade de escolha.

No tocante a Micarande, os foliões reinventaram novas formas de viver a festa, de consumir os espaços e estabelecer uma pluralidade nas práticas. No referente ao beijar, era uma arte que promovia entre alguns foliões euforia e disputas. Vejamos a seguinte narrativa:

Quanto mais você ficar e beija, mais ponto na tabela [...] principalmente a tabela masculina, quanto mais boca você beijar mais ponto você tem, é como agente ouve isso entre os amigos, eles falarem [...] (Samira)

O “beija-beija” foi observado na festada Micarande, como um momento de curtição, especialmente para os mais jovens que pareciam encontrar a porção mágica de um lugar fabricado para as vivências amorosas. Alguns jovens na euforia das descobertas amorosas encontravam na Micarande o espaço para realizar disputas com os amigos. De acordo com a entrevistada acima, esse comportamento era praticado com maior intensidade pelo público adolescente/jovem. Os adultos também praticavam o beija-beija, entretanto em proporções menores. À medida que os anos iam passando os adolescentes iam ficando adultos e passavam a ouvir a atração musical e a brincar com os amigos. Vejamos as narrativas:

Eu costumava, tinha mais essa prática há alguns anos, porque, acho que pela idade também, a idade me trazia essa oportunidade, mais agora nem tanto. (Wilson Basílio)

Em relação os adolescentes os mais novos eu vejo mais euforia, mais alegria, não que as pessoas de 30, 40 anos não tenha a mesma alegria, mais são pessoas mais contidas (...) brincar sim, mais de uma forma mais reservada, mais contida, do que aqueles que são mais novos tão disposto a tudo né. (Samira)

Os comportamentos dos foliões diversificavam, embora ambos (jovens e adultos) independentes da idade se divertiam. Muitos buscavam aproveitar a festa de formas diferentes, como relata os nossos depoentes acima.

As relações contingenciais não são exclusivas dos carnavais fora de época, entretanto na Micarande se tornava mais ostensivo devido à festa fazer o chamamento através das músicas e das propagandas para o discurso de que os jovens e demais

pessoas deveriam aproveitar a vida participando de tais eventos que possibilitavam os romances fáceis, prazer e felicidade. Vejamos a seguinte narrativa:

Eu acho algumas coisas engraçadas, porque ficava olhando assim algumas meninas, beijava um aqui e outro lá na frente, e ficava com outro e agente via, e eu não vejo uma mulher vulgar que faz isso, (...) o fato de eu estar dentro de um bloco e beijar muito, não significa dizer que eu sou uma prostituta, significa dizer que eu venda meu corpo não né, que tenha meu corpo para fazer negócio (...) eu não acho que as mulheres que beijava um, dois, três, quatro, cinco até dez elas seja vulgar não, até porque as músicas contribuem muito para isso né, (...) mas não significa dizer quem você é não, (...) isso é ali, fora do bloco é outra história. (...) Até porque não faria isso numa igreja, então é o ambiente, não faria isso no meio familiar com os pais presente, então para cada lugar uma identidade, de acordo com o que aquela, aquele determinado grupo propõe (Jéssica)

A partir da narrativa acima, analisamos que os beijos em série na Micarande significavam, principalmente, entrar em sintonia com a festa, algo que para alguns de nossos entrevistados era um comportamento isolado naquela festa, de uma maioria do público que gostava desses festejos.

De acordo com Bauman (2004), no tocante aos sentimentos afetivos na contemporaneidade, estamos mais propensos às relações descartáveis. Estas relações podem ser comparadas à encenação de episódios românticos variados, assim como os seriados de televisão e seus personagens. Para o autor, isso faz parte de uma cultura consumista como a nossa, que desperta o desejo nos sujeitos modernos, que favorece o produto pronto para uso imediato, passageiro, de satisfação instantânea e que não exige esforços prolongados.

Assim, para o referido autor o amor pode ser confundido com uma “habilidade cumulativa”, que ocorre através de uma prática contínua de fluidez. Isto possibilita parte dos sujeitos contemporâneos a “desaprender” sobre o amor, exercitando certa “incapacidade” de amar. Ainda segundo Bauman (2004), o termo “desejo” parece não ser adequado para assinalar as relações contemporâneas, pois “desejo” representa uma conquista e permanência. O termo mais apropriado para os comportamentos amorosos atuais seria o impulso ou satisfação instantânea.

Mas vale salientar, que tais mudanças vivenciadas na atualidade é parte da sociedade, pois nem todos se identificam com as transformações culturais ocorridas nas últimas décadas que têm deixado algumas pessoas mais livres para viverem os diferentes aspectos da vida, diminuindo as distâncias e quebrando as barreiras sociais. Por outro lado, outra parte da sociedade se assusta com tamanha velocidade e disponibilidade de novos modelos e configurações de vidas, bem como na constituição de novas famílias.

De acordo com Jurandir Freire Costa (1999) a ideia de romantismo foi e continua presente como uma das características marcantes da cultura ocidental. O amor é uma crença emocional que pode ser conservada, transformada, melhorada ou piorada e abolida, ele é um sentimento universal presente em todas as épocas. Para o autor, o amor foi inventado, assim como tantos outros inventos que conhecemos. O ideal de amor que nos foi transmitido culturalmente não oferece grandes possibilidades de “propor uma vida sexual, sentimental ou amorosa mais livre” (COSTA, 1999, p. 35).

Costa (1999) coloca que o amor-paixão foi propagado durante décadas e anos na cultura ocidental e exibido, por parte da sociedade, como sinônimo de felicidade e na falta deste sentimento algumas pessoas se sentiriam infelizes. Hoje, viver a emoção amorosa mais intensa incide em romper as culpas religiosas e sociais que carregamos como também abdicar a censura e a reprovação da paixão amorosa como delírio institucionalizado.

O amor, nesses parâmetros de idealização herdados do romantismo, que prega esperanças no futuro, se contrapõe ao amor-paixão da contemporaneidade que nos apresenta o efêmero e contingencial, que nos permite sentir experiências amorosas sem estragos/lesões morais ou sentimentos culposos de sentir prazer através da entrega e do sexo. Para Costa (1999) <sup>139</sup> podemos nos precaver de um ideal de amor caduco, porém sentimos a necessidade de reinventá-lo.

O amor acompanha a nossa construção cultural e é um sentimento desejado pelos seres humanos. Ele foi e continua a ser lapidado pela cultura e por nós, que nos preocupamos em dar formas a esse sentimento de acordo com as normas e convenções sociais relevantes para cada um, e mais ainda, ele também é adaptado ao bel-prazer individual e coletivo. Na festividade em análise, a escolha pelas relações afetivo-

---

<sup>139</sup>Entrevista disponível em [http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/entrevistas/com\\_o\\_autor/invencao.html](http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/entrevistas/com_o_autor/invencao.html) visitado em 25 de fevereiro de 2012.

amorosas fluidas e efêmeras entre diversos foliões, se apresentou como voláteis mais do que em outros momentos festivos da cidade.

No referente à discussão sobre corpo<sup>140</sup>, observamos que na contemporaneidade são vários os autores a discuti-lo com múltiplos olhares. De acordo com Araújo (2008), o lugar reservado durante anos ao feminino na sociedade foi de inferioridade em relação ao masculino. À mulher cabia guardar no seu corpo à honra masculina. Esta, quando solteira, devia obedecer ao pai ou parente masculino mais próximo que ditavam normas quanto à sexualidade, isto para não causar constrangimentos ou vergonha a família; quando casava passava a seguir as ordens e se manter fiel e obediente ao marido, este que muitas vezes se encontrava no direito de manter uma relação extraconjugal, que era uma atitude até “naturalizada” por parte da sociedade.

Todavia, tais características na contemporaneidade já não servem mais para parte do gênero feminino que passou a resignificar o seu lugar e adquirir novas significações sociais, seja no público ou no privado. Desta forma, a nova mulher começou a vislumbrar conquistas, direitos e deveres, um espaço além do privado na sociedade, e aos poucos o discurso e a prática de sexo igualitário vêm cada vez mais ganhando espaço na mídia e nos lares. Entretanto, esse novo lugar concedido à mulher ainda assusta muitos homens, em especial no Brasil, em que há uma predominância de discursos e/ou atitudes preconceituosas e machistas. Na Micarande, algumas mulheres que se mostraram donas de si assustaram alguns homens e outras até outras mulheres como vimos em algumas das narrativas apresentadas.

De acordo com Araújo (2008) as discussões sobre corpo vêm destacando novos contextos na academia, no qual este é discutido como construto social, e “ao que tudo indica o corpo em alguns discursos masculinos já não é concebido como propriedade. [...]. Ele é concebido como espaço de produção cultural e não como algo natural”, (p.3).

---

<sup>140</sup> Sobre a literatura que discute corpo ver: LOURO, Guacira Lopes (org). O Corpo educado; pedagogias da sexualidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 1999; FRAGA, Alex Branco, Corpo, identidade e bom-mocismo – cotidiano de uma adolescência bem-comportada/ Alex Branco Fraga. Belo Horizonte: Autêntica, 2000; ARAÚJO, Eronildes Câmara. Pavor e insegurança no controle da carne: corpo e infidelidade no discurso masculino. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis. 2008.

Nessa perspectiva, Louro (2001) afirma que o corpo ao se inscrever nas últimas décadas com novos parâmetros, vai constituindo novos significados, tornando-se mais aceito socialmente o discurso cultural que atribui o seu valor e a sua marca que são socialmente codificadas por cada sociedade.

A vida contingencial e as subjetividades sobre o corpo na “pós-modernidade” estão imbricadas na produção de significados na cultura, construindo nova linguagem e novas relações de poder, promovendo em relação há outras décadas, como a trinta ou quarenta anos atrás, um distanciamento nas relações amorosas e no olhar ao corpo. Nessa nova fase, muitos homens apresentam dificuldades para lidar com a nova mulher. Esta também deseja, em diversos momentos, curtir a vida sem se prender a alguém e também buscar se colocar na relação.

Portanto, a nossa pesquisa apontou que na Micarande as novas configurações nas indumentárias e nas relações afetivas foram permeadas por múltiplas transformações, que possibilitaram um olhar com mais liberdade para parte da sociedade. Especificamente sobre as relações afetivas do “paquerar”, beijar e “ficar” na Micarande significaram para diversos foliões expressão de alegria e de curtição, momentos em que aproveitavam para brincar e desfrutar o espaço que poderia ser ímpar, pela facilidade e permissividade proporcionada.

No bloco seguinte discutiremos as relações afetivas, problematizando as relações de gênero e as identidades dos sujeitos que brincaram a festa da Micarande.

## BLOCO IV

“O HOMEM GERALMENTE, ELE SE COMPORTARIA COMO O CAÇADOR E A MULHER COMO A CAÇA”: RELAÇÕES AFETIVAS DE GÊNERO E DE IDENTIDADE.

**Me Abraça, Me Beija  
Asa de Águia**

Preciso de você, não consigo esperar  
A chama desse amor não consegue apagar  
Um beijo no fim de semana que você me deu  
valeu!!

Adoro o teu calor, caso antigo é paixão  
Tesão e cobertor, mexe o meu coração  
Mexe o teu corpo lindo, divino...

Vem pra mim, me abraça me beija  
Me chama de amor, me alucina teu jeito  
Posso até namorar com você meu bem  
Ó meu rei, cidadão da avenida  
Sou assim, quem quiser que não diga  
Quero voar com você, curtir esse amor  
Eu te amo, meu bem

Me abraça, me beija me chama de amor  
Me abraça, me beija me chama de amor  
Ôôô me beija!(2X)

Preciso de você, não consigo esperar  
A chama desse amor não consegue apagar  
Um beijo no fim de semana que você me deu  
valeu!

Adoro o teu calor, caso antigo é paixão  
Tesão e cobertor, mexe o meu coração  
Mexe o teu corpo lindo, divino...

Vem pra mim, me abraça me beija  
Me chama de amor, me alucina teu jeito  
Posso até namorar com você meu bem  
Ó meu rei, cidadão da avenida  
Sou assim, quem quiser que não diga  
Quero voar com você, curtir esse amor  
Eu te amo, meu bem

Me abraça, me beija me chama de amor  
Me abraça, me beija me chama de amor  
Ôôô me beija!(2X)

Me beija, me ama, me chama de amor

Me abraçaaa, me beijaaa!  
Me Chama de amor! <sup>141</sup>

A discussão sobre o amor deixou de estar apenas nos livros literários e na vida/fantasia de inúmeras pessoas. Atualmente ganhou espaço no mundo acadêmico e, é também uma questão de ciência, objeto de investigação de pesquisadores de diferentes áreas, tais como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Medicina. Tratar sobre as relações afetivas é instigador e nos seduziu. Neste bloco discutimos como as relações afetivo-amorosas são vividas e subjetivadas entre os gêneros e nas identidades dos sujeitos micarandiantes dentro dos blocos festivos de axé na cidade de Campina Grande. Nossa principal fonte para escrita deste bloco será os depoimentos orais.

Por diversas vezes nos deparamos com notícias nos meios de comunicação afirmando a importância de amar e ter relações afetivas, do quanto faz bem ao corpo e a mente das pessoas manterem relações afáveis, que isso aumenta as chances de viver mais e melhor, como também podem liberar substâncias que dão a sensação de bem-estar como explicitado abaixo:

O amor libera substâncias que proporcionam sensação de bem-estar, prazer e alegria. Um ambiente permeado pelo amor, de amigos, familiares ou parceiros, reduz o estresse, a depressão e ansiedade. E diminui doenças cardíacas.  
Quem ama e é amado vive mais e melhor. Agora é científico! <sup>142</sup>

A sensação de bem-estar, prazer e alegria também pode ser observada na música “Me abraça, me beija” citada no início deste bloco, em que é apontado o desejo de abraçar, de beijar, de chamar de amor, do calor e balançar do corpo, das possibilidades para os encontros de romances que acendem, brilham e dão prazer. A referida música foi uma das que possibilitou aos diversos foliões da Micarande dançar, vibrar e amar nas vezes que foi tocada, instigando o sentimento e o viver nos encontros e afetos de momento ou de relações estáveis.

---

<sup>141</sup> Fonte: <http://www.vagalume.com.br/asa-de-aguia/me-abraca-me-beija.html#ixzz1IJQmAFXR> visitado em 25 de fevereiro de 2012. No site pesquisado e outros, não encontramos de quem foi à composição e o ano.

<sup>142</sup> Retirado do texto “Amar e Orar- Caminho para o Sucesso!”. Ver: Fonte: Jornal da Paraíba, Caderno Opinião, página 6, Campina Grande, Sexta-feira, 11 de abril de 2008.

Pensamos que tal música ajudou no colorir de sorrisos e no brilho dos olhos de vários micarandiantes, quando estes envolvidos com o chamamento de abraçar e beijar se “entregavam” aos encantos, paixões, romances e amores fluidos ou estáveis. Percebemos como esta e outras músicas são marcantes e ao mesmo tempo provocadoras, convidando o folião à prática dos festejos. Muitas dessas músicas são intencionais e proporcionam aos que estão na folia momentos de euforia a partir do escutado.

As mutações comportamentais nas relações afetivas e nos gêneros foram presenciadas no carnaval fora de época em Campina Grande e são evidenciadas nos discursos dos entrevistados, a exemplo desse a seguir:

Ainda há diferença, [entre homens e mulheres], apesar a mulher ter evoluído bastante no sentido de seu comportamento, é o homem ele ainda tá, se sente na posição de caçador é muito grande, então você via pessoas é, muitos ataques masculinos, muitas defesas femininas, apesar de que isso tem mudado bastante né. Nos últimos anos de Micarande você não via tanto essas diferenças, mas o homem geralmente, ele se comportaria como o caçador e a mulher como a caça. (Wilson Basílio)

O trecho revela como os foliões micarandiantes se comportavam. Alguns homens buscavam exercer o lugar e o papel de “caçador” dentro dos blocos, indo ao encontro dos amores furtivos, zoando o máximo e saindo para o “ataque” em busca de beijos/ficas. Enquanto isso, algumas mulheres que eram assediadas ficavam na posição de aceitar ou recusar o “galanteio” masculino, o que de acordo com o olhar do entrevistado nas últimas edições da festa era possível observar diferenças, nos quais diversas mulheres se colocaram na posição de “caçadoras” surpreendendo os homens, mas nem por isso eles deixaram de ser a maioria nesse comportamento.

De acordo com Lamas (2000) as discussões nas lutas, estudos, e reivindicações de feministas a partir da década de 1970, que se intensificaram nos anos seguintes, obtiveram como êxito colocar em discussão e modificar a perspectiva política, a qual referenciava o conflito existente nas relações mulher-homem. A partir da luta do movimento feminista é vislumbrada a emergência do conceito “gênero”, o qual possibilitou uma nova forma de pensar e até mesmo explicar as relações sociais entre homens e mulheres na sociedade contemporânea.

Segundo Scott (1995) o termo gênero faz parte da tentativa das feministas contemporâneas de reivindicar um lugar de definição para ressaltar a incapacidade das teorias existentes que buscavam esclarecer as históricas dessemelhanças entre as mulheres e os homens. Com isto veio à tona a ideia de que a cultura deveria deslocar as discussões pelo novo véis do gênero para as construções sociais, culturais e relacionais.

Então, essa nova discussão enfatizou todo um sistema de relações que poderia discutir sexo, mas que não é inteiramente apontado pelo o mesmo, e nem seria o suficiente para determinar a sexualidade entre homens e mulheres. Para Scott (1995) a categoria gênero apresenta definições ligadas ao elemento característico das relações sociais fundamentadas nas diferenças apreendidas entre homem e mulher, como também relaciona a uma configuração primária de dar sentido às relações de poder.

A categoria de gênero incidiu, ao indicar os processos de construções sociais que identificavam os indivíduos como pertencentes ao feminino ou ao masculino. A ideia de construção social demanda a discussão com outras classes sociais como raça, etnia, etc., pois neste véis teórico, gênero se edifica numa relação de poder.

Conforme Louro (1996) fazia-se necessário à existência da distinção entre sexo e gênero no que diz respeito às interpretações biológicas, uma vez que essa simbologia histórica realizada através das diferenças anatômicas, abordadas anteriormente por Lamas (2000), era utilizada como uma justificativa para elucidar as disparidades existentes entre homens e mulheres na sociedade. Para ele é preciso analisar a diferença como algo positivo para as relações sociais e dos corpos dos sujeitos, para a desconstrução de diversos estigmas, e assim estabelecer uma nova maneira de olhar os indivíduos discernindo o homem e a mulher como seres iguais na construção de sua história.

Na perspectiva do uso do sexo e das características biológicas, enquanto forma de justificar algumas atribuições para homens e mulheres, como também o gênero enquanto uma construção social cabe à distinção abaixo feita por Brunelli:

O termo “sexo” é usado para indicar as características biológicas do homem e da mulher, aquilo que os torna “macho” e “fêmea”. Já o termo “gênero” indica os traços típicos, os papéis que culturalmente foram atribuídos a homens e mulheres, estabelecendo um determinado padrão de relações sociais. (BRUNELLI, 2001, p. 9)

Em relação à diferença existente entre homens e mulheres apontada na sociedade Scott (1994) discute que a diferença sexual não deve ser a causa original que resulta na organização social em última instância, mas sim uma organização social diversa e mutável a qual, pode ser por ela elucidada. Deste modo, há a conservação do poder de alguns em detrimento de outros (as).

Entretanto os homens na cultura ocidental, no geral foram educados para serem viris e fortes, os provedores e chefes de famílias. A educação de sentidos instituía o masculino para se sobressair em relação ao feminino, pois dizia o “código social popular” masculino, pronunciado por diversas gerações, que os homens poderiam se relacionar com várias mulheres.

Mesmo tendo ocorrido mudanças significativas no que diz respeito aos papéis atribuídos a tais gêneros, ainda há resistência por parte da sociedade, em aceitar a inserção das mulheres em outros espaços além do privado, visto que ainda se pronuncia, seja através das “brincadeiras” ou em posturas de algumas pessoas a persistência em considerar as mulheres como propriedades particulares e limitadas a esfera do lar.

Sobre as relações de gênero na Micarande de acordo com o depoente Rafael, os homens quase sempre levavam vantagens, não só pela cultura masculina de ser o homem aventureiro, mas também pelo seu porte físico que permitia “atacar” e, ao mesmo tempo se “defender” das abordagens e “ataques” das mulheres pelas quais não tinham interesse em beijar ou ficar. O mesmo depoente também enfatiza que a Micarande era uma festa que permitia viver os romances rápidos, e mesmo assim, algumas das meninas demonstravam entusiasmo ao serem ‘conquistadas’/cortejadas e não serem “atacadas” diretamente.

A conquista, no geral, era através das trocas de olhares, do dançar junto e enquanto dançava beijavam-se, ou às vezes se tentava manter uma conversa o que se tornava mais difícil pelo ritmo da festa e “barulho” do som alto dos trios. A propósito dessas questões, vejamos a narrativa:

Há diferenças, os homens são mais afoitos, as meninas tentam a resistir no começo, mais depois de algumas conversas a gente tenta pegar, tenta ficar com elas né. Mas sendo que em relação ao homem, é mais a vontade, o homem dá pra você ficar mais tranquilo dentro do bloco, com respeito a mulher não, mulher sempre os rapazes atacam mais, o homem se quiser sair e não pegar ninguém, você num pega ninguém,

agora a mulher não, mulher às vezes num tem querer, vem uma rodinha de amigos, alguma coisa assim coloca uma no meio [...] pra sair dali vai ter que beijar [...] Mais tem carnavais né, que hoje em dia a mulher já vem né. (Rafael)

De acordo com o depoimento do entrevistado, as mulheres pareciam cumprir um papel determinado pelo masculino no espaço de diversão e no momento de frenesi proporcionado pela festa. Neste, ao homem, era cabido o papel da conquista, da paquera, do ficar ou do beijo passageiro, o “pegador”. A certeza de uma suposta superioridade de gênero se apresenta quando enuncia: “[...] a mulher às vezes não tem querer [...]”, demonstrando a passividade do gênero feminino, repensado pelo depoente logo em seguida quando diz que nos carnavais de hoje, as mulheres também ocupam os lugares dos homens indo à busca de suas conquistas. Uma inversão de papéis, de gênero, embora não se consolidasse em regra e nem fosse olhado com naturalidade, apesar da mulher ter conquistado espaços os quais lhes possibilitaram ir a “caça”, senti prazer e dizer ser independente.

Desta forma, tais espaços ocupados pelos os gêneros nos últimos anos, em especial nas relações afetivo-amorosas, podem ser elencados como desejos, conquistas e impactos sentidos por parte da sociedade. Tais sensações e anseios foram compartilhados por foliões da Micarande. Os homens, como já apresentamos em algumas narrativas, se entusiasmavam em andar dentro dos blocos e conquistar, ou pelo menos beijar mais, e embora inicialmente se destacassem nessa prática, tiveram que dividir o espaço com as mulheres que também desejavam saborear os amores furtivos, não apenas quando cortejadas, todavia também buscando conquistar.

Sobre o uso da palavra “pegar” apresentada na narrativa de Rafael, entendemos que “pegar” significava apenas o desejo de conseguir um/alguns beijos, o que em festas móveis era comum não apenas em Campina Grande, mas em outras cidades que realiza(ra)m carnavais fora de época. Alguns foliões beijavam alguém e saíam sem ao menos saberem o nome da pessoa a quem beijou, pois este era o desejo de muitos foliões que participa(ra)m de tais festas a exemplo da Micarande. Isso também pode ser percebido em outros espaços festivos, porém geralmente não com tanta intensidade como nas festas carnavalescas.

No olhar do entrevistado Rafael, diferentemente dos homens, nem todas as mulheres conseguiam sair na Micarande e poder escolher com quem ficar, pois estas

eram submetidas muitas vezes a imposição de grupos de amigos que as colocavam dentro de uma roda e para sair teria que beijar. O que para esse entrevistado se configurava a fragilidade feminina para as conquistas amorosas em relação ao masculino, que usava de persuasão e de certa forma de força física.

A partir da compreensão de que gênero é uma construção social histórica, variável, que pode ser representada através dos diversos papéis atribuídos aos homens e as mulheres, observamos através do relato de Rafael que os homens na maioria das vezes aparecem em situação de vantagens sobre a mulher. Isto se configurou uma relação de poder desigual entre ambos.

As relações afetivo-amorosas na contemporaneidade ganharam novas configurações observadas com novos padrões de satisfação, como discute Jurandir Costa Freire<sup>143</sup>, da cultura que intensificou a busca pela satisfação e prazer. Satisfação é definida pelo o mesmo quando o indivíduo tem uma determinada intenção concretizada, que muitas vezes está relacionada ao prazer imediato. Desta forma, é um novo modelo de educação corporal<sup>144</sup>, definida por tal autor como cultura das sensações que deu espaço para as mudanças com vista ao prazer e a satisfação dos sentimentos. É também uma relação permeada pelo presentismo e varia de acordo com as experiências pessoais.

Na Micarande, diversos foliões de ambos os sexos gostavam do espaço e simpatizavam com a ideia de praticar a relação fluida e viver a cultura das sensações, assim experimentavam os amores sensacionais e momentâneos e não sentimentais. Particularmente algumas pessoas do gênero feminino gostavam quando eram surpreendidas pelo gênero masculino, portanto nem sempre era um “ataque”, podia ser um assédio de paquera também desejado e aproveitado por ambos os gêneros.

Sobre a questão do assédio nas paqueras e da possibilidade de haver um desejo mútuo, na percepção da entrevistada Valesca era algo característico da festa. Vejamos sua narrativa:

Você observa lá dentro do bloco há muito beija-beija, ah, tem demais, tem direto, tem muito assédio, rola muito assédio dentro do bloco. [...] Eu acho normal as pessoas se curtindo mesmo, o momento, esse assédio é bom pro dois né [se referiu a homens e mulheres] se tiverem a fim de curtir (Valesca).

---

<sup>143</sup>Ver entrevista com Jurandir Costa Freire disponível em [http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/entrevistas/com\\_o\\_autor/corpo\\_narcisismo.html](http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/entrevistas/com_o_autor/corpo_narcisismo.html) visitado em 25 de fevereiro de 2012.

<sup>144</sup> O autor Peter Gay denomina essa reeducação corporal de educação dos sentidos.

A prática das relações fluidas, momentâneas e passageiras ocorria com mais facilidade para alguns foliões na Micarande do que em outras festas e em outros espaços na cidade, isso porque havia ampla mobilidade dentro dos blocos e assim facilitava a diversificação dos romances. Outro fator preponderante era o ritmo do axé e as letras de algumas músicas com ambiguidades que despertavam o lado erótico e sensual e contribuíam para deixar o público mais solto, desinibido e insinuativo.

Tal prática das relações contingenciais na percepção feminina da foliã que compartilhava dos novos códigos sociais para o espaço da mulher, especialmente nas questões de viver as relações afetivas, não significa uma atitude impactante, diferenciando dos depoimentos dos entrevistados Wilson Basílio e Rafael que apesar de se esforçarem, demonstraram nas suas falas um impacto proporcionado pelas novas atitudes femininas.

O amor encontra-se para parte da sociedade da contemporaneidade com as relações afetivas mais frágeis, parecido com o que trata a letra da música no início deste Bloco(capítulo), afinidades que passam a existir de maneira rápida e desperta paixão, desejo, calor do corpo para estar junto ao outro. Por isso a possibilidade de ocorrer com mais frequência às paixões fugazes, que podem nutrir o ego, a vaidade e o prazer momentâneo, ou simplesmente servir de diversão e satisfazer os desejos do corpo. Ou seja, a ideia de ir aproveitando a vida com as oportunidades que aparecem, de não desperdiçar o momento. Algo proposto em algumas narrativas dos sujeitos micarandantes já apresentadas que designam que o “tempo é ouro”, e isto inclui o viver as relações afetivas. O que não significa que todos na festa compartilhavam dessa maneira de pensar e praticar as relações.

Diversas paixões na Micarande e na contemporaneidade são permeadas pela efemeridade que camufla o “velho” com “novos amores”. Assim, as paixões e os amores dos mais aventureiros e beijoqueiros eram semelhantes como a última música citada: “Vem pra mim, me abraça me beija, me chama de amor, me alucina teu jeito, posso até namorar com você meu bem”. Assim foliões aproveitavam para inventar, se distrair e amar do seu jeito, rápido e contingencial, ou acompanhado com o/a companheiro/a, pois a festa era para todos, apesar dos solteiros terem conseguido mais destaques nas nossas pesquisas devido as suas artimanhas e o discurso de “pegar”, beijar e ficar, do jeito “descolado” de se fazer visto e ativo nos romances na festa.

Nos blocos de axé da Micarande não só as paixões fugazes eram presenciadas, existia também foliões de amor sólido, principalmente no bloco do Spazzio que atraía um público diversificado, em que muitos casais apaixonados pelo grupo musical Chiclete com Banana iam curtir a dois a folia. Porém, salientamos, que apesar de na nossa pesquisa não termos conseguido realizar entrevista com casais que se conheceram na festa e o amor se consolidou. Entretanto ouvimos da maioria dos entrevistados a afirmação de que conhece casos de pessoas que tiveram namoros duradouros e/ou casamentos e que se conheceram no espaço dos blocos de axé em Campina Grande.

Ouvimos também algumas histórias, seja durante a pesquisa ou por pessoas que ao saber do que tratávamos na pesquisa, que faziam algumas alusões sobre casais que acabaram seus relacionamentos em virtude de ciúmes, possibilitados pelo envolvimento com a festa. Casais que brigaram antes, durante ou depois da festa. Uma das histórias que ouvimos foi durante uma aula, uma aluna do curso de História - UFCG falava que a amiga dela não sabia que o namorado tinham ido para a Micarande. E lá ele estava na agitação, beijando uma menina quando uma das TVs locais que fazia a transmissão ao vivo discutia que a Micarande estava uma animação total com muitas pessoas no “maior romance”, e ao mostrar um casal, o rapaz que traía sua namorada foi filmado sem saber, e a namorada que assistia ao programa especial da transmissão da Micarande ficou sabendo da traição ao vivo pela TV.

De acordo com nossos depoentes as cenas de ciúmes eram comuns dentro dos blocos. Abaixo apresentamos uma narrativa de uma das nossas entrevistadas que afirmou ter presenciado uma moça dentro de um bloco bater com o cabo da mamãe sacode em uma suposta foliã que paquerava seu namorado. Vejamos:

A festa foi muito interessante, de muita alegria, de muita brincadeira, seu tema é o namoro, teve muitos namoros lá, teve ciúmeira, eu lembro de uma vez que uma menina [...] teve um ciúme lá [...] e aí deu até uma lapada com o mamãe sacode, o cabo que é de pau, aí deu na cabeça da outra porque teve essa questão de ciúme né. Tinha ciúmes, tinha muito namoro, tinha muito alegria, muita brincadeira, era descontração agente tudo alegre, não tinha esse formalismo [de roupa] [...] eu acho uma coisa interessante que tenho mais saudade da Micarande desse informalismo, [...] quantas pessoas agente não ficou conhecendo ali. (Marcela)

De acordo com a entrevistada Marcela, na Micarande era comuns as cenas de ciúmes e discussões de casais, “pois amar é também ser cioso, é duvidar e desafiar” (Mary Del Priore, 2006, P.53). A narrativa de Marcela nos leva a perceber que as cenas de ciúmes ocorriam na festa, principalmente pelo o informalismo como destacou a depoente na sua fala. As pessoas conseguiam ser mais “leves” inclusive na busca de viver os amores, mas também no estilo de se vestir, dançar, brincar.

A vestimenta como discutimos no bloco III, que diversos foliões customizavam principalmente foliões do gênero feminino, e no geral optava por se sentir não somente confortável, mas optava também por despertar mais seu lado sensual e assim ficar mais bela. Quanto à dança, a maioria ficava solto/sozinho, dançando cada um ao seu modo, o que se viu também no brincar em que as pessoas criavam a diversão do jeito mais conveniente, e tal falta de formalidade se estendia para os “ficas” e lances amorosos.

A informalidade vivida por parte dos sujeitos da Micarande, tanto servia aproximar para dançar, brincar ou com interesse de ficar; como também convinha para promover a infidelidade, despertar interesse de outra pessoa, estar com uma pessoa e ao mesmo tempo paquerando outra, sinalizando para encontrar logo em seguida. Assim, diversas pessoas que estavam acompanhadas na festa, no geral, ficavam “agarrados direto” para as demais pessoas perceberem que não estavam disponíveis, pois muitos agiam com a ideia carnavalesca da invenção “do ninguém é de ninguém”. Deste modo, quem tivesse seus pares, ficavam colados para não dá espaço aos “atrevidos/as” como apresentou o entrevistado Rafael:

Eu não podia deixar ela muito longe, se não alguém chegava solteiro também e tentava abraçar e dizer alguma coisa, e tem que ter um respeito, e também eu já sai solteiro e sei como é, as vezes uma pessoa que ta acompanhada com a namorada deixa ela um metro na frente, a pessoa não sabe que ela ta acompanhada, pegando na mão, [...] quando eu saia com namorada sair com grupos amigos e casais também, pra gente sempre ficar tipo num circulo,[...] ficar mais isolado mesmo. (Rafael)

Assim sendo, os foliões praticavam os espaços dentro dos blocos de axé, se estavam solteiros demonstravam estarem desprendidos e livres para percorrer os diferentes espaços, ao lado do trio, na frente ou atrás. Porém quando estavam na companhia de seu namorado/a costumavam ficar em lugares menos agitados, no geral,

um pouco afastado dos trios, local de maior agitação dentro dos blocos. Assim, as relações afetivo-amorosas ao serem praticadas no interior dos blocos, mesmo sem planejar, criavam-se guetos.

As questões amorosas, de acordo com Costa (1999) devem ser analisadas por épocas históricas, pois cada período tem suas características, conceitos e valores. Para ele as emoções foram e estão constantemente sendo resignificadas. Com isto as relações amorosas e emocionais, as quais passam por mutações significativas na contemporaneidade, constroem novos sujeitos que concebem os sentimentos mais livres. Para os sujeitos jovens da atualidade, tal ideia se opõe a outras gerações como de seus pais e/ou avós que, em geral não experimentaram relações mais abertas ao diálogo entre os casais, como também os modelos de relacionamentos mais fluídos e entre os iguais<sup>145</sup>.

As relações afetivo-amorosas vivenciadas por gerações, a exemplo de 40 anos atrás, quase sempre ocorriam com os olhares vigilantes dos familiares. De acordo com duas entrevistadas idosas ao discorrerem sobre os relacionamentos de sua época de juventude, percebemos uma ambivalência em relação aos nossos dias, pois ao mesmo tempo em que parte das pessoas demonstra estar atualmente mais livres para viver os amores, elas também apresentam dificuldades de permanecer nos relacionamentos. Vejamos algumas narrativas:

As mulheres hoje tão dando mais em cima dos homens, que os homens em cima das mulher, os homens parece que tão é com medo das mulheres hoje em dia, (risos), as mulheres tão tudo danada em cima, só vê nas novela como tá. É tão difícil hoje você ver, é tão pouco namoro que agente ver nos cantos, [...] hoje ninguém ver aqueles namoro como viam. Menina eu namorava tanto quando era solteira, onde eu tivesse eu já tava paquerando, mais hoje agente ver assim, fico cubando assim, tanta moça só. (Marília)

É porque já chegam com seus namorados. (Marcela)

Não sem ninguém eu tou falando de gente sem ninguém, [...] fico cubando mais é diferente do meu tempo. (Marília)

É as moças não ficavam encalhadas no seu canto não, porque os rapazes vinham tirar para dançar (Marcela).

Na minha época era assim, era mais fácil arrumar namoro porque os homens admiravam mulher, porque ninguém andava com as pernas de

---

<sup>145</sup> Os relacionamentos entre os iguais foram citados pelos nossos entrevistados, mas estes não aprofundaram suas falas, mesmo havendo tentativa de nossa parte. Como também não localizamos nas demais fontes pesquisadas referências que nos possibilitasse aprofundar a discussão de tais relacionamentos na Micarande.

fora, e hoje em dia as mulheres botam tudo de fora, naquele tempo tinha novidade [...]. Os rapazes dizem, agente já ta vendo tudo, agente é que não quer... . (Marília)

Acima as entrevistadas tecem opiniões sobre os comportamentos de homens e mulheres. Entre gestos e risadas enquanto falava, Marília apresenta que as mulheres, pelo menos algumas, se encontram mais “atiradas” e se lançam com mais frequência para viver as emoções amorosas, e parecem usar tanto da coragem e do “atrevimento” que produz medo nos homens, que parecem ficar mais passivos ou analisando os terrenos amorosos para se envolver em um relacionamento.

Ambas as entrevistadas, compararam os relacionamentos atualmente com a época da sua juventude, e Marília coloca: “menina eu namorava tanto quando era solteira, onde eu tivesse eu já tava paquerando, mais hoje agente ver assim, fico cubando assim, tanta moça só”, e Marcela expõe: “É as moças não ficavam encalhadas no seu canto não, porque os rapazes vinham tirar para dançar”. Para as depoentes citadas às moças do período em que elas eram jovens pareciam ser mais cortejadas pelos rapazes, os quais pareciam demonstrar querer viver mais os relacionamentos que na atualidade.

Tais entrevistadas receberam um modelo de educação mais fechado/rigoroso e mostram surpresas nas suas falas em relação aos comportamentos dos/as jovens atuais, principalmente do sexo feminino, como a mulher conseguiu em “pouco tempo” da juventude delas para hoje ocupar múltiplos espaços, e também parte destas parecem não valorizar as conquistas do gênero feminino.

A juventude sempre passou por modificações expressivas e na contemporaneidade apresenta ser frenética e veloz nas suas ações e atitudes. Percebemos que atualmente se vivencia uma cultura de muita individualidade em que as relações intergeracionais<sup>146</sup> foram prejudicadas, ou melhor, houve uma quebra nas quais os jovens não costumam ter tanto contato e aproximação nas suas relações cotidianas com pessoas de faixas etárias diferentes das suas, diferenciando do tempo de “ser”

---

<sup>146</sup> Sobre as relações intergeracionais na contemporaneidade, ver dentre outros: DEBERT, Guita Grin. A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

jovem dos nossos antecessores que tinham um vínculo afetivo de mais visibilidade com todas as gerações.

Notamos que na atualidade parte das gerações idosas sente uma crise de autoridade, visto que antes a sociedade conseguia demonstrar respeitar melhor as pessoas, ou era menos agressiva em usos de palavras e/ou gestos. Os indivíduos modernos evidenciam serem mais donos dos seus próprios corpos e prazeres e isto angustia parte das gerações idosas, ou provocam impactos.

A identidade é marcada pela diferença e por símbolos, como trata Woodward (2000). Na pesquisa em discussão a identidade pode ser percebida através da maneira de pensar de nossos entrevistados quando apresentam principalmente seus olhares sobre o comportamento dos gêneros nas últimas décadas e assinalam uma diferença entre as gerações. No caso das narrativas apresentadas pelas depoentes, Marcela e Marília, analisamos o conflito identitário marcado pela mudança do passado para o presente, na maneira de idealizar e viver as relações afetivas.

De acordo com a depoente Marília em suas narrativas apresentadas anteriormente sobre o comportamento dos homens e suas práticas, nota-se que estes demonstram ambivalências nas relações afetivas, pois o discurso propagado socialmente por boa parte diz aceitar, gostar e não temer a mulher dona de si, que conquista cada vez mais não só espaços de trabalho, mas também na relação.

Tais conquistas por parte das mulheres “apavoraram” muitos homens, pois parte destes na sociedade não tem maturidade suficiente e compressão das transformações entre os gêneros, para interpretar que a mulher ao tomar a iniciativa de ir atrás e afirmar que deseja uma relação, não significa vulgaridade, e nem no caso do relacionamento fique sólido, ela vá ser obrigatoriamente infiel.

Pensando as mudanças nas vestimentas, especialmente das mulheres, a narrativa de Marília indica diferenças marcantes para época dela, dentre as quais o fato de que estas andavam com seus corpos mais cobertos. Para a depoente isso despertava o interesse masculino de querer conhecer as mulheres e de fantasiarem desejos com os corpos encobertos. A entrevistada ressalta ainda que os rapazes atualmente afirmam não desejarem tanto as mulheres, porque parte destas se mostram “fáceis”, não só nas atitudes, mas também utilizando roupas mais sensuais e curtas deixando seu corpo mais exposto, como na Micarande o apelo à sensualidade pelas vestimentas foi recorrente por parte de foliões.

Na Micarande, como vimos no Bloco III em algumas falas que trata das relações afetivas - amorosas, os homens ao mesmo tempo em que se esforçam para aceitar os novos espaços ocupados pelo gênero feminino, ficam bastante desconfiados e se mostram temerosos com essas mudanças de comportamento. Desta feita relacionamos as narrativas já apresentadas deste bloco, com o diálogo nas discussões de Bauman (2004) sobre as questões amorosas e as fragilidades nos laços afetivos. Segundo ele o amor na contemporaneidade está em mutações assíduas, no qual os sujeitos buscam interagir no relacionamento mais rápido, como também as pessoas estão mais propícias a se apaixonar e desapaixonar com mais frequência, ou de tão efêmeros alguns relacionamentos que nem chega ao apaixonamento.

Nesse sentido, vários foliões micarandantes praticavam seus amores da avenida axé ao espaço de dispersão da folia, seja através de olhares, paqueras, beijos e ficas com uma ou diversas pessoas no decorrer dos dias de festas, e assim os foliões podiam ter uma lista de vários ficantes “conquistados” no percurso da folia. Mas o que interessava naquele momento para tais sujeitos era (re)inventar relações amorosas para o divertimento e a movimentação de suas emoções afetivo-amorosas. Desta forma, diferente do ideal de amor romântico de outrora, que permitia a maioria das moças sonharem e fantasiarem em viver/encontrar o amor possivelmente para a vida toda, um homem fazendo juras de amor que enfrentasse “um vendaval” para poder ficar junto, possibilitando muitas moças a esperar ser conquistadas, embora saibamos que muitas dessas juras não eram cumpridas.

O homem desejado e esperado por moças de outrora era o “ideal” semelhante ao da música abaixo:

**Carta Branca  
Ara Ketu**

Por amor  
eu faço mil loucuras se você quiser  
Me sirvo de bandeja pra você mulher  
Só pra te ver feliz e mais apaixonada  
Por esse amor  
Entrego minha vida toda em suas mãos  
Abro todas as portas do meu coração  
Enfrento um vendaval  
topo qualquer parada  
oh, oh, oh

Boto a mão no fogo por essa paixão  
 Pois sei que você me tem no coração  
 Eu vejo em teus olhos ao tocar meu corpo  
 oh, oh, oh  
 Amo você, Eu amo você

Refrão  
 Você tem carta branca nesse meu coração  
 Eu amo você  
 Estou de corpo e alma entregue em suas mãos  
 Quero dizer  
 Que ninguém no mundo vai te amar assim  
 É tanto amor que esqueço até de mim<sup>147</sup>.

A música apresenta uma declaração de amor, da coragem de realizar inúmeras loucuras para ver a outra pessoa feliz, quando se está apaixonado. Um amor romântico capaz de fazer juras e entregar a vida, diferente do amor líquido moderno que parte das pessoas ameniza nas promessas de amor para a vida toda ou nem realiza as juras amorosas, simplesmente busca viver o momento. Talvez isso seja uma maneira de cápsula protetora para evitar ou tentar sofrer após os encontros efêmeros, como também a relação que, no geral, não dá satisfações ao outro.

Isto não significa dizer que na prática o amor nos moldes romântico não exista atualmente. Ele continua a ser praticado por diversos indivíduos sociais, e parte dos casais, ao que parece busca resignificar suas relações românticas. Como também, parte da sociedade demonstra o interesse por relações mais compromissadas, a exemplo do casamento. Salientamos também quando se trata das relações afetivas a possibilidade da inversão nos relacionamentos de mulheres mais velho-experientes com homens mais novos, uma demonstração de quebra de tabus sociais.

Na Micarande, apesar do ideário de amor romântico que compõe a música citada por último não ser o que diversos foliões buscavam viver na festa, quando esta tocava animava-os e fazia com que aproveitassem para se entregarem aos “amores líquidos” sem dificuldades e vendavais. Com isto foliões de ambos os gêneros praticavam seus modelos das relações afetivas amorosas, junto ao som de músicas que ajudavam a instigar alguns à euforia para dançar e experimentar vários amores ou “relaxar” acompanhando o ritmo musical. Nesse sentido, vejamos a seguinte narrativa:

---

<sup>147</sup> Fonte: <http://www.vagalume.com.br/araketu/carta-branca.html#ixzz1mBSyxYDg> visitado e 11 de fevereiro de 2012. A composição da referida música é de Composição: Marquinhos Maraial/Beto Cajú.

Eu vejo uma situação ou de euforia ou calma, se a música é calma todo mundo relaxa, fica tranquilo, se a música é agitada todo mundo pula [...] quer dizer dependendo do ritmo, você ver como as pessoas lá embaixo se comportam [...] as pessoas vão pela euforia da festa mesmo, para zoar, beber. (Jessica).

Tal euforia ou calma de sentir-se embalados ou relaxados pelas músicas servia para ambos os gêneros. De acordo com Carla Luzia de Abreu (2010) a discussão de gênero contribui “para ampliar o entendimento das sexualidades e suas representações binárias para além do discurso historicamente construído em que gênero era compreendido apenas como uma questão biológica dos sexos” (ABREU, 2010, P. 1).

Para tal autora, atualmente a discussão a respeito de gênero demanda ponderar sobre a multiplicidade das formas de pensar, ver e sentir o mundo. É uma questão de atentar para as múltiplas representações de identidades sexuais, de saber que o modelo de heteronormatividade não é fixo e imutável, porém ela ressalta que “a sociedade ainda dá sinais de ter dificuldades de conviver com a diversidade e muitos preconceitos ainda persistem” (ABREU, 2010, P. 1).

Desta forma, Abreu (2010) discorre que a identidade de gênero é mutável, em que os sujeitos têm diversos referentes de identidade para sua formação que se entrelaçam e permite que transitem em suas identidades e subjetividades, pois “não há como situar um sujeito sem levar em conta suas conexões com o mundo, os processos históricos e as condutas sociais” (P.8). Já para Maria da Penha Felício dos Santos de Carvalho (2010) ao tratar sobre as discussões de Judith Butler, apresenta que o conceito de gênero refere-se “a todas aquelas características e papéis sociais mutáveis, que as diferentes sociedades atribuem ao masculino e ao feminino” (CARVALHO, 2010, P. 5).

As relações de gênero, as relações amorosas, os comportamentos de homens e mulheres foram discussões recorrentes na nossa pesquisa. E em relação ao novo modelo de mulher e de relacionamento, a entrevistada Marcela comparou com a geração dela. Para ela as mulheres das duas últimas décadas, além de serem mais corajosas, são também mais exigentes, pois procuram satisfações múltiplas que as façam felizes. De acordo com a entrevistada as facilidades do mundo informatizado estão criando novas modalidades de se relacionar através da internet, e com isto parte da sociedade parece submergir ou deixar escapar um pouco da magia e do interesse, do viver as fantasias para paquerar, criar um encontro ou, utilizar a conversa e expor questões quando algo não agrada, porque a naturalidade de dizer logo “tudo” virtualmente e uma banalidades

assinala mutações dos laços sociais afetivos que parecia ou tinha mais encanto quando eram construídos presencialmente na conquista a partir da troca de olhares e da conversa. Sobre essa discussão, vejamos a narrativa abaixo:

Eu acho que hoje também os homens são inseguros, porque as mulheres hoje em dia são exigindo mais também, [...] são exigindo performance, são exigindo até a performance na cama hoje é exigido pela mulher. Naquela época as mulheres não tinham coragem nem em falar nisso, mas hoje elas dizem eu quero lá aquele babaca, aquele dali foi uma decepção, e hoje dia né, então os homens são se sentindo mais medrosos, [...] e outra coisa tornou-se uma banalidade, era uma coisa interessantíssimo agente namorava de olho, de longe, hoje em dia é muito fácil [...] vão conversando tudo, dizendo tudo que tinham de dizer pela internet né, as vezes o namoro virtual tá substituindo até o namoro de verdade [...] esses contatos vão substituindo como era interessante tentar conhecer e encontrar aquela pessoa [...]. As coisas diferenciam da Micarande pela informalidade... (Marcela)

Não queremos com essas narrativas já apresentadas nesse bloco, a exemplo da citada acima, negar que atualmente também haja relações duradouras, que diversos homens vivem relações compromissadas e sem medo de sofrer, que ainda tem mulher submissa ao companheiro, que muitas pessoas vivem os encontros “mágicos” amorosos. Porém, esse novo modelo de mulher e de homem que escolhem por viver relações afetivas fluidas parece ser recorrente na contemporaneidade, e em especial na Micarande foi visto como uma opção para muitos foliões irem curtir a folia e os romances passageiros, estes intensificados nesses tipos de festejo. O que demonstra impactar a entrevistada Marcela, que estranha às formas como os sujeitos contemporâneos vivem suas relações dos encontros contingenciais e virtuais, diferente da época da juventude dela que ocorriam presenciais e “lentos”.

As conquistas do gênero feminino com mais liberdade nas escolhas de viver suas relações afetivas, significa no olhar de alguns homens uma questão a ser analisada com cuidado. Vejamos a narrativa:

Eu não sou preconceituoso quanto a isso, eu acho um pouco estranho pela velocidade, mais se agente vê a mulher como todo, você vai notar que ela passou muito tempo em espécie de repressão, se auto reprimindo e sendo reprimida, e isso agora faz parte do geral da

sociedade, onde ela procura se afirmar em todos os setores, [...] se tornando independente e ela sai dessa posição de subjugada, digamos assim, pra passar pra posição de autoridade. [...] Agora existe também um cunho de vulgaridade que também precisa ser visto, não é só sair da toca. (Wilson Basílio)

O estranhamento e/ou reconhecimento em relação à independência que parte das mulheres vem conquistando, é apontado na narrativa acima na qual o entrevistado deixa transparecer um “ressentimento” por as mulheres estarem indo além do limite “permitido”, que no olhar do mesmo há um cunho de vulgaridade no comportamento de parte do gênero feminino em determinados espaços públicos e privados. Isso, segundo ele é imprescindível ser analisado, pois não é só ocupar os espaços, é também resignificar atribuindo o seu valor e relevância social.

Parte, do gênero masculino, tem evidenciado certo receio das mulheres compartilharem desses comportamentos, percebendo-se a ambivalência colocada por Bauman (1999), quanto à quebra desses valores e costumes, pois ao mesmo tempo em que presenciamos homens afirmarem serem positivas as conquistas e lugares que as mulheres estão também ocupando, notamos certo medo quando as mulheres tomam a iniciativa nas paqueras e namoros, estando em sintonia com as transformações e construções de novos modelos de comportamento da contemporaneidade. O que, de certa forma, é visto com certa “naturalidade” em se tratando de um ambiente festivo como a Micarande, mas que em situações cotidianas e em outros espaços passa a ser criticado até mesmo pelos que se dizem “modernos”.

No referente às questões amorosas na contemporaneidade observamos que parte da sociedade, a exemplo como tratado anteriormente nas falas dos entrevistados Wilson Basílio, Marcela e Marília muitas vezes tem apontado um impacto e um estranhamento das relações amorosas contemporâneas terem ganhado tanta “liberdade”, e receio das pessoas usarem também da libertinagem e banalizarem as relações, sendo desrespeitoso não só entre membros envolvidos na relação, mas também para quem presencia cenas mais “picantes”, a exemplo de casais trocando carícias na internet, o sexo livre praticado em ambientes públicos, visto que alguns indivíduos guardam certos valores conservadores que não se coadunam com a lógica relacional da efemeridade.

Os encontros amorosos na época da juventude das entrevistadas Marcela e Marília ocorriam de forma pausada e vigiada pela família. Primeiro os casais se olhavam e esperavam uma oportunidade para se aproximarem. Antes os namoros, na

sua maioria, para acontecer precisavam do aval da família, e quando namoravam tinham toda uma cerimônia de não pegar logo na mão, abraçar, beijar, era uma questão de respeito com a namorada e sua família. Um bom lugar para os encontros eram as festas religiosas e tertúlias<sup>148</sup>, e no geral era o rapaz que ia até a moça, dificilmente percebia-se informalidade nos relacionamentos e as mulheres terem coragem de ir até o rapaz.

Vejamos:

E essa questão de homem e mulher, tem os modismo, (...) hora ta mais ascendente e outra hora mais descendente (...) Naquela época o que funcionava muito era o olhar né, era a questão de você olhar e aquele rapaz olhar, (...) como hoje também as pessoas notam, hoje tá mais informal porque as mulher as vezes chega junto do homem e puxa conversa, (...) todo canto que eu vou eu vejo muitas vezes essa relação mais fácil de se aproximar, naquela época era mais difícil, se ele se sentisse aceito depois ele vinha chamar para dançar ... (Marcela)  
Na dança ficava conversando (...) que antigamente tinha muita festa de lado das igrejas, oxé ali era também um ponto de namorar (...) passava olhava, e depois a quebrada né, (...), que você vai andando vai embora e outro que ficou, e aqui e acolá você oh [fez o gesto de olha para trás um pouco disfarçada, mexendo a cabeça], e aí ele ta quebrando, quer dizer o interesse, e aí se houver outro encontro (...) o caba já se aproxima. (Marília)

Era lentos, (...) era muito complicado, começava a namorar, depois que ia pegar na mão, depois de seis meses botar a mão no ombro (... )  
Agente quando ia beijar, já estava gostando do rapaz (risos)... (Marcela)

Lá em casa para sair pro terraço mãe tinha que vim, as vezes mamãe ficava olhando de longe ... (Marília)

Isto é o que marca a diferença entre os amores de tempos passados para dos nossos dias e mais ainda com as participantes dos blocos de axé da Micarande, como também em outros espaços, que geralmente as moças tinham coragem de ir até o rapaz, e não necessariamente configurar como “vulgar” sua aproximação e conversa.

Os conflitos intergeracionais e identitários ocorrem nas falas das entrevistadas Marcela e Marília. Elas demonstram inquietações marcadas por uma “ingenuidade” ao olhar para as relações e maneiras de comportamento dos gêneros no passado, com certo saudosismo quando este é vislumbrado como algo dado e no qual as identidades pareciam centradas e sem tanta flexibilidade, e isso marca certo olhar nostálgico em que os sujeitos de outrora, mesmo de um passado recente para a História, acreditam terem vivido melhor sua fase da juventude, bem como as seduções amorosas.

---

<sup>148</sup> Festas que ocorriam antigamente.

De acordo com Debert (2004) as fronteiras entre as idades da vida passaram, na modernidade, por uma “cronologização”, fazendo com que o curso da vida fosse instituído segundo etapas padronizadas e colocadas como estáticas. Na modernidade a institucionalização do curso da vida teve como característica principal a individualização, a divisão nos espaços e lugares, seja no universo público ou privado, abrangendo diretamente os grupos e categorias etárias, passando a serem definidas na sociedade novas perspectivas e projetos que visam dar conta das modificações ao longo dos anos, proporcionando mudanças nas estruturas sociais e físicas na sociedade bem como na vida dos sujeitos modernos, desde o nascimento até a morte, perpassando pelos estágios da vida da escolarização, do mercado de trabalho e da aposentadoria.

Enquanto que na modernidade tínhamos o processo de cronologização de existência do curso da vida, que se separou cada indivíduo por categorias etárias (infância, adolescência, idade adulta e velhice) e no qual a ideia de geração se desmembrou da família formando novas relações com base em regulamentações legais, na contemporaneidade, temos uma “desinstitucionalização ou descronologização” das idades etárias com a ampliação da ideia de juventude, abrangente a todas as idades, como característica fundamental da mudança no enfoque das idades etárias. Desta forma, a velocidade das tecnologias de informatização possibilita que os indivíduos ampliem seus conhecimentos e gerem novas identidades, sendo até uma exigência do mercado na sociedade contemporânea.

Na contemporaneidade a produtividade cede cada vez mais espaço ao consumismo, e, por conseguinte rompe cada vez mais as fronteiras das idades da vida tornando-as frequentemente móveis. Para Debert (2004) as divisões por grupos etários foram construídas culturalmente, daí a periodização da vida ser elaborada simbolicamente assinalando fronteiras entre os lugares etários. Na Micarande nos blocos de axé, embora não fosse regra, havia uma predominância de jovens que marcam diferenças na construção das identidades, no viver os amores e no comportamento dos gêneros em relação à outrora.

No olhar das entrevistadas citadas por último, os namoros atualmente parecem estar em descendência. Logo, este é o período em que as pessoas preferem ficar solteiras. Pensamos que isto seja pela possibilidade da(o) “solteira(o) sim, mas sozinha nunca”, ou seja, pode-se não estar em relação de namoro com alguém, mas não significa que não tenha algum “paquera ou fica”, que possa se encontrar ocasionalmente e podem

até dormirem juntos, entretanto depois cada um vai para seu “lugar” e a relação pode ou não ter continuidade. Tais relacionamentos líquidos são comuns atualmente, como alguns da Micarande, e isto sinaliza que as pessoas estão mais abertas aos novos códigos de enamorar e viver seus sentimentos amorosos.

Talvez possamos falar que as novas configurações amorosas proclamem o fim da “escravidão” das mulheres em relação aos homens nos relacionamentos, pois para a maioria delas e parte dos homens atualmente para viver uma relação com continuidade, dentre vários critérios escolhidos, se faz necessário a presença do companheirismo, respeito, carinho, entre o casal e/ou enamorados. Como também, pensamos que significa o fim dos homens terem por obrigação de sustentar financeiramente as mulheres, os filhos, a casa sem a contribuição financeira da companheira.

A depoente Marcela nos apontou que as mulheres à medida que experimentavam a liberdade, passaram a cobrar igualdade na relação com o marido, companheiro, namorado, paquera, e nessa “cobrança” entra também o prazer e o desempenho sexual. As mulheres da sociedade líquida-moderno<sup>149</sup> aprenderam ou estão aprendendo o “carpe diem” o viver o dia, momento que não deve ser adiado porque a vida se apresenta e passa rápido. Assim, o prazer sem medo do futuro deve ser privilegiado, pois o tempo de querer e ser feliz deve ser todo dia, e isto para parte dos sujeitos atuais significa não desperdiçar o tempo, que não deve ser olhado como sinônimo de fracasso e perda de novas oportunidades desse mundo efêmero.

Neste sentido, a entrevistada Marcela, que apresentamos mais uma fala abaixo, ainda nos revelou que pelo discurso que ela ouvia e observava na sociedade, muitos homens se achavam o ‘sensacional’, julgando-se mais corajosos e beijoqueiros, pensando que apenas eles se aproveitavam das mulheres, consideradas sexo frágil. Mas, a mesma discutiu que, enquanto parte dos homens pensava isso, muitas mulheres como ela, gostavam e eram quem se aproveitavam deles, já que muitas vezes não precisavam procurar paqueras, pois eles já as ‘abordavam’ e facilitando o processo de conquista. Vejamos sua narrativa:

Tinha pessoas que namoravam só os três dias de Micarande, com aquela pessoa, (...) e depois disso no era parecido com o ficar (...) tem o sentido pejorativo que algumas pessoas acham, que ficar é simplesmente

---

<sup>149</sup> O sociólogo Zygmunt Bauman utiliza dessa expressão para discutir que as certezas e a previsibilidade do futuro estão diluídas mais que qualquer outro período da história da humanidade.

transar, eu fiquei com fulano, (...) e que num deixar de ser uma das coisas dos relacionamentos atuais, num é, mas geralmente ficar nessa época da Micarande que agente via era o beijar, num é, que na Bahia os rapazes saiam e vou beijar quantas hoje, e as mulheres também vou beijar, eu me lembro que uma amiga conversa assim com agente, e dizia que na Micarande também, então vão se aproveitar, deixa que quem tá se aproveitando deles somos nós, que as mulheres também começaram a dá seu grito independência, e elas queriam se agarrar, se beijar mesmo. (Marcela)

Na narrativa acima a entrevistada se referia ao início da Micarande. Ela relata que o ‘ficar’ não foi uma inovação dos sujeitos micarandiantes, pois historicamente as pessoas mantinham relações sem compromissos oficiais, porém sem tanta naturalidade como na atualidade. E ao começar entrar no gosto social essa forma de relacionamento era mais frequente entre os homens que acreditavam estar no controle das escolhas, contudo como vemos na fala da depoente Marcela, as mulheres também simpatizaram dessa nova “moda” de viver o amor sem se sentir como “usada”. Talvez por possibilitar uma liberdade de poder mudar com mais assiduidade de parceira/o, ou até mesmo representar um momento em que a pessoa não está a fim de manter uma relação duradoura, mas também não deseja permanecer completamente só, daí a frase “solteiro/a sim, sozinha nunca”.

Dessa forma, se os jovens rapazes pensavam muitas vezes que só eles quem mais aproveitavam a festa e seu espaço, de competições com os amigos para saber quem beijava mais e era o ‘gostosão, machão’ da turma eles estão em parte enganados. Pois, lembro-me quando sai no último dia de Micarande ter visto um grupo de quatro amigas, zoando e curtindo com rapazes dentro do bloco puxado pelo grupo do Asa de Águia, levar uvas e bombons que ficavam colocando na boca e provocando os rapazes, e se agradassem beijavam, caso não despertassem a atenção davam uma enrolada e fugiam para outro local dentro do bloco, e assim elas criativamente chamaram muita a atenção dentro do bloco e ao que presenciei, curtiram de forma descontraída a noite de festa.

A Micarande influenciava tanto na vida de alguns foliões que, muitos deles incorporam este evento aos seus planos de vida e passavam a esperar a chegada desta festa. Contudo, sabemos que algumas das expectativas não eram concretizadas e outras tantas se vão logo devido sua fluidez, pois os objetivos de alguns foliões eram pensados para um espaço de tempo curto, para uma noite, já que na noite seguinte da mesma festa os relacionamentos e gostos já podiam ser totalmente outros.

Na sociedade contemporânea, de acordo com o conceito de identidade como coloca Hall (2006) se faz presente a descontinuidade, a fragmentação, a ruptura e o deslocamento nas práticas sociais e individuais, em que constantemente se examina e se reformula os conceitos e os modos de vida. Tal reformulação nos hábitos de viver e nas identidades foi presenciada na Micarande, na qual os foliões apresentavam-se rupturas no modo de conceber as práticas das relações amorosas e de divertimento.

A quebra de a identidade no conceber as relações amorosas na contemporaneidade é permeada por alguns pelo medo, que de acordo com Bauman (2008) “... é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance” (p.7). O medo é uma das questões marcantes da atualidade, em que as pessoas têm múltiplos medos relacionados, dentre alguns assuntos, como saúde, segurança, família, educação, profissão, relações afetivas e amorosas.

No tocante a este último, parece que os homens estão com medo e inseguros da liberdade apresentados por parte das mulheres, ou no mínimo cautelosos, pois a possibilidade da via de mão dupla, principalmente “do passou chifre, levou de volta”, ou do torna-se descartável estar aborrecendo diversos indivíduos modernos. E particularmente, alguns homens entrevistados deixaram transparecer nas suas falas que sentem a desconstrução do seu lugar social, e temem receber o título indesejável e doloroso para o sexo masculino, o de corno, até por que homem quando traído na cultura brasileira dificilmente se livra de ser sacaneado. Há até quem fale na cultura informal que “uma vez corno, para sempre corno”. Vejamos a seguinte narrativa em que o depoente apresenta seu medo:

Hoje tem festa que a mulher vem, é ao contrário, ta diferente recentemente. Antes a mulher sempre esperava, mas hoje não, as mulheres tomam iniciativa, mais até que os homens é mais afoita. Isso é ruim, chega um momento que você perde a confiança e pensa que é tudo igual, quando você pensa em namorar você perde a confiança pelo que você vê as outras agindo. Você vê as outras agindo de uma forma que não queria que sua namorada agisse. É como as mulheres não gostam que os homens façam isso [...] (Paulo).

O entrevistado ao discutir sobre a mudança da mulher, dela também ir atrás do homem, de se “lançar” nas relações afetivas amorosas, coloca ser ruim para o gênero feminino ao mesmo tempo em que apresenta receio de se relacionar atualmente. Notamos que alguns homens contemporâneos encontram-se em crise, visto que alguns ainda se colocam na posição de “caçador”, defendendo esse lugar como algo permitido e comum ao sexo masculino, demonstrando temer ser ignorado e também temendo “atitudes” desprezidas das mulheres.

Pode-se dizer que na contemporaneidade as identidades estão constantemente em construção, com suas estruturas em aberto em que os sujeitos buscam frequentemente deslocar as identidades por novas possibilidades de identidades, e com isto vão surgindo novos sujeitos com a formação de novos valores sociais. Assim, para Hall (2009) a identidade:

[...] torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação à forma pela quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2009, p. 13).

As identidades dos sujeitos modernos assumem posições variadas de acordo como lugar onde se encontram. E para Hall (2006) assistimos na contemporaneidade a um rompimento com as noções essencialistas de uma identidade fixa, colocando-se no centro as nuances identitárias, sinalizando múltiplos deslocamentos no tempo e nas tradições em que as identidades podem ser especificadas pela observação no processo de sua construção, pois estas não são estáticas ou dadas, emergem a partir de um conjunto de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências que influenciam os indivíduos.

Para Hall (2006) isso implica na crise das velhas identidades que, se durante anos proporcionou estabilidade ao mundo social, no qual o indivíduo antes visto como

unificado e centrado hoje vivencia experiências que demonstram a fragmentação e descentramento do sujeito. Nas sociedades modernas, o cenário cultural de classe, gênero, geração, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade estão em mutação, mudando-se também as identidades pessoais e relacionais. O sujeito “pós-moderno” possui uma identidade móvel que se encontra em mutação constantemente, podendo se identificar, ao menos provisoriamente com as novas possibilidades que vão surgindo, na medida em que é confrontado pela multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades.

Na Micarande essa multiplicidade na identidade podia ser vivida por diversos foliões que se lançavam na fluidez das relações amorosas, como também nas danças e na diversão, nas quais muitas vezes foram impulsionados pelo uso da bebida que deixavam os sujeitos com coragem de tomar certas atitudes, como beijar, “paquerar” e “ficar” com várias pessoas numa noite de festa. E também todo um cenário inventado de “perfeição” para definir o ambiente da festa e seu espaço de diversão a partir das músicas e do público alvo: os jovens como impar na cidade.

Não obstante, Hall (2000) coloca que a identidade não se produz precisamente ao afirmar a unidade, mas é no jogo e no conjunto das diferenças que a mesma se constitui. Assim “[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela” (HALL, 2000. P 110). Logo a identidade se faz presente a partir da relação com o outro. Deste modo, na relação das artes de amar dos foliões micarandantes e na diferenciação entre os diversos sujeitos da contemporaneidade está presente o processo identitário fragmentado e em reformulação constante. Os indivíduos (re)elaboram seus projetos de vida, transformando sua identidade com frequência, adquirindo identidades momentâneas perpassadas pela cultura na qual tudo é consumido rapidamente e que parece ser descartável, vivendo o presente de forma intensa e efêmera.

Segundo autores como Bauman (1999) e Lipovetsky (2004) na sociedade pós-moderna o indivíduo é visto como consumidor, enquanto a sociedade dos nossos antecessores era a sociedade de produtores. Assim, o consumismo adquire na contemporaneidade novos espaços para expandir-se fazendo do mesmo, algo sedutor e frequente no nosso cotidiano. Na atualidade a sociedade capitalista vê o consumidor como importante na sua capacidade e vontade de consumir cada vez mais objetos e seus significados, que para eles o que mais interessa é a sensação e a busca pelo novo.

De acordo com Lipovetsky (2004) o desejo pelo novo seria mais satisfatório do que mesmo se ter o objeto pretendido/almejado, e que a chegada de novos produtos

almeçados é acompanhada de desejos e de insatisfação com os já adquiridos; o novo logo se torna velho/ultrapassado na nossa sociedade devido à rapidez e a evolução do sistema de automatização de produção, visto que, na contemporaneidade os desejos dos consumidores estão marcados pela busca incansável por novidades e diversidades. Isto alimenta a prática do consumismo e da produção, sendo a mola propulsora para o mercado criar e expandir seus negócios e ofertas comerciais.

Dessa forma, consumimos não só a mercadoria, mas também seus significados sociais e culturais, nos quais estão presentes no modo ativo de nossas relações e atividades do dia-a-dia, pois as mercadorias já trazem consigo uma variedade de significados embutidos na venda. A sociedade consumista impõe padrões de consumo com base numa estética de valores marcados pela ideia do ter, ou seja, o indivíduo se destaca pelo poder de compra, com isto demonstra status social. Na Micarande os foliões consumiam os prazeres da festa, os romances, o gosto pela atração musical, o espaço móvel, as permissividades, como também os seus significados culturais.

Os sujeitos da contemporaneidade parecem realizarem uma busca pelo novo que promove ao mesmo tempo uma revisão dos valores do passado e uma fuga a esses valores. Mas, também representa uma busca por um sentido na vida. Coisa que parece ter se esfacelado com a modernidade sempre em mutação. Com isto os sujeitos sentem o vazio da modernidade e da pós-modernidade, numa busca por novidades e insatisfação com a vida, pois “tudo” é consumido numa velocidade assustadora e, desta maneira as incertezas fazem parte do cotidiano das pessoas. Isso se torna visível através da percepção de que estão sendo construídas identidades frágeis e passageiras elaboradas e reelaboradas cotidianamente.

Portanto, buscamos a partir da pesquisa historicizar as mutações nas relações afetivas amorosas que trouxeram novas possibilidades de se relacionar para ambos os gêneros. Nessas transformações surgiram as “relações de bolso” discutidas por Bauman (2004), relações no qual o sujeito moderno pode lançar mão delas quando for preciso. Isto configura numa instantaneidade e disponibilidade sentimental que possibilita os deslocamentos das identidades amorosas de homens e mulheres.

Na contemporaneidade, especialmente na Micarande, parcela dos foliões micarandiantes experimentaram relacionamentos curtos e inconstantes, em que os sujeitos buscam conectar a relação amorosa com a cultura consumista - que prega o valor do ter e possuir, do comprar desenfreadamente, que “acostumou” a substituir o

“velho” pelo “novo” - inclusive as emoções sentimentais que são vividas e subjetivas entre os gêneros e nas identidades a partir das práticas de seus ideais e espaços que possibilitam experimentar o efêmero, o momentâneo e o afrouxamento dos laços sociais, como significado de uma nova ordem social da contemporaneidade. O estudo com as sensibilidades afetivas das artes de amar na contemporaneidade nos possibilitou um passeio, como também um intercâmbio no mundo do fantasioso, da dor, do conhecimento de histórias reais, de culturas, de significações e significados particulares ou coletivos, do viver e representar sonhos e sentimentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **Enfim Vencer** **Banda Eva**

Mais um dia vem  
Saio de casa  
E vou em busca  
De alguém  
Que me sorria  
Uma alegria  
Pra felicitar a vida  
Tão sofrida  
Pra tentar fechar ferida  
Que a vida sem querer  
Me deu

Ontem eu sonhei  
Que era feliz  
E até me lembro  
Que chorei  
Quando pensei  
Que na verdade ser feliz  
É encontrar a paz  
É ouvir Deus falar  
E acreditar  
Que a luz  
Há de brilhar

Oh! Amado DEUS  
Dá-me mais  
Força pra seguir  
Ao lado teu  
Me ensina  
Perdoar a quem  
Um dia me fez  
Algum mal  
Ou quis magoar  
Mostra como  
Faz o amor  
Planta no seu coração  
Uma flor...

Posso prosseguir  
Já recebi sua graça  
Pronto pra viver  
E confiar em mim  
Incondicionalmente  
Acordar e sorrir  
Te agradecer por evoluir  
E enfim vencer!<sup>150</sup>

---

<sup>150</sup><http://www.vagalume.com.br/banda-eva/enfim-vencer.html#ixzz1m56dHjHz> visitado 26 de fevereiro de 2012.

Fechando um ciclo, depois de alegrias, sorrisos, dores, encontros e desencontros, momentos que buscamos sujeitos que nos fizessem sorrir contribuir na elaboração desse texto, e “Enfim Vencer”. Nessa empreitada sentimos experiências significativas e movediças que nos possibilitaram sentir o proposto por Larrosa (2004), “[...] experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma”. (LARROSA, 2004, p.162).

Nesse caminhar, pular e brincar dentro dos blocos e atrás dos trios, para esta dissertação, nos propomos investigar Micarande e as práticas do espaço e das relações afetivo-amorosas que produziram significados do efêmero e da multiplicidade enquanto um fenômeno da contemporaneidade.

Para tanto fomos ao encontro de sujeitos micarandiantes. A partir de suas narrativas, partilhar histórias de vida e memórias afetivas que, ao problematizá-las, nos permitiram escrever a trilha sonora dessa festa. Além das vozes dos sujeitos atores da Micarande o corpus documental que nos auxiliou nessa escrita esteve amparado no folhear ao longo da pesquisa os livros dos jornais da Paraíba, Diário da Borborema, e os materiais de publicidade do Museu Histórico e secretarias de Evento e Turismo.

Desta forma, a partir da pesquisa realizamos a sua análise, e elaboramos os Blocos (capítulos), nos quais discutimos sobre: a festa, as práticas do espaço na Micarande e os blocos festivos; novas configurações das indumentárias – da mortalha ao abadá, como também nas relações afetivas – “ficar” e “paquerar”; e por último as práticas das relações afetivas com foram vividas e subjetivas entre gêneros e nas identidades de foliões da Micarande.

O universo dinâmico das práticas discursivas foi entrelaçado pelo nosso olhar à pesquisa e os sujeitos praticantes do espaço (Certeau, 1994) que nos apresentaram novas possibilidades de significar a festa e as artes de amar de foliões na Micarande. As experiências relatadas dos micarandiantes nos permitiram adentrar em cenários de concepções múltiplas sobre os comportamentos de homens e mulheres, da sedução por novas identidades e a recorrência ao passado. De sujeitos que simpatizavam em viver e experimentar os Amores Líquidos (Bauman, 2004) e a Era das Sensações (Costa, 1999), e de outros que se impactavam com esses novos experimentos amorosos da contemporaneidade.

Salientamos que a recorrência as discussões do sociólogo Bauman, se deu pela carência de outras referências por historiadores que discutam as questões amorosas e

suas fragmentações de identidade nos laços afetivos “pós-modernos” e, como a História dialoga com outras áreas do conhecimento consideramos pertinente esta interface com a Sociologia. A discussão de História dos Sentimentos para o historiador é recente, apresentando como um campo fragilizado, bem como a escolha por um recorte temporal de décadas recentes, como a nossa não é algo comum entre historiadores.

Dissertar esse texto foi prazeroso pelo amor sentido pela temática, mas não podemos deixar de informar o quanto foi difícil pelo tempo e por movimentar com os sentimentos do outro e o com o nosso, com dúvidas, saudade e angústias sobre a festa; como também olhar a própria identidade de sujeito histórico social e folião que vive(u) com as novas sensibilidades afetivas amorosas discutidas.

Os sujeitos pesquisados apresentaram o paradoxo de não ser fácil discutir seu lugar na festa, visto que vivem o dilema de pensar e discutir o lado positivo das mudanças na contemporaneidade, especialmente as quebras de paradigmas nas relações afetivo-amorosas proporcionadas pela abertura de novos códigos morais. Ao mesmo tempo em que questionaram a velocidade e o medo da “vulgaridade” nos relacionamentos e na divisão do espaço com o outro, principalmente os homens com as mulheres, visto que algumas destas também desejaram e desejam experimentar as relações amorosas com liberdade e sem tabus durante a Micarande, bem como fora desta.

As sensibilidades e identidades dos gêneros e das relações afetivas dos sujeitos na organização desta pesquisa transitaram por diferentes concepções e são resignificadas com novas possibilidades de sentidos e significados para os sujeitos, em que estes construía(m) e desconstruía(m) espaços a partir das experiências subjetivas de cada micarandante. Com isto suas narrativas e histórias de vida percorreram atrás dos variados trios elétricos da vida, apresentando no referente às afetividades, vivências que vão desde a fluidez à quebra de lugares cristalizados, como também relatando com certo saudosismo que em outrora os sujeitos viviam suas emoções amorosas de forma menos frenética, contingencial e momentânea.

Enfim, acreditamos que nosso empenho destacado na pesquisa e a organização proposta conseguiu atender ao interesse geral proposto que era de discutir as práticas do espaço e das relações afetivas na festa da Micarande. Neste sentido, percebemos que as mudanças frenéticas que ocorrem nos relacionamentos afetivos da contemporaneidade nos possibilitaram observar que parte da sociedade olha para as relações afetivas do

outro e a própria com mais liberdade na maneira de conceber as relações amoroso-afetivas, apesar de impactos que alguns indivíduos sentem.

Especificamente sobre as relações na Micarande, por ter sido uma festa carnavalesca e móvel, era vista por alguns foliões como o espaço do permitido, do “tudo” pode ser praticado naqueles dias de festas, e por outros como experiências permeadas pelo exagero, consolidando uma nova forma de ver, dizer e pensar o espaço festivo e as relações afetivas para parte dos indivíduos da cidade de Campina Grande.

Portanto, a festa teve sua última edição em 2008 deixando nos seus praticantes marcas e desejos de experiências transformadoras e transgressoras, assim é este texto que estamos colocando um ponto, que também nos deixou experiências.

## **FONTES**

### **1. Fontes impressas**

#### **Periódicos**

Jornal da Paraíba – anos 1989 a 2008

Diário da Borborema – anos de 1989 a 2009

#### **Folhetos e guias de publicidade**

### **2. Depoimentos orais com diversos sujeitos que participaram da Micarande**

## REFERÊNCIAS

ABREU, Carla Luzia. Um olhar sobre as construções de identidades de gênero na contemporaneidade. *Visualidades (UFG)*, v. 8, p. 191-205, 2010.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fragmentos de um Discurso Cultural: por uma análise crítica das categorias e conceitos que embasam o discurso sobre a cultura no Brasil. Texto disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>

\_\_\_\_\_. Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: \_\_\_\_\_. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: Edusc, 2007

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. & EUGENIO, Fernanda. (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

ARANHA, Gervácio B. *Modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)*. Campinas: Unicamp, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005a.

\_\_\_\_\_. *Medo líquido*. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e ambivalência*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

ANSART, Pierre. “História e memória dos ressentimentos”. In BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (org.) **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. pp. 15-34.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BENATTI, Antonio Paulo. “História, Ciência, Escritura e Política”. In: RAGO, Margareth & GIMENES, Renato A. de O. (orgs). Narrar o passado, repensar a história. Campinas, SP: UNICAMP, 2000.

BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de psicologia social*. São Paulo: ateliê editorial, 2003.

BRUNELLI, Delir. O que é mesmo gênero. In: Sonhos e sementes: Reflexões sobre gênero e vida consagrada. Rio de Janeiro: Cadernos da CRB, 2000.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CARVALHO, Maria da Penha F. S.. A crítica de Judith Butler às normas que governam gênero e sexualidade. *Ethica (UGF)*, v. 17, p. 81-92, 2010.

CAVALCANTI, Silêde Leila O. *Mulheres modernas, mulheres tuteladas*. Mestrado em História. Recife: UFPE, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção de Cotidiano: 1- artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *Cultura no Plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. Operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1999. P. 65-109.

CORBAIN, Alan. O prazer do historiador. Texto disponível no site [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882005000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000100002)

COSTA, Jurandir Freire, *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 2001.

DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. *Usos & Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FRAGA, Alex Branco, *Corpo, identidade e bom-mocismo – cotidiano de uma adolescência bem-comportada/ Alex Branco Fraga*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Ed. Loyola. 1996.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do Saber*. 2ª Ed. Tradução Luiz Filipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1986. p. 23-45.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *A produção cultural do Corpo*. In: *Corpo, Gênero e sexualidade- Um debate contemporâneo na educação*. Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 3 ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GURJÃO, Eliete de Queiroz (Org.). *Imagens multifacetadas da história de Campina Grande*. Campina Grande: Secretaria de Educação. 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva e memória individual*. São Paulo: Edições Vértice, 1990, pp 25-32.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNIOR, Gilson Porto. *História do Tempo Presente*. Editora: Edusc. 2007.

JUSTO, José Sterza. *O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n1/v17n1a05.pdf> visitado em 10 de agosto de 2011.

LAMAS, Marta. *Gênero: os conflitos e desafios do novo paradigma*. Proposta. n.84/85, mar./ago., p.13-25, 2000.

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: \_\_\_\_\_. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução de Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEVI, Giovanni & SCHMITT, Jean-Claude. *História dos Jovens*. Tradução Paulo Neves; Nilson Moulin; Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Elisabeth Cristina de Andrade. *A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano João Pessoa*: Idéia, 2002.

LIPVETSKY, Gilles, (1944). *Os tempos hipermodernos*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

\_\_\_\_\_. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'água, 1983.

LOURO, Guacira Lopes. Nas Redes do Conceito de Gênero. In: LOPES, Marta Julia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina (org.) *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós- modernas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

NETA, Orgides Maria da Silva. *Vidas Desperdiçadas*. Resenha in *Revista ACOALFAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa*, São Paulo, ano 2, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.mocambras.org>> e ou <<http://www.acoalfaplp.org>>. Publicado em: setembro 2007.

ORTEGA, Francisco. *O Corpo Incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PESAVENTO, Sandra, J. *História & História Cultural*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

REITH, Flávia. Ficar e namorar. IN: BRUGCHINI, Cristine e Hollanda, Heloísa Buarque de. (orgs). *Horizontes Plurais – novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: FCC. Ed. \_\_\_\_\_. 1998. P.111-133.

REZENDE, Antonio Paulo. 'As seduções do efêmero e a construção da história: as múltiplas estações da solidão e os círculos do tempo'. IN: Marina Haizenreder Ertzogue & Temis Gomes Parente (orgs). História e Sensibilidade. Brasília: Paralelo 15, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SAYÃO, Bianca. O que mudou no processo de paquera entre homens e mulheres.... Disponível em [www.biasayao.wordpress.com/paquera](http://www.biasayao.wordpress.com/paquera), acessado em 26/07/2010.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 2 Ed. rev. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, Vanicléia Silva. Os ritos e os ritmos da micareta no sertão da Bahia. In: Projeto História: Festas, Ritmos, Celebrações. São Paulo: EDUC, 2004.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. *Enredando Campina Grande nas teias da cultura: (des)inventando festas e (re)inventando a cidade - 1965-2002*. Dissertação de mestrado. Recife: UFPE, 2009.

\_\_\_\_\_. *Os carnavais de Campina Grande – 1970-1995: a (des)invenção dos carnavais como campos de batalha e espaços de festejo e comemoração*. Trabalho de monografia. Campina Grande: UFCG, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. *Educação e Realidade*. v.20, n.2, Porto Alegre, p. 71-99, jul./dez., 1995.

\_\_\_\_\_. Prefácio a *Gender and Politics of History*. *Cadernos Pagu*. n. 3, p.11- 27, 1994.

SILVA, Keila Queiroz e. *Os corpos enrugados e meus outros espelhos etários*. Tese de doutorado em Sociologia, UFPB, 2008.

SIMMEL, Georg. O segredo. Revista Política e Trabalho. Tradução de Simone Carneiro Maldonado PPGCS-UEPB N° 15, Setembro de 1999. Disponível no site <http://reocities.com/CollegePark/library/8429/index15.html>

SOUZA, Antonio Clarindo B. de. *Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de doutorado. Recife: UFPE, 2002.

TRIPOLI, Suzana Guimarães. A arte de viver do adolescente: a travessia entre a criança e o adulto. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

TREBITSCH, Michel. A função epistemológica e ideológica da História Oral no discurso da História Contemporânea. In: Moraes, Marieta(Org.). História Oral e Multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Diadorim/FINEP, 1994.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## APÊNDICES

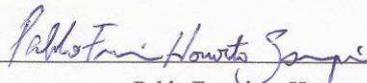
**APÊNDICE – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE IMAGENS E/OU  
DEPOIMENTOS POR PARTE DOS ENTREVISTADOS.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

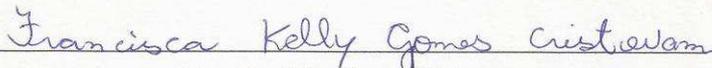
**SOLICITAÇÃO**

A Pablo Francisco Honorato Sampaio

Na condição de aluna do mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, venho solicitar a vossa autorização para a publicação de imagens e/ou depoimentos concedidos por você sobre a festa carnavalesca da Micarande e as relações afetivas amorosas, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, em trabalhos acadêmicos,



Pablo Francisco Honorato Sampaio



Francisca Kelly Gomes Cristovam

(Mestranda)

Campina Grande, 10 de fevereiro de 2012

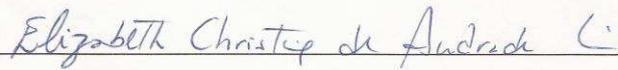
APÊNDICE – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE IMAGENS E/OU  
DEPOIMENTOS POR PARTE DOS ENTREVISTADOS.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

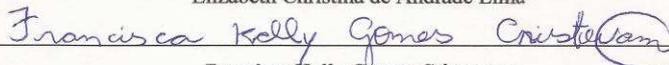
SOLICITAÇÃO

A Elizabeth Christina de Andrade Lima

Na condição de aluna do mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, venho solicitar a vossa autorização para a publicação de imagens e/ou depoimentos concedidos por você sobre a festa carnavalesca da Micarande e as relações afetivas amorosas, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, em trabalhos acadêmicos.



Elizabeth Christina de Andrade Lima



Francisca Kelly Gomes Cristovam

(Mestranda)

Campina Grande, 10 de fevereiro de 2012

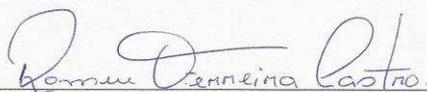
APÊNDICE – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE IMAGENS E/OU DEPOIMENTOS POR PARTE DOS ENTREVISTADOS.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

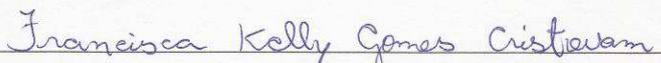
SOLICITAÇÃO

A ROMEU FERREIRA CASTRO

Na condição de aluna do mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, venho solicitar a vossa autorização para a publicação de imagens e/ou depoimentos concedidos por você sobre a festa carnavalesca da Micarande e as relações afetivas amorosas, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, em trabalhos acadêmicos,



Romeu Ferreira Castro



Francisca Kelly Gomes Cristovam

(Mestranda)

Campina Grande, 10 de fevereiro de 2012

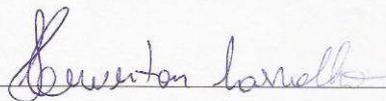
APÊNDICE – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE IMAGENS E/OU DEPOIMENTOS POR PARTE DOS ENTREVISTADOS.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

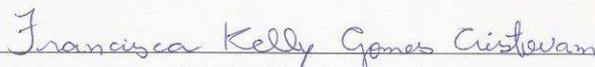
SOLICITAÇÃO

A HEWERTON DANTAS DE CARVALHO

Na condição de aluna do mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, venho solicitar a vossa autorização para a publicação de imagens e/ou depoimentos concedidos por você sobre a festa carnavalesca da Micarande e as relações afetivas amorosas, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, em trabalhos acadêmicos.



Hewerton Dantas de Carvalho



Francisca Kelly Gomes Cristovam

(Mestranda)

Campina Grande, 10 de fevereiro de 2012

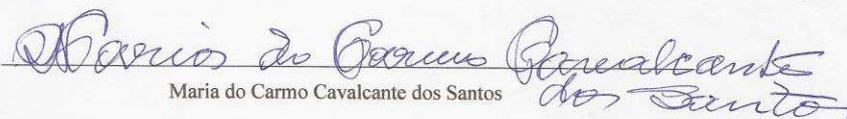
APÊNDICE – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE IMAGENS E/OU DEPOIMENTOS POR PARTE DOS ENTREVISTADOS.

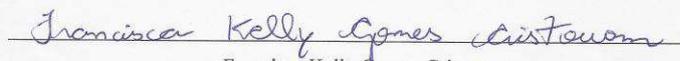
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

SOLICITAÇÃO

A Maria do Carmo Cavalcante dos Santos

Na condição de aluna do mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, venho solicitar a vossa autorização para a publicação de imagens e/ou depoimentos concedidos por você sobre a festa carnavalesca da Micarande e as relações afetivas amorosas, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, em trabalhos acadêmicos,

  
Maria do Carmo Cavalcante dos Santos

  
Francisca Kelly Gomes Cristovam  
(Mestranda)

Campina Grande, 10 de fevereiro de 2012

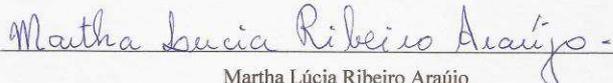
APÊNDICE – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE IMAGENS E/OU DEPOIMENTOS POR PARTE DOS ENTREVISTADOS.

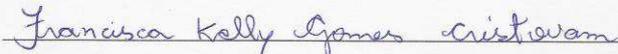
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

SOLICITAÇÃO

A Martha Lúcia Ribeiro Araújo

Na condição de aluna do mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, venho solicitar a vossa autorização para a publicação de imagens e/ou depoimentos concedidos por você sobre a festa carnavalesca da Micarande e as relações afetivas amorosas, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, em trabalhos acadêmicos,

  
\_\_\_\_\_  
Martha Lúcia Ribeiro Araújo

  
\_\_\_\_\_  
Francisca Kelly Gomes Cristovam  
(Mestranda)

Campina Grande, 10 de fevereiro de 2012

APÊNDICE – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE IMAGENS E/OU DEPOIMENTOS POR PARTE DOS ENTREVISTADOS.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

SOLICITAÇÃO

A Telma dos Santos Afonso

Na condição de aluna do mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, venho solicitar a vossa autorização para a publicação de imagens e/ou depoimentos concedidos por você sobre a festa carnavalesca da Micarande e as relações afetivas amorosas, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, em trabalhos acadêmicos.

*Telma dos Santos Afonso*

Telma dos Santos Afonso

*Francisca Kelly Gomes Cristovam*

Francisca Kelly Gomes Cristovam  
(Mestranda)

Campina Grande, 10 de fevereiro de 2012

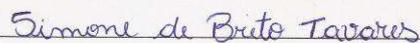
APÊNDICE – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE IMAGENS E/OU DEPOIMENTOS POR PARTE DOS ENTREVISTADOS.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

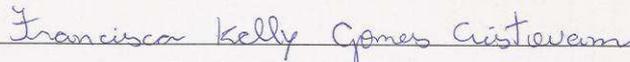
SOLICITAÇÃO

A Simone de Brito Tavares

Na condição de aluna do mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, venho solicitar a vossa autorização para a publicação de imagens e/ou depoimentos concedidos por você sobre a festa carnavalesca da Micarande e as relações afetivas amorosas, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, em trabalhos acadêmicos,



Simone de Brito Tavares



Francisca Kelly Gomes Cristovam

(Mestranda)

Campina Grande, 10 de fevereiro de 2012

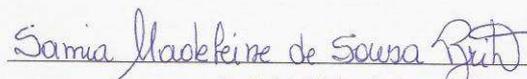
APÊNDICE – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE IMAGENS E/OU DEPOIMENTOS POR PARTE DOS ENTREVISTADOS.

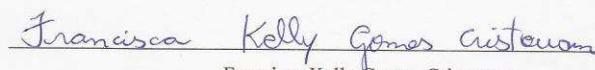
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

SOLICITAÇÃO

A Samia Madeleine de Sousa Brito

Na condição de aluna do mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, venho solicitar a vossa autorização para a publicação de imagens e/ou depoimentos concedidos por você sobre a festa carnavalesca da Micarande e as relações afetivas amorosas, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, em trabalhos acadêmicos.

  
\_\_\_\_\_  
Samia Madeleine de Sousa Brito

  
\_\_\_\_\_  
Francisca Kelly Gomes Cristovam  
(Mestranda)

Campina Grande, 10 de fevereiro de 2012

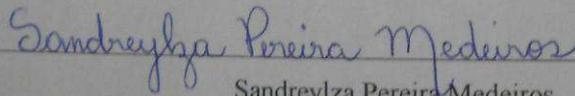
APÊNDICE – AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE IMAGENS E/OU  
DEPOIMENTOS POR PARTE DOS ENTREVISTADOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

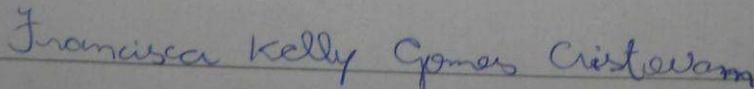
SOLICITAÇÃO

A Sandreylza Pereira Medeiros

Na condição de aluna do mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, venho solicitar a vossa autorização para a publicação de imagens e/ou depoimentos concedidos por você sobre a festa carnavalesca da Micarande e as relações afetivas amorosas, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, em trabalhos acadêmicos.



Sandreylza Pereira Medeiros



Francisca Kelly Gomes Cristovam

(Mestranda)

Campina Grande, 10 de fevereiro de 2012